

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

Mariana Corradi Bruno

**Uma tese preta com chão verde e limões:
escrevivências de professoras-psicólogas negras e a academia**

Juiz de Fora
2025

Mariana Corradi Bruno

Uma tese preta com chão verde e limões:
escrevivências de professoras-psicólogas negras e a academia

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientador: Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Corradi Bruno, Mariana.

Uma tese preta com chão verde e limões : escrituras de professoras-psicólogas negras e a academia / Mariana Corradi Bruno. -- 2025.

175 p.

Orientador: Jader Janer Moreira Lopes

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Escrituras. 2. Professoras Negras. 3. Psicologia. 4. Resistência. 5. Docência. I. Lopes, Jader Janer Moreira, orient. II. Título.

Mariana Corradi Bruno

Uma tese preta com chão verde e limões: escritórias de professoras-psicólogas negras e a academia

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Dr(a). Jader Janer Moreira Lopes - Orientador(a) e Presidente da Banca

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Mariana Cassab Torres

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Josias Teodoro Guedes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr(a). Ana Lúcia Adriana Costa e Lopes

Universidade Federal Fluminense

Dr(a). Cláudia da Costa Guimarães Gomes

Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro

Dr(a). Luiz Miguel Pereira

Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora, 07/11/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Jader Janer Moreira Lopes, Professor(a)**, em 15/12/2025, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Miguel Pereira, Usuário Externo**, em 05/01/2026, às 15:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Cassab Torres, Professor(a)**, em 06/01/2026, às 08:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josias Teodoro Guedes, Usuário Externo**, em 06/01/2026, às 12:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lúcia Adriana Costa e Lopes, Usuário Externo**, em 07/01/2026, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cláudia da Costa Guimarães Gomes, Usuário Externo**, em 12/02/2026, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2730197** e o código CRC **61AEC64C**.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho se tornasse possível, muitas pessoas caminharam junto a mim, compartilhando passos, experiências e afetos, por isso, minha eterna gratidão:

Agradeço a Deus, aos Santos e às entidades que tanto clamei, e à espiritualidade que nunca me deixou cair. Que a vela acesa continue iluminando meus caminhos, mesmo nos momentos mais escuros.

À minha família, minha raiz e meu abrigo em especial, minha mãe Regina e minhas irmãs Daniela e Dayane, obrigada pelo amor silencioso e pelo suporte constante. Ao meu companheiro Gabriel, meu porto seguro, obrigada por segurar as pontas da vida enquanto eu me perdia e me ausentava. Eu te amo até o fim. Obrigada vovó que mesmo ausente de corpo, se faz presente.

Agradeço ao meu orientador professor Doutor Jader Janer Moreira Lopes, que reacendeu em mim o prazer de estudar, de investigar e de criar. Obrigada por respeitar meu jeito de escrever, meu tempo, minhas formas de ser e estar no mundo. Aos membros da banca de qualificação e de defesa, cada linha deste trabalho carrega um pouco de vocês.

Às professoras que aceitaram compartilhar suas escrevivências, meu mais profundo agradecimento: sem vocês, este trabalho não existiria.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pelo apoio e pelas oportunidades oferecidas, inclusive de natureza financeira. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo suporte financeiro concedido ao longo desta trajetória. Viva a universidade pública de qualidade, viva a educação que transforma!

Aos meus colegas do GRUPEGI, vocês são sensacionais. Aprendo muito com vocês, obrigada pela partilha de conhecimento, sensibilidade e de vivências.

Obrigada ao meu colega Josias, que sempre me enviava mensagem perguntando se eu estava bem.

Lais, minha psicóloga querida, obrigada por ouvir meus silêncios e minhas palavras, por manter meu psicológico de pé, sempre. Raquel, minha amiga desde o mestrado, obrigada por caminhar comigo através das mensagens, risadas e confidências.

Aos meus alunos, minha gratidão infinita: aprendi com cada gesto, cada pergunta e cada olhar atento.

E, acima de tudo, obrigada à vida, por seu fluxo ininterrupto, por me conduzir, me ensinar e me surpreender nos caminhos destes quatro anos de doutorado.

*Do fundo do meu coração
Do mais profundo canto em meu interior,
Pro mundo em decomposição
Escrevo como quem manda cartas de amor...*

Emicida

RESUMO

Esta tese apresenta a compreensão das escrevivências de seis professoras negras formadas em Psicologia, tendo como principal material de investigação cartas autobiográficas. A pesquisa buscou compreender como sentimentos, afetos e sentidos emergem no cotidiano acadêmico, revelando intensidades, ressonâncias e dissonâncias que atravessam suas trajetórias. As cartas evidenciam a construção de modos singulares de permanência, resistência e criação de espaços afetivamente significativos, fortalecendo redes de cuidado entre mulheres negras e indicando que a dororidade se configura como ponto de confluência dessas escrevivências. Mesmo diante de desafios enfrentados na docência, atravessados pelo racismo, pelo machismo, sexismo e pela precarização do ensino, essas professoras desenvolvem práticas de resistência, cuidado e criação pedagógica. Ao compartilhar suas experiências, tecem-se redes de força que transformam o espaço acadêmico em um território de reconhecimento, inspiração e potência coletiva, onde ensinar, viver e compartilhar se tornam atos de afirmação, luta e existência.

Palavras-Chave: Escrevivências. Professoras negras. Psicologia. Resistência. Docência.

ABSTRACT

This thesis presents a comprehension of the *escrevivências* of six Black women professors trained in Psychology, using autobiographical letters as the main material of investigation. The research sought to understand how feelings, affects, and meanings emerge in the academic daily life, revealing intensities, resonances, and dissonances that traverse their trajectories. The letters highlight the construction of unique modes of endurance, resistance, and creation of affectively significant spaces, strengthening networks of care among Black women and indicating that *dororidade* emerges as a point of convergence in these *escrevivências*. Even in the face of challenges in teaching, shaped by racism, sexism, and the precarization of education, these professors develop practices of resistance, care, and pedagogical creativity. By sharing their experiences, networks of strength are woven that transform the academic space into a territory of recognition, inspiration, and collective power, where teaching, living, and sharing become acts of affirmation, struggle, and existence.

Keywords: *Escrevivências*. Black female professor. Psychology. Resistance. Teaching.

SUMÁRIO AFETIVO: CAMINHOS PERCORRIDOS

Refletir: como quem se olha por dentro — p.7

revisitar aquilo que se é que já foi. A lembrança é atemporal.

O lugar da escrita acadêmica como demarcação de poder: quem está autorizado a escrever? — p.19

quando o silêncio tenta calar, a palavra abre caminho.

Um território novo: o começo na docência, o caminhar e os des(dobramentos) a partir do ato da vida — p.31

cada passo em sala é chão que se inventa.

Entre rupturas e cria(ções): construindo pontes alternativas para uma psicologia outra no fazer docente — p.47

Arriscar naquilo que te incomoda.

Pé de limão, ardósia verde brilhante e o galho de natal: elementos pele-memória — p.87

as cores, os cheiros e as lembranças que escrevem conosco.

Escrevivências compartilhadas: cartas que anunciam o existir — p.102

seis vozes, seis corpos, a mesmo batida.

Confluências — p.145

rios de experiências que se encontram e formam mar.

Considerações em movimento, não finais — p.160

porque fim não existe, acredito em travessias.

Carta para você, criança! — p.162

um colo escrito no tempo.

Referências — p.165

os ecos que sustentam o caminho.

Saravá — 170

o que foi, ao que é e ao que ainda há de ser.

Saravá

Peço licença para a abertura deste trabalho

REFLETIR: COMO QUEM SE OLHA POR DENTRO

Caro leitor, me chamo Mariana e resolvi iniciar esse trabalho convocando você a se aproximar de algumas reflexões. Já inicio por dizer que essa pesquisa tem como objetivo, aproximar das escrevivências de docentes negras com formação em psicologia. E qual é o motivo de optar por caminhar pelas nuances das escrevivências? Por que lançar mão de uma pesquisa que conta histórias e se debruça em geografias? Por que esse desejo de narrar vidas, suas historicidades e espacialidades? O que seria escrevivência? Entendo que qualquer questão de pesquisa emerge das inquietações da vida e essa não poderia ser diferente. O maior motivo dessa tese acontecer é porque eu também sou uma docente, negra e formada em Psicologia que deseja contar sua história e a história de outras pessoas. E o desejo não seria um bom motivo para uma pesquisa acontecer?

Em um trabalho de mestrado e doutorado, costuma-se ver de início, um desenho teórico cunhado de autores para mostrar para os leitores qual a origem, a gênese, a tal necessidade de se pesquisar aquilo. De se escolher determinado tema e não outro. É muito comum de se ver pesquisas que fazem um grande esforço de pautar sua justificativa no outro. De certo, quase tudo está no outro. Esse outro para Bakhtin (2011) está em todas as nossas relações sociais, pois o outro media o nosso viver. A partir das influências desse outro, que é o de fora, o externo, vou me construindo. Nas palavras de Bakhtin (2011)

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional (BAKHTIN, 2011, p.373).

Mas não estamos simplesmente à mercê desse outro, pois esse outro também sou eu. Somos sempre fronteiras. Esse processo, esse ato, esse evento é então uma relação dialógica entre seres. É uma inter-ação de horizontes que vai se amalgamando e sendo elaborada com o tempo e com os muitos esbarrões nos espaços geográficos. Há a existência do outro em nós, mas não é somente o outro exterior que me compõe, exatamente por sermos e termos várias vozes. A incompletude aí se faz presente e cabe a reflexão de que somos sempre sujeitos inacabados, pois o outro sempre estará de um lado da ponte, esse outro que também é o universo, espaço, sempre lançará olhares para o meu eu, que se encontra na outra ponta da ponte. Somos inter-mediados pelo mundo e o inter-mediamos também. Estamos, eternamente, habitando fronteiras e pontes. Fios que se tecem e que nos tecem.

Daí que podemos entender que de fato tudo está no outro, mas também tudo está em nós. “[...] somente sob uma orientação dialógica interna, minha palavra se encontra na mais

íntima relação com a palavra do outro, mas sem se fundir com ela, sem absorvê-la nem absorver seu valor, ou seja, conserva inteiramente a sua autonomia enquanto palavra” (Bakhtin, 2005, p. 64). Nessa ideia de Bakhtin é possível entender como podemos transitar pelo mundo outro e pelo mundo nosso sem nos reduzir a um único mundo. Porém, não é isso que vem acontecendo no espaço acadêmico, pelo contrário, o outro se faz, às vezes, tão presente que nos apaga e como um assopro, vamos sumindo de nós e talvez até do outro, ficando apenas a essência daquilo que é exterior, daquilo que é objetivo, daquilo que é neutro, mensurável e palpável. Epidermes sem carnes e sangue, apenas epidermes.

Situações de uma instituição, que ao acolher-se e anunciar-se como espaço de ciência, padronizou e hierarquizou os saberes em um caminho único a ser seguido: o do objeto, da coisa e da objetividade. Os padrões das ciências físicas, naturais, suas leis universais, chegaram às ciências humanas e para que essas se tornassem científicas e validadas, deveriam se afastar do próprio processo de humanidade. Japiassu (1982) irá nos dizer que quanto mais as ciências humanas desejavam ser ciência, menos humanas elas se tornavam. Assim, as teorias para explicar o ser humano e seu comportamento, foram criando, padrões prévios, estabelecidos e esperados. Assim tornou a ideia de que o ser e estar do humano, já estava pré-definido. Podendo assim ser medido e calculado. Que deve se olhar para o esperado e não para o inusitado. E o campo acadêmico não escapou disso, inebriou-se nos princípios do Positivismo, do racionalismo, do evolucionismo e forjou teorias prévias a serem aplicadas ao comportamento do ser humano.

Diante disso, me pergunto, cadê o “nós” nessas justificativas? Por que existe um esforço de fazer com que a gente desapareça de nossos próprios trabalhos? Me parece que existe uma ilusão de que um trabalho pautado em muitas teorias, forjado em terceira pessoa, é um trabalho científico, inteligente e até mesmo robusto, ao contrário de um trabalho escrito em primeira pessoa, que conta a vida de quem escreve aquela tese de doutorado ou a dissertação de mestrado e até mesmo a monografia para conclusão do curso superior. A vida não se faz com a vida?

Talvez exista ali um problema que está além do simples esforço de se desaparecer de seus escritos. Entendo, de verdade que esse esforço é compelido, quase que inconscientemente pelo campo acadêmico de insistir nessa o que vou chamar aqui de “neutralidade compulsória”.

Entendo essa questão devido a herança dos postulados positivistas e dos processos que fizeram a ciência a se tornar ciência, sobretudo a partir do século XIX, virada para o XX, que continua ainda, reverberando em nossos espaços acadêmicos.

O método científico proposto por Comte, como afirma BOCK (1995), deveria dar respostas e soluções práticas no campo da técnica (p.34). O positivismo aborda o rigor metodológico, a padronização dos saberes e até mesmo dos fazeres, tornando a objetividade como o centro da ciência. Existindo assim a premissa da ordenação dos dados, porque os dados seriam objetivos e não subjetivos. O mesmo pensamento é lançado sobre as ciências humanas, o filósofo propunha que da mesma forma que se fazia ciência através das ciências naturais, era de ser feita com as ciências sociais, ou seja, a partir de métodos, de respostas, de observações para explicar os fenômenos e sempre pautada na neutralidade dos cientistas. O positivismo sempre quer saber o motivo das coisas e esse motivo necessariamente é dado, é posto e é único. Gera a busca por leis universais. Entendo que dar respostas as questões do mundo se tornam muitas vezes impossíveis, pelo fato desse mundo ser composto por uma atmosfera política, geográfica, histórica e cultural. Naquilo que Bakhtin (2011) chamou do constante inacabamento da vida. De a vida estar sempre em processo. As Ciências Humanas, para se tornar humanas devem reconhecer a vida na vida. Daí que essa tese, muitas vezes será marcada por perguntas e não respostas. Pelo simples fato de a vida ser assim e precisamos começar a lidar com isso nas pesquisas. Escrever sobre a vida é reconhecer que o registro sempre traz o movimento já existido.

Quando adentramos ao meio acadêmico, muitas coisas mudam de lugar. Nossos pensamentos passam a ser influenciados pela lógica de uma ciência única. Aprendemos nas universidades que devemos ter algum respaldo teórico para afirmamos algo. O senso comum é colocado em uma prateleira esquecida, o Buscopan¹ passa a superar o chá de boldo que era colhido no quintal de alguma querida vovó². Contudo, é necessário pensarmos de onde vem essa ciência que se faz tão importante neste meio. Lowy (2009) já nos dá pista que esta ciência tem sexo: os homens. Tem local geográfico: o ocidente. Tem classe social: a classe dominante. Hirata (2014) acrescenta mais um elemento: a cor. E a cor é branca. Portanto, o discurso de neutralidade e de cientificismo faz parte de um projeto colonial, que nos tira de cena, que nos exige uma neutralidade, que nos coloca amarras epistêmicas. Que deslegitima o chá de boldo

¹o medicamento alivia a dor e o desconforto abdominal, desde os casos mais leves até os moderados e intensos causados por cólicas e espasmos que ocorrem no estômago e intestino, mas também no útero ou bexiga.

² Boldo é uma planta muito conhecido pelos brasileiros, mas que tem sua origem no continente africano. É tradicionalmente visto em muitos quintais, sendo aconselhado pelos mais velhos a fazer o chá, para melhorar algum desconforto na barriga. Leia mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2023/12/cha-de-boldo-para-que-serve-beneficios-e-como-fazer-clqha5zfm003t015ufh21064m.html#:~:text=O%20ch%C3%A1%20de%20boldo%20%C3%A9,desconforto%20comum%20em%20algumas%20pessoas.>

para focar em um mundo composto apenas por Buscopans. Por qual motivo não podemos partilhar um mundo de boldos e de buscopans? Por qual motivo anular um saber e valorizar apenas outros, violentar uma forma de pensar para que outras forma se torne norma? Esse modo de pensar a ciência de forma conservadora, sem gente sendo gente, moendo corpos a troco de ego. “Esse padrão que humilha candidatos a uma vaga de mestrado e doutorado na banca de seleção, que por puro sadismo, ridiculariza pesquisadores de pós-graduação em suas bancas de defesa diante de suas famílias e muito mais”. (CARINE, 2025, p.21).

Cito anteriormente que o boldo é uma planta muito comum em quintais dos brasileiros. Eu sendo brasileira e mineira, pois nasci em Belo Horizonte (MG) não seria diferente. Minha avó morava em uma casa que tinha um quintal cheio de pés de boldo. Pensar na planta é pensar em minha querida avó. No quintal sentimos a proximidade e a fusão dos seres com os animais, com as plantas e com o chão. Nos quintais somos seres à moda paisagem (LOPES, 2023). É pensar nas vezes em que ela colheu o boldo com suas mãos finas e enrugadinhas para fazer um chá para aliviar alguma dor de barriga que estava nos aborrecendo. O amor ao outro era mediado com os saberes do mundo e dos quintais. Por que não pensar em uma ciência que também pode ser quintal?

Deixo aqui para você, um registro fotográfico direto da casa dela. Seu quintal diminuiu, não nego que o concreto cinza tomou parte de grande parte de suas plantas, mas o boldo ficou. Onde tem gente, tem dor de barriga não é mesmo? O boldo permanece!



Figura 1: Pé de boldo em um vaso em um pedaço do quintal de minha avó materna. Arquivo pessoal

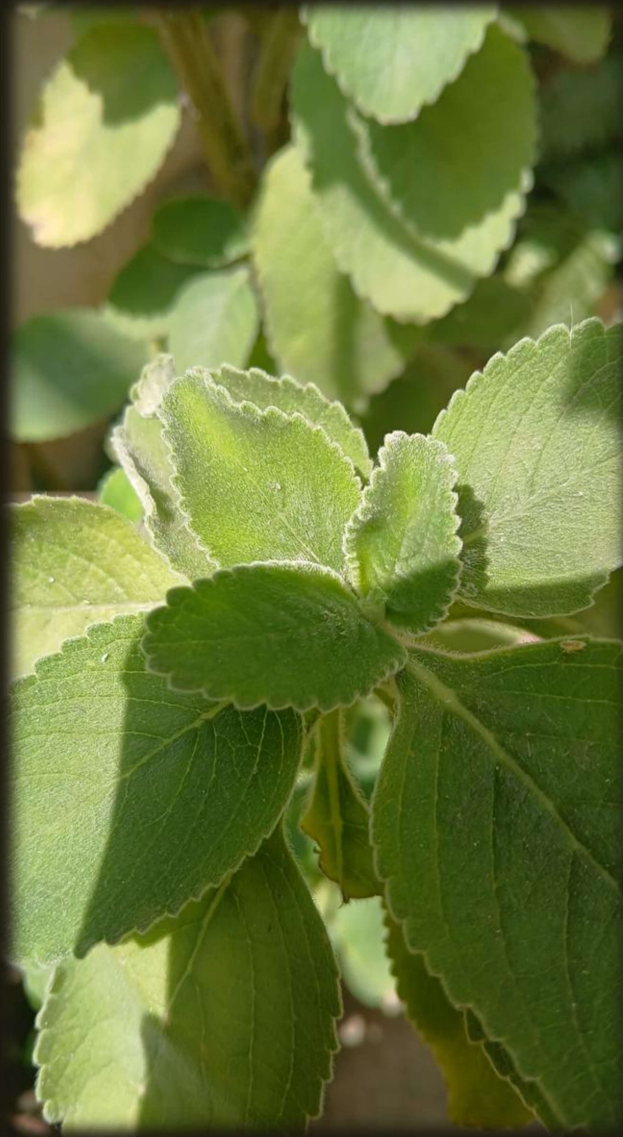


Figura 2: Folha do boldo visto de perto. Arquivo pessoal

Boldo faz parte do mundo, o quintal faz parte do mundo, a terra faz parte desse mundo, minha avó e sua sabedoria também. Por qual motivo seria prudente ocultarmos do campo acadêmico, esses seres e elementos tão lindos? Que pesquisa é essa que não se pode colocar vida? É pautando nessa crítica que faço em relação ao desaparecimento da gente num mundo de gente que começo a tecer as minhas justificativas em pesquisar sobre as narrativas docentes e ainda me colocar como a docente principal a narrar a sua história. Não é à toa que nesta tese,

escrevo em primeira pessoa e não em terceira como costumamos ver na maioria dos trabalhos. Leite (2024) já anuncia, que escrever dessa forma, requerer muita coragem:

Por incrível que pareça escrever em um texto acadêmico usando a primeira pessoa do singular requer muita coragem! Coragem para enfrentar um conjunto regras impostas por sistemas burocráticos, por teorias datadas, por professores que desaconselham este tipo de escrita em aulas e orientações, por bibliotecas universitárias que muitas vezes negam a publicação daquilo que foge à norma técnica, ou ainda, por linhas de pesquisas vinculadas aos programas de pós-graduação que operam de modo mais conservador, enfim, a escrita acadêmica que assume o tom autorial ou mais ensaístico com vistas a dar visibilidade para quem assina a própria pesquisa, vai na contramão dos cânones que padronizam a produção acadêmica (LEITE, 2024, p.2).

Lopes (2021) também afirma que é preciso coragem para alargar nossa escrita, nossas linguagens e existências. Para o autor, é frequente que esbarremos com condições normativas em relação a nossa tentativa de escrita outra. E acredito que essas condições possam ser de ordem objetiva e subjetiva.

Concordo com os autores. É preciso coragem e coragem eu tenho de sobra. Por isso, colocarei elementos diferentes nesta tese, você verá fontes diferentes, tamanhos diferentes, cortes no texto sem anunciar antes que isso irá acontecer. No fim tudo fará sentido(s), no plural! Essa não linearidade da forma que montamos a tese reflete como é a vida. A vida (é) em vários encontros, ela nunca está pronta, acabada. A vida é vinda, é ainda, é fazer, é desfazer, é chorar, é sorrir, é pensar, é não pensar, é movimentar, ficar parado, dançar com as mãos para cima, com os pés tortos, é balbuciar, é colocar nome no cachorro. A vida é tanta coisa, que não tem como ser um plano temporal linear em um fio sem cortes. Por que a pesquisa deveria de ser? Os cortes são necessários. Pesquisa exclamação! Um fio e um corte. Exclamar! Bradar! As muitas vozes e vidas.

!

É importante salientar que eu, na posição de orientanda, de uma pessoa em processo de doutorado, sou acompanhada por uma pessoa com o objetivo de orientar esse processo. Se nesta tese, posso dar contornos outros a ela, agradeço a Jader meu orientador. Você topou a caminhar comigo nesta estética da tese, respeitaram e entenderam que nosso encontro é baseado em afetos e assim, fomos afetados De acordo com Espinoza (2018, p. 162): “um afeto não pode ser

refreado nem anulado senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado”. Aqui destaco que no campo acadêmico, já fui muito afetada negativamente, mas hoje no doutorado, esse afeto negativo foi combatido justamente pelo afeto contrário como bem aponta Espinoza (2018). O respeito, a força, as mãos dadas neste processo, foram importantes para que não só a pesquisa se firme enquanto um campo científico potente, mas o meu corpo se fortalece à medida que topamos com seres que topam o amor, que topam viver a amorosidade da vida. Como é bom encontrar nos encontros da vida, gente que é gente. Gente que faz acontecer as “composições de relações combináveis, agenciamentos, que aumentem a nossa potência” (DELEUZE 2002, p. 29).

Minha potência caminha por outros locais potentes, como a sala de aula. Fui, recentemente professora em uma faculdade privada no interior de Minas Gerais. Sou uma docente corajosa e iniciante, que tem muitas histórias para contar dessa etapa tão nova em minha vida. Além de professora, como já expressado anteriormente, sou uma mulher negra, jovem, gorda e oriunda da camada popular. São várias intersecções que compõem a minha história, as minhas experiências e conseqüentemente o meu eu. São a partir delas que teço meu viver, o meu caminhar e minhas narrativas e talvez vocês se identifiquem com algumas. Sim, vocês vão ver teóricos e teorias nesse trabalho, pois quem disse que pesquisadores tecendo suas próprias narrativas não é fazer ciência? E como toda ciência ela deve ser fundamentada, porém, a noção de fundamentação que aqui descrevo é a do diálogo, do encontro com o outro e pelo outro. Minhas referências são muitas gentes, plantas, animais, paisagens, também, claro, autores considerados canônicos, mas como desejo a ciência que é quintal, estão todos sentados no mesmo chão de terra batida.

O diferencial deste trabalho é que eu estarei como a mola propulsora desse estudo, farei ele girar a partir de minha narrativa que também é uma vida que está na vida, vivenciando todas as alegrias e as mazelas desse ser humano, que é um ser um ser social e, como ser sociocultural, essa é uma narrativa legítima. Há uma autoria! Vozes que anunciam o existir em encontros.

No encontro, um incômodo...

Meu incômodo com essa questão do desaparecimento do autor nos trabalhos começou a partir do mestrado, nele pesquisei a autoridade de professoras iniciantes. O intuito era saber se o fator gênero era um elemento que influenciava na constante falta de autoridade de professoras dentro de sala de aula. Foi um período da minha vida que me machucou muito,

fiquei doente fisicamente e mentalmente. Fui diagnosticada com depressão e transtorno de ansiedade generalizada (TAG), fiz acompanhamento psiquiátrico por um tempo e acompanhamento psicológico. Fiz uso de medicamentos compostos por alta dosagem. Os efeitos me deixavam em alerta e ao mesmo tempo muito cansada. Os remédios eram caros, a bolsa de mestrado já não conseguia pagar todas as minhas despesas. Fiz uma enorme dívida em meu cartão de crédito para custear os medicamentos. Tive que optar entre um tratamento e optei pelo psiquiátrico, pois o remédio agia mais rápido, a academia tinha muita pressa e as agências institucionais que regulam a vida acadêmica na pós-graduação também. Não aceitavam o meu tempo de viver a vida. Recebi um diagnóstico parado no tempo. É como se tivessem tirado uma foto minha daquele momento, daquele único momento e a partir dele, me diagnosticaram. Nem ansiedade generalizada, nem depressão. Era capitalismo combinado a uma estrutura academicista, colonizadora e racista. Diagnósticos são importantes (quando necessários), mas não podemos diagnosticar alguém sem pensarmos na realidade do sujeito e no contexto histórico, político e cultural da sociedade. Daí que a saúde mental danificada não é um fator meramente individual. Assim delimitam, o existir humano em recortes temporais, eu, como mestranda, estava nele. As temporalidades se forjam diferentes no viver, mas a hegemonia de algumas oprime os outros tempos, inclusive o das diferenças humanas de ser e estar no mundo. O tempo produtividade da modernidade fabril e industrial apontava para o campo intelectual.

Eu sabia que um dos motivos do meu adoecimento era por conta da forma que acontecia a pesquisa. Além da cobrança de estar dentro dos prazos sobre entrega de trabalho, existia a cobrança de ser neutra na pesquisa, de usar palavras e expressões consideradas de alta complexidade (para quem?) de escrever de forma parecida com outros pesquisadores, ser um igual e não se valer pela diferença. Lembro-me que tentei ousar na escritura do texto, redigi de forma que eu ficasse confortável, foi a primeira vez que digitei sem tremer as mãos, mas, esses movimentos geopolíticos que chegam aos campos dos saberes, me anunciava outro caminho para tecer minhas palavras. Acabei o seguindo. Abandonar as palavras era abandonar pessoas, inclusive a minha própria.

A pesquisadora, escritora e doutora Bárbara Carine em seu livro “E eu não sou uma intelectual?”. ilustrou muito bem aquilo que sinto sobre este assunto. Para a estudiosa: “A escrita, é sobretudo, um espaço de acolhida e de liberdade. Se ela se tornar um local de tensão e de contrariedade de si, perde a essência e é esvaziada. Uma escrita crua, seca, sem alma é reflexo de uma pessoa escritora sequestrada de si” (CARINE, 2025, p.61).

No fim, eu elaborei um trabalho que não me representava, toda a escrita não era minha. Eu não escrevo daquela forma, eu não sou aquela pesquisadora. Eu me perguntei por meses em por onde eu estava o tempo todo? Para onde eu fui parar? Fui apagando como Mariana, fui ficando sem ter o que contar. Depois das primeiras palavras perdidas, fiquei meses deitada, sem dinheiro, sem vontade de viver, de continuar sendo pesquisadora. O sentido do título evidenciava sobre meu corpo todas as redes de significados que vivenciei. A bolsa havia terminado, sou psicóloga por formação, mas eu não tinha nenhuma condição emocional, corporal, mental, do meu eu em totalidade, de realizar atendimentos. Me encontrava desempregada, sem medicamento, sem terapia, sem uma alimentação adequada e com um diploma no bolso que até então eu não sabia o que fazer com ele.

Fiz o mestrado em uma cidade diferente da minha, sou nascida em Belo Horizonte. Para realizá-lo eu precisei mudar de localidade. Na situação de desemprego e sem a bolsa que até então eu recebia, o cenário era voltar para a casa de minha mãe, na capital do estado de Minas Gerais, porém eu não queria isso. A saída? Tentar um doutorado para possivelmente conseguir uma bolsa e continuar me mantendo na cidade em que já me encontrava. Mas não foi somente pelo dinheiro que resolvi tentar o processo de doutoramento, eu queria continuar de onde eu parei, eu queria ser pesquisadora, continuar estudando, conhecendo, vivendo, de me apropriar desse mundo que também era meu. O dinheiro ajudaria em muitas instâncias, mas o desejo a vida era maior. Eu não aceitaria ser apagada pelo sistema, esse corpo negro ocuparia tal lugar, por direito! E ocupou! Tenho ocupado!

Ao descrever essa sensação, me lembrei de Cecília Meireles, em sua poesia ‘‘ Motivo’’:

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.

E um dia sei que estarei mudo: – mais nada.

Cecília Meireles, Viagem (1939).

Na época, elaborei um projeto sobre a percepção das crianças em relação a pandemia que era o cenário caótico que até então nos encontrávamos no mundo³. Fui aprovada e de fato fiquei muito feliz. Era outro orientador e em outra instituição (UFJF). Consegui a tão sonhada bolsa e cá estou ainda que com um abalo considerável em minha saúde mental, conseguindo escrever sem ser inundada pela ansiedade. A pergunta que fica é: Quantas Marianas existem por aí? Quantas Marianas estão adoentadas por esse processo que de certa forma é violento? Quantas Marianas estão neste exato momento passando por questões parecidas com as minhas? Quantas Marianas estão por aí, silenciadas, estudando como se não houvesse amanhã, mas ainda assim com medo do futuro? É preciso ouvir essas Marianas, tirá-las do silêncio, como eu gostaria de ter sido tirada.

Então, vejam só. Essa pesquisa de doutorado será realizada não porque eu enquanto pesquisadora, percebi que existe alguma lacuna a ser respondida no campo científico, na verdade não uma lacuna já posta. Visto que até as perguntas feitas pelos pesquisadores em seus trabalhos, são fechadas. A necessidade dessa pesquisa, vem justamente da necessidade em si. A necessidade de existir num espaço-tempo uma pesquisa feita por uma pessoa que ao mesmo tempo (é). Tem vida na vida. Lembro agora da clássica passagem de Bakhtin (2003):

As ciências exatas são uma forma monológica de saber: o intelecto contempla uma coisa e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (2003, p.400).

Esse trabalho é fruto de inquietações empíricas, isto é, inquietações advindas das experiências que ao mesmo tempo é partilhada e atravessada pelas experiências dos outros, atravessadas assim por outras vozes. É o diálogo acontecendo.

Eu não poderia deixar de citar como as ideias de Bakhtin (obras diversas) tem influenciado em minha coragem de elaborar um trabalho que foge desse formato monótono das pesquisas influenciadas pelo positivismo. Bakhtin tem me permitido pensar fora dessa “caixa epistêmica”. Meu contato com esse autor se deu a partir do grupo GRUPEGI (Grupo de

³A pesquisa foi reformulada ao decorrer do processo e chegamos no tema atual. Fui percebendo ao decorrer do tempo, que faria mais sentindo pessoal, pesquisar sobre as escrevivências.

pesquisas e estudos em geografia da infância) coordenado pelo professor Jader Janer Moreira Lopes. Lembro que inicialmente fiquei bastante perdida e até houve uma desconfiança por minha parte, era tudo muito inédito, era realmente uma nova forma de se pensar sobre a pesquisa.

Esse estranhamento começou a ser transformado em admiração e logo me lembrei que era justamente por não ter pensado dessa forma, que eu adoeci na época do mestrado. Engessado e monótono era o campo que eu me adentrei quando realizei a pesquisa de mestrado. E de onde vinha essa nova forma de pensar que tanto esse grupo insistia em dizer? Aos poucos fui entendendo e dando nome aos fatos. Isso vinha de muitos lugares, um desses lugares se chamava Mikhail Bakhtin, a partir deste nome fui conhecendo uma nova forma de entender as ciências humanas.

Para Bakhtin (2003) as ciências humanas devem compreender o ser humano por entremeios de suas vivências e especificidades, essas especificidades por exemplo são entendidas por meio da linguagem, do falar e de produzir textos. Desse modo, “[...] onde o homem é estudado fora do texto, e independente deste, já não se trata de Ciências Humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas etc.)” (BAKHTIN, 2003, p. 334). E era isso o meu incômodo. Até então eu não compreendia as relações humanas, eu analisava, mensurava e dava nomes a essas relações, era uma assimilação de sujeitos com coisas e coisas com sujeitos. Assim eu estava inserida em um monólogo do saber (onde o saber era sempre o meu). Ao entender que é possível uma nova forma de ver e entender as ciências humanas, pude dar vida a essa tese, que é escrita em primeira pessoa, que não é alicerçada pela neutralidade e muito menos pela objetividade. É possível fazer ciência estando inserida nela, entendo hoje que só não é possível fazer ciência estando inserida nela como é necessária também.

Portanto, a pesquisa aqui se torna corpo, porque existe um corpo nela, existe uma pessoa composta por sangue, pele, cabelos, sentimentos, sentir, vir e ir. O verbo se faz em carne. Assim, contrapondo o método positivista de fazer pesquisa, aqui o que se entende é o ser pesquisa, pois o fazer dá a falsa ideia de que alguém a faz através de um mundo que já se encontra pronto, e acredito que não temos uma prontidão de nada, pois tudo se movimenta, tudo se encontra em “movimentude”. Aqui existe o entendimento que a pesquisa atravessa, estaciona e segue sua viagem, no ser, no sujeito, no indivíduo, na casa, na faculdade, na rua, no asfalto, nas janelas do quarto, no carro, na música, nas infâncias. Na vida! Aqui pesquisa-se com e não sobre. Aqui se pesquisa com professoras/ psicólogas negras e não sobre as professoras/ psicólogas. É um ser pesquisa e não pesquisa do ser.

A partir dessa movimentação não só do corpo, mas da vida em sua mais infinita vida é que surge a necessidade e a vontade de se pesquisar sobre histórias de vida de pessoas como eu: Mulher negra, com uma formação em Psicologia e que também é professora. O que tem essas mulheres para contar? Denunciar? Elaborar? Quais vidas passaram pelas histórias? Quais histórias passam por essas vidas? Como foi o processo dessas mulheres ao adentrar no meio acadêmico, na pesquisa e na docência? Quais são as felicidades e tristezas partilhadas neste processo? Enunciar vidas é uma escolha ética e política de fazer pesquisa.

É pensando nessas perguntas que trabalharei como o conceito de escrevivência elaborado pela escritora e pensadora Conceição Evaristo. Escrever e viver! Escrevivências e essas vivências são atravessadas por questões importantes como gênero, classe social, cor, religião, região e tantos outros elementos. Escrever e viver abarca o mais puro sentir, o mais puro experimentar. Ao escrever, eu escrevo de um lugar, eu escrevo de uma posição, eu escrevo a partir de. Como bem diz Conceição Evaristo em uma entrevista ao jornal O Globo no ano de 2016 “Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também.” Assim, tudo o que você está lendo aqui, vem de algum lugar. Este lugar que nem sempre é físico, faz parte da minha existência. Portanto, ao contar e recontar a minha história, ou as minhas histórias, as nossas histórias, contarei a história dos outros. A história do ontem, do hoje e do amanhã.

Conceição Evaristo também aponta que as escrevivências não possuem a intenção de serem neutras, pelo contrário ao escrever e viver estamos conscientemente escolhendo as palavras, as expressões e o modo de contar, por isso as escrevivências são elaboradas para incomodar, denunciar, abrir um espaço para falar de nossas dores marcadas pelo racismo, pelas desigualdades sociais de gênero, pelo sexismo, pela pobreza e desafios diários.

Assim, as escrevivências podem apresentar um contexto biográfico e que envolve memórias, pois são “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (2007, p. 20). Sendo assim, quais são as memórias que temos para contar? E quando digo temos, estou falando de um espaço coletivo, entre mim e as outras professoras com formação em psicologia que me proponho a ouvir.

Nesta tese, as memórias serão registradas por intermédio de alguns elementos como a escrita. Escrever aqui se torna um ato, um acontecimento, um evento. Sendo assim, como diz o professor e orientador Jader, que esse processo de escrita possa ser aconchegante! E já digo a ele que já está sendo, porém nem sempre foi assim. Daí que tenho a coragem e ao mesmo tempo

a missão de tensionar um debate que me atravessa: a escrita como uma forma de manutenção social e racial de poder. Portanto, após essa introdução que vocês estão lendo, caminharei pelo tópico sobre a escrita.

Enunciar vidas ...

O LUGAR DA ESCRITA ACADÊMICA COMO DEMARCAÇÃO DE PODER: QUEM ESTÁ AUTORIZADO A ESCREVER?

Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Glória Anzaldúa

Quando eu estava no mestrado, fiquei sabendo que na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) iria acontecer um evento acadêmico sobre Educação e Sociologia. Neste evento, poderíamos nos inscrever em grupos de trabalhos com temas que poderia ser atravessado de alguma forma em nossas pesquisas. Lembro-me que relutei bastante para acessar o site e me inscrever, pois aquele espaço sempre foi um espaço que eu jamais pensei em colocar os pés. Diariamente eu passava na frente da universidade e fechava os olhos sentido o vento em meu rosto e com os olhos fechados pedia a Deus que me colocasse ali dentro de alguma forma.

Esse dia chegou e eu consegui pisar naquela universidade e agora eu já era uma pesquisadora, eu iria ocupar aquele lugar enorme para debater com outras pessoas, assuntos que eu nem me imaginei falando ou escrevendo. Assim, me inscrevi num grupo de trabalho que versava sobre gênero. O grupo era composto apenas de mulheres e eu me senti muito acolhida, lembro que quando contei que eu estudava sobre a autoridade das professoras, fui muito elogiada e no decorrer da conversa, chegamos num assunto comum a quase todas as pesquisadoras presentes: o quão difícil era ser orientadas por homens brancos. Me senti acolhida o suficiente de arrancar forças de algum lugar do meu corpo, para dizer que eu não estava muito bem em relação a vários aspectos. Lembro-me que demarqueei sobre a minha escrita, que eu não estava me sentindo bem com ela e que eu estava sofrendo. Foi aí que uma pesquisadora em especial, me disse um nome, um nome que mudaria todo o meu pensamento: Grada Kilomba. Essa moça disse que Kilomba poderia me ajudar.

Comprei o livro de Grada, “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”. Quando comecei a ler, me senti abraçada, como se uma grande amiga estivesse me acalentando. Li suas linhas mais de três vezes, pois estava hipnotizada por aquele novo campo desconhecido. Ficava com esse livro na mochila, era como se fosse meu amuleto. Sua forma de escrever me enchia os olhos, Grada Kilomba, mulher negra, pesquisadora e psicanalista escrevia em primeira pessoa, ela dizia a palavra “eu”, ela se colocava nas linhas, nas páginas, no livro todo. Ler aquela palavra, tão pequena, mas tão significativa, me fez reviver sentimentos que há muito tempo eu não os visitava. Fiquei EU(fórica). Lembrei que eu existia, eu estava ali, minha condição de sujeito começou a existir. A palavra eu, que somos nós, se fez valer.

Eu

Como eu queria escrever como Grada, mas é claro, eu não poderia, não estava autorizada, por assim dizer. Guardei o livro e hoje ele nunca fez tanto sentido como tem feito agora no doutorado, mesmo tendo guardado o livro é preciso dizer o contrário do dito: o livro me guardou, nunca esqueceu de mim e, assim, foi possível o reencontro anos depois.

Se naquela época do mestrado eu não podia aparecer na pesquisa, agora eu posso e posso tanto que venho nesta tese lhe dizer que devemos lutar para que a cada vez estejamos presentes aqui. Como bem diz Grada Kilomba (2019, p.27) “aqui eu sou eu própria, não sou o objeto, mas o sujeito”.

E por qual motivo devemos lutar para que sejamos sujeitos? Vou deixar que outra mulher negra responda essa pergunta. Bell Hooks indica que “sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (Hooks, 1989, p. 42). Quando somos entendidos como objetos, nossas histórias, nossas realidades e até mesmo nossas identidades são entendidas e vistas por outros e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são

sujeitos” (Hooks, 1989, p. 42). Compartilhando dessa ideia, Kilomba (2019, p. 28) comenta que essa transição de objeto para sujeito “é o que marca a escrita como um ato político”.

E fazer essa transição não é muito fácil, fazer essa transição muitas vezes é algo dolorido. Me dar conta de que dentro de uma universidade pública, eu sofri e sofri por motivos sociais e raciais, me fez ver como essa transição envolve romper com muitas redes de significação. O espaço acadêmico, não é um espaço neutro, como nos lembra Kilomba (2010, p. 50) “ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para pessoas negras”. Então, onde está a neutralidade se na maioria das vezes, o que vemos são únicas epistemologias, únicos autores, únicas formas de pensar? A pergunta a ser feita é: a suposta neutralidade é para quem? O espaço acadêmico que diariamente nos dá a ideia de que devemos ser neutros se posiciona muito bem. Está muito bem definido em suas dimensões axiológicas e de poder.

Ao pensar neste espaço, lembro da música “Eu” do cantor de Rap conhecido por Djonga⁴. Assim ele diz: “ Tô numa casa grande cercado de amigos. Amigos? Só tô numa casa grande”.

Este meio quase que hegemonicamente branco, muito me lembra a CASA GRANDE⁵. Historicamente essa casa negou muitas vivências, apertou espacialidades e conseqüentemente aprisionou existências. Partindo dessa analogia, o espaço acadêmico como uma casa grande também nega corpos e formas de existir, conseqüentemente nega as muitas variadas formas de escrita, as diferentes possibilidades de se produzir um texto, as diversas formas de escrever, de estruturar parágrafos, de dar nome as dissertações, as teses e monografias. Há um único

⁴ Nome de registro é Gustavo, mas sempre conhecido como Djonga. Rapper famoso por suas letras marcantes que denunciam o racismo cotidiano. Djonga é um homem negro, nascido e criado em Belo Horizonte (MG) mais precisamente na favela do índio, região de Venda Nova. Seu nascimento foi em 04 de junho de 94, inclusive sua data de nascimento é o nome de uma de suas músicas mais famosas. Antes de se tornar cantor, Djonga trabalhou como auxiliar administrativo, ajudante de pedreiro em obra e no bar de seu pai (FALATUDJONGA, 2018). cursou até o 7º semestre do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal de Ouro Preto. O rapper abandonou a universidade para se dedicar a música. Djonga conta que não se sentia bem no meio acadêmico, mas afirma que a passagem pela educação superior em história o ajudou muito para sua construção crítica em relação a realidade social. Não é atoa que todas as suas músicas possuem respaldo social e muitas vezes científicos. Ao escutar “ Olho de Tigre” (música famosa do rapper) é possível por exemplo assimilar conceitos como pertencimento, identidade, machismo e racismo. Deixo aqui nesta nota de rodapé como uma sugestão, o álbum intitulado “Ladrão”. <https://youtu.be/FIXojnVo94I?si=qIzMMm5YJiHKjnSn>.

⁵ Casa-grande: Nome dado as residências pertencentes aos senhores de engenho e sua família. O próprio nome já nos revela algumas questões, a casa era realmente grande e muito espaçosa, não era incomum de se ver inúmeros quartos com móveis refinados. Essa casa era mantida às custas do trabalho escravo, pois estes seriam designados a mantê-la limpa, além de servir aos donos da casa. Enquanto os brancos moravam ali, pessoas negras escravizadas deveriam se restringir ao que se denominava como senzala, vivendo em condições insalubres, tendo seus corpos explorados, violados e desrespeitados e sem direito algum a uma vida digna (OLIVEIRA; LOPES, 2022).

caminho a ser legitimado, a seguir seguido, o que torna o texto algo à altura de ser publicado e mostrado.

Vejam que com isso não estou deixando de reconhecer que há um gênero acadêmico, minhas questões passam pelo alargamento desse gênero e, sobretudo, como as autorias e as formas singulares de existir no mundo cabem nele? Como viveres diversos podem ser enunciados em suas diversidades e diferenças? Nesse ciclo, nesse modo, nessa casa grande que é a academia, podemos perceber e sentir que ela está para longe de ser apenas um espaço de erudição, conhecimento científico e sabedoria, pois é também um espaço de violência (Kilomba, 2019). Como transformar a Casa Grande em uma GRANDE CASA? Que, diferente da anterior, que exclui, possa acolher e colocar em diálogos as diferenças, as desigualdades que nunca abandonaram a história humana e dela, erguem-se espaços. É preciso reconstruir, mudar a geografia erguida para tecer outras histórias e que delas irão tecer outras geografias. A mudança vocabular parece pequena, mas é de grande largueza: A Casa Grande tem um sentido, a Grande Casa, outro. O desejo de minha pesquisa é a Grande Casa! Aquela que caiba a Ciência Quintal. Não que nela não haja conflitos, mas tensões e dramas, como nos aponta Vigotski (2000) que promovem transformações.

Voltemos a algumas perguntas significativas nessa discussão: quem pode escrever? Quem pode conhecer? Quem pode falar? e falar o que? Escrever o que? Quem está autorizado a falar? a pesquisar? A estar dentro das universidades públicas e até mesmo privadas? Quem está autorizado a ser referência científica e epistêmica? Ou mais: “Como é que no século XXI, com tanta diversidade epistêmica existente no mundo, estejamos ancorados em estruturas epistêmicas tão provincianas camufladas de universais?” Grosfoguel (2016, p. 26). Se torna presente assim, a sensação e a falsa ideia de que corpos negros não deve ocupar esse local de saber, de ser referência no campo acadêmico, enfim, de ser feliz. E isso é consequência de um projeto histórico colonial, onde o ocidente é lugar de pessoas “inteligentes”, sábios que arquitetam o mundo, que sabem o que dizem, que são parâmetros para os outros e aqueles que não faz parte desse micromundo não tem tanta importância, não são autorizados a conhecer, a dizer, a escrever, ou seja, aqueles que não fazem parte do lado de lá do mapa nada deve acrescentar, na verdade deve se adequar a uma lógica daqueles que são referência em quase tudo nesta terra.

Essa adequação é muito bem estudada por Frantz Fanon (2020). Em seu livro intitulado por “Pele negra, Máscaras brancas” o autor faz grandes reflexões sobre as experiências vividas por pessoas negras em sociedades coloniais e racistas, Fanon (2020) diz sobre como pessoas

negras muitas vezes sentem a pressão de se conformar com padrões de comportamento e aparência dos brancos, podendo existir uma busca exaustiva e inconsciente pela identidade branca. Seja nas roupas que escolhemos usar, nas músicas que gostamos de ouvir, nas pessoas que escolhemos para amar e aqui chego na conclusão sobre como tentei escrever, falar e estruturar minha vida acadêmica como uma pessoa branca. Como cita Fanon (2020, p. 50) “nada mais sensacional que um negro se expressando de maneira correta, pois, efetivamente, ele assume o mundo branco”. Assumir esse mundo, para nós pesquisadores negros é por si só violento. Quantas vezes deixamos de escrever algo que de fato gostaríamos de ter escrito? Quantas vezes deixamos de pesquisar algo que gostaríamos de pesquisar? Quantas vezes olhamos para o lado e nos vemos sozinhos? Quantas vezes por tentar adequar a um sistema colonizador dentro da sala de aula, não nos sentimos incapazes? Desprovidos de inteligência, de potencialidades?

Essa busca por uma adequação perpassa não só a minha escrita, mas também minhas relações de vida. Leciono três vezes na semana, em todas as três vezes, lavava o meu cabelo para que ao chegar em sala de aula, ele estivesse baixo, tentando assim esconder sua condição de crespo, que me denuncia e que mostra que ali existe um corpo negro ocupando um espaço de poder: ser professora.

O cabelo anuncia-me. O cabelo crespo denuncia o meu corpo negro e a minha identidade. Segundo Hall (2000) As identidades, portanto, são fenômenos dinâmicos, moldadas por interações sociais e subjetividades que refletem as complexidades do contexto ao qual pertencem. Em vez de algo fixo e estável, as identidades se reorganizam à medida que os indivíduos vivenciam novas experiências, influenciados por narrativas culturais e históricas que podem reforçar ou desafiar concepções anteriores. Sendo assim, as experiências que tive até então sobre meus cabelos eram negativas. Na escola meu cabelo se tornava o cabeludo duro, em casa, o apelido era “solzinho”, pois além da cor ser amarelada, na frente, os cabelos crespos insistiam em ficar de pé como os raios solares. Toda semana passava por um processo químico nos fios para que eles descessem e se tornassem lisos. Os cabelos com ondas e embaralhados não tem lugar em uma sociedade retilínea, desafiam a ordem, por isso devem ser escorridos, abaixados e tratados, como se tratam os doentes. Cabelos doentes se curam com a menor distância entre dois pontos? Cabelos réguas? Na adolescência o método continuou até chegar meados de 2017, quando estava terminando o curso de Psicologia e tendo contato com mulheres negras que me encorajou a parar com tais procedimentos e assumir meus cabelos como são.

Como aponta Oliveira e Mattos (2019, p.450) no artigo intitulado por “ Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo”

A decisão por abandonar tratamentos capilares embranquecedores e assumir cuidados que incluem colorir, raspar, trançar e enfeitar os cabelos com adereços da cultura negra tem sido narrada por mulheres negras como processos acompanhados de experiências de autonomia e de ressignificação de suas identidades.

A dimensão do corpo, assim como a linguagem, participa desse processo, sendo um espaço de significação que comunica ideologias, normas e valores sociais. O corpo não é apenas um recipiente biológico, mas um palco onde as lutas por reconhecimento e pertencimento são performadas, evidenciando que a identidade é um processo contínuo de construção e reconstrução, profundamente enraizado nas trocas simbólicas e nas relações de poder. Através dessa ressignificação posso afirmar que amo meus cabelos e que não os lavo mais antes de lecionar, meu cabelo ocupará lugares juntamente a meu corpo e vocês precisam conviver com isso. Conviver com meu ser sol!

Ainda sobre meu corpo ocupando a docência, pontuo outras intersecções, pois além de eu ser uma professora negra, sou mulher e gorda. Vestia roupas mais largas que não demarcavam meu corpo gordo e escondia meu cabelo crespos que denunciava meu corpo negro. Seguia assim, num ciclo de esconderijo do meu eu. Isso é extremamente violento, mas luto!

Se por um lado tentamos nos adequar, é porque existe a ideia do que é a inadequado. Se tratando do meu percurso para chegar ao doutorado hoje, essa inadequação se inicia em meu ensino fundamental. Sempre sentia como um peixe fora do aquário, lembro-me bem do meu medo de quando surgia a lista das mais bonitas da sala e das mais feias, claro que eu estava na segunda lista. Ali parecia que existia um “pacto com a branquitude”⁶ onde os meninos brancos, se apaixonavam pelas meninas brancas. Já meninas e meninos negros, seguiam por dois caminhos: O solitário ou o de instrumento, instrumento para piadas, instrumento para insultos e instrumento para o reforçamento do racismo.

O período da vida que mais me senti inadequada foi sem dúvida na universidade, por cursar uma faculdade de nível privado, ironicamente não me sentia um estranho no ninho, talvez fosse por não ter prestado atenção para além da minha bolha, mas quase todas as pessoas que tive contato nesse período ou estava estudando graças ao FIES (Fundo de Financiamento

⁶ Referência ao livro de Cida bento “O pacto da branquitude”. De acordo com Bento (2022) O pacto da branquitude refere-se a um acordo implícito entre pessoas brancas para manter privilégios e a estrutura racial que as favorece, manifestando-se em práticas como silenciar o racismo, proteger-se mutuamente e naturalizar desigualdades.

Estudantil), ou trabalhava em locais que possuíam convênios com a faculdade e assim a mensalidade tinha desconto. A turma era composta majoritariamente por pessoas brancas, mas como essas pessoas brancas eram desprovidas economicamente eu me sentia mais confortável por partilharmos a mesma classe social. Os poucos negros da turma eram meus colegas, então não me sentia sozinha.

Como dito anteriormente, foi na universidade pública que me senti mais inadequada como nunca, primeiro que eu jamais pensei em colocar meus pés em uma, segundo que ao colocar os pés, senti incômodo. A maioria era diferente de mim, uma instituição que ditava as regras e expressava o pacto da branquitude de forma capilar, da escrita á nome das escrituras, dos rituais que ainda persistem.

E nessa catequização dos modos de produção e saberes dentro da universidade, sobretudo no meu processo de mestrado, fui me adequando naquilo que parecia ser o adequado. Meu modo de escrita tomou outra cara, uma máscara por assim dizer, máscara branca, pele negra não é mesmo Fanon (2020)? Parecia que essa era a única forma de ser lida e ouvida, pois “se enquadrarmos nossas ideias na linguagem que é familiar e confortável para um grupo dominante” (Collins, p. 2000, p.20) talvez assim sejamos ouvidos.

A pergunta que ecoa aqui e agora é: Como eu, enquanto uma mulher, jovem e negra me sentia dentro dessa estrutura? Eu sentia medo, assim como Grada Kilomba dizer ter se sentido em seu processo de escrita e de inserção na universidade. Eu sentia medo de não saber o que escrever, eu não sabia para quem eu escrevia, mas eu sabia que para a Mariana não era, porque a minha produção era sempre para o outro e esse outro era uma pessoa branca. Então tudo o que eu produzia era para uma pessoa branca desfrutar.

O medo estava embutido em meu corpo e talvez seja isso o que a ideia colonial tanto deseja, que nós tenhamos medo, porque o medo nos paralisa a ponto de ficarmos em silêncio, para que possivelmente nós não denunciemos nada. Esse medo que sentia era tão forte, que extrapolava para outros campos, até mesmo o campo da socialização. Comecei a sair menos, a frequentar menos lugares, a me distanciar das amizades antigas e das novas que eu havia feito na universidade. Até hoje colho frutos indesejáveis disso, pois tenho muita dificuldade em me socializar, mantendo quase sempre uma autoestima intelectual baixa.

Iniciei esse texto, essa parte da tese, esse local, com um título que é uma pergunta: Quem pode escrever? Se pensarmos na questão colonial, na academia, no positivismo, nas relações de poder, nós podemos imaginar quem são os que podem escrever (ou a ideia construída daqueles que podem). Porém, quero dar um outro tom para essa resposta, um tom de esperança com um

toque de afirmação. Quem pode escrever? Eu, eu posso escrever. Grada Kilomba pode escrever, Frantz Fanon pode escrever, Neusa Santos pode escrever, Milton Santos pode escrever, Carolina Maria de Jesus pode escrever. Nós podemos escrever pelo simples fato disso ser o nosso direito. A escrita é uma das linguagens humanas e é direito de todo ser humano. Temos o direito de estarmos habitando socialmente e geograficamente todas as cadeiras de qualquer lugar neste mundo. Esse é o sentido da Grande Casa que as universidades devem se tornar. Encontros e escrituras. *Ciência Quintal*.

Se tratando da academia, nós podemos preencher todo e qualquer espaço das universidades e faculdades existentes nessa terra. A escrita acadêmica, o modo de pesquisar que aqui insisto em falar sobre, precisa ser e estar descolonizado. Precisamos pensar em uma ciência outra, uma tese outra, uma vida outra, autores outros, saberes outros, uma Psicologia outra. Note que não seria uma outra ciência, uma outra tese, outra Psicologia, justamente porque



elas já existem. Temos, por aí, pelo mundo, outras ciências, assim como outras vidas, outras Psicologias, é preciso criar coisas novas, é preciso desalinhar aquilo que já se tem, é preciso bagunçar as epistemes. Psicologia outra, ciência outra, uma academia outra! É o que proponho aqui, uma tese outra.

Deixo aqui para você uma imagem muito significativa na discussão. É a blusa que pinte na semana acadêmica da faculdade em que leciono. Eu juntamente com alguns professores do curso de Psicologia, elaboramos uma oficina de expressões coloridas, cujo objetivo era simplesmente ser livre no ato criativo. Colocando na blusa aquilo que desejasse, aquilo que gostaria de compartilhar com o mundo, pois a proposta é de vestir a blusa e ocupar o mundo.

Na frente da blusa deixei a seguinte mensagem “Psicologia (de)colonial já”. A psicologia decolonial propõe uma crítica ao conhecimento e às práticas psicológicas dominantes que foram moldadas pelo colonialismo e pelo eurocentrismo. Ela busca questionar a imposição de normas e valores ocidentais sobre outras culturas, apontando para a necessidade de descolonizar o saber psicológico e valorizar os conhecimentos e experiências dos povos

historicamente marginalizados. Aníbal Quijano, um dos principais teóricos da decolonialidade, introduziu o conceito de "colonialidade do poder", que se refere à forma como o colonialismo perpetuou uma estrutura hierárquica de poder, saber e ser, onde o conhecimento europeu é colocado no centro, subjugando outras formas de conhecimento. Quijano (2000) argumenta que, para superar essa colonialidade, é necessário reconhecer e valorizar as epistemologias alternativas que foram silenciadas ao longo da história. Assim, a Psicologia Decolonial busca não apenas incluir essas vozes, mas também reestruturar o campo em direção a uma prática mais plural e inclusiva.

Nas mangas da blusa, destaco o nome de duas mulheres negras que admiro muito e que deveria ocupar mais os planos de ensino dos cursos de psicologia. Neusa Santos e Carolina Maria de Jesus. Neusa Santos Souza foi uma importante psicóloga e psicanalista brasileira, conhecida por suas contribuições sobre a subjetividade negra. Sua obra mais conhecida, *Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social* (1983), explora as complexidades psicológicas enfrentadas por pessoas negras em uma sociedade racista. Ela investigou os efeitos da exclusão e do racismo na construção da identidade, propondo uma reflexão profunda sobre os desafios da ascensão social e da negação da negritude no Brasil.

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora e poetisa brasileira, conhecida por seu diário autobiográfico *Quarto de Despejo* (1960), onde relatou suas experiências como mulher negra e pobre, vivendo nas favelas de São Paulo. Suas obras são um retrato vívido das dificuldades enfrentadas pelas populações marginalizadas, além de sua determinação e força diante da pobreza extrema. Carolina ganhou reconhecimento internacional por seu trabalho, e sua escrita expõe as desigualdades sociais do Brasil, sendo uma voz pioneira na literatura brasileira sobre a vida nas periferias.

Na parte de trás, deixei outra mensagem: "Emicida é ciência". Emicida é um rapper negro, cantor e compositor brasileiro, conhecido por suas letras que abordam questões sociais, raciais e políticas. Ele se tornou uma das figuras mais influentes da música e da cultura urbana no Brasil, com sua arte engajada em temas como desigualdade, racismo, empoderamento negro e resistência. Além de sua carreira musical, Emicida é também escritor, empresário e produtor, expandindo sua atuação para além da música. Através de sua arte e discurso, ele contribui para a construção e disseminação de saberes sobre as realidades sociais, especialmente da população negra e periférica. Suas letras funcionam como uma forma de investigação e reflexão sobre o mundo, dialogando com conceitos de sociologia, história e psicologia ao narrar as vivências e

desafios de pessoas marginalizadas. Nesse sentido, a produção cultural de Emicida é um campo de conhecimento que, assim como a ciência, promove questionamentos e oferece novas maneiras de compreender as dinâmicas sociais.



Figura 3: Arquivo pessoal, foto da blusa pintada por outro ângulo.

Nossos corpos precisam ser felizes nessa nova fase da vida que é estar cursando um mestrado, um doutorado, um pós-doutorado, uma graduação. Eu não quero mais adoecer neste meio que insiste em deixar nossos corpos adoentados, paralisados e sendo violentados, de cabelos tratados.

Quantas vezes nosso processo de escrita e, ou o nosso processo acadêmico não foi feliz, natural, gostoso de se viver? Quantas vezes tivemos que nos consultar com psiquiatras por conta de um problema estrutural que está para além do simples fato de “eu tenho bloqueio de escrita”? Ou “eu não consigo ser pesquisadora”, quantos remédios fizemos uso para aguentar o ato de aguentar? Precisamos sofrer até para escrever algo que é nosso? É preciso nos fazer sofrer? penso que muitas vezes me senti num teste de resistência para que no fim houvesse a desistência. Não haverá!

Muito de nossas pesquisas se propõem a compreender as dinâmicas presente em chão brasileiro, porém de forma contraditória apoiamos nossas escritas em autores que nunca pisaram nesse chão. Se vamos falar de racismo no Brasil, então leremos autores do Brasil que versem sobre o assunto também. Quantas vezes teremos que deixar Emerica de lado para dar ênfase em Bourdieu?⁷ Quantas vezes teremos que andar mil passos do mapa se o caminho está muito mais perto? Na reflexão certa de Carine (2025, p.21) não há como negar a importância da intelectualidade ocidental, mas será que não dá para fazer isso de outro modo? Um jeito mais justo, no qual conhecimentos não andem na contramão dos afetos?

Jader (2020) , meu atual orientador nos apresentou um texto de sua autoria, cuja parte do título me chamou muita a atenção. “As palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo”. Pessoas negras existindo geograficamente no mundo, quase nunca podem escolher as próprias palavras. Historicamente, retiraram o povo negro de suas casas, os forçaram a aprender palavras desconhecidas, a abandonarem suas expressões, sua fé e sua existência. Se nossas palavras são as nossas primeiras formas de existir, então nos deixe falar, escrever, criar, andar, balbuciar, cantar, ouvir, andar, ver o céu, ter uma casa, um carro, uma bicicleta, comida, roupas, chuveiro. Existir! No mundo, no espaço-mundo, no mundo-tempo, do antes, do agora e depois. Refundar a Casa Grande em Grande Casa, me emerge a canção:

“Meu lado, meu jeito
O que eu herdei de minha gente, eu não posso perder
Me larga, não enche
Me deixa viver, me deixa viver, me deixa viver, me deixa viver”
(Veloso, 1997, CD)⁸

Esse fragmento da música “Não Enche” de Caetano Veloso traduz muito meu sentimento. De fato, meu lado é meu lado e meu jeito é meu jeito e quando isso não é respeitado, nosso processo tanto na academia ou fora dela, se torna insuportável. Me larga, não enche, não enche minha cabeça, minha vida, meu corpo, minha tese, minha dissertação, meu texto, com esse modo único de pensar, de ser e de viver. Me deixa viver! Me deixa viver!

E é por querer viver, permanecer viva e estar viva, que nos próximos caminhos desta tese, falaremos da vida, de trajetórias, de tropeços, de recomeços, de sonhos e de pesadelos.

⁷ Note que não estou deslegitimando autores internacionais, somente tensionando o debate.

⁸<https://open.spotify.com/intl-pt/track/5X7YQ1Wp36sNprUKZSPLFK?si=d903ee96dc6447ea>

Falarei sobre minha chegada até à docência e do que tenho colhido nesse campo. Acredito ser necessário ter uma parte neste trabalho que protagoniza essa estrada. Após essa viagem, caminharei até chegar em outras professoras para que elas também possam contar sobre suas vivências, sobre seus tropeços, recomeços, sonhos e pesadelos.

É muito significativa essa tese para mim. Só eu sei como foi difícil chegar até aqui. Muitas vezes quis morrer, muitas vezes quis desaparecer, desistir de estudar, mas as coisas têm mudado. Tenho tido dias melhores, por mais que eu tenha tido de 2019 até 2021 um fragmento de vida conturbada, isso não impediu e não tem impedido que assim como Gonzaguinha (1982, LP)⁹disse, direi também que a vida é bonita! é bonita! é bonita!

E pela vida ser bonita e estar passando por campos diversos, sou atravessada assim por muitos caminhos, por muitas histórias e por muitas elaborações. Temos direito de achar a vida bonita, e quero achá-la. Colocarei não só a minha voz no mundo, mas todo o meu corpo, cada fio de cabelo, cada pedaço de pele! Lutarei por modos outros de existência, sobretudo modos outros de se fazer pesquisa. Pois, como bem aponta Jader Janer Moreira Lopes (2021):

Por mais que essa sociedade urbano-industrial tenha criado essa cisão, essa alienação, essa coisificação das pessoas e de suas relações com o mundo e com os objetos que nele existem, lá, em cada atitude criados, nos rejeitos que criamos e passam despercebidos, está a dimensão revolucionária, que escapa do controle e cria planos diferentes entre o social e o cultural, rompendo com a simultaneidade do tempo e do espaço, elevando-se para além da vivência e da conjunção do espaço-tempo existido (LOPES, 2021, p. 29).

Sendo assim, acho necessário que nessa pesquisa tenha algumas partes em que conto alguns processos vividos nesse meu ato da vida. Que essa pesquisa seja revolucionária a sua medida. Que nesta pesquisa possamos imaginar. Ir além dos códigos binários acadêmicos, da quantidade de páginas, das citações, dos pontos finais. Que esse trabalho não seja reduzido no formato da letra, pelo contrário, que ele possa ampliar as palavras. Todas elas!

Te convido agora, a olhar o título do capítulo que acabou de ler, com outro olhar:

O lugar da escrita acadêmica como DES (marcação) de poder: quem está autorizado a escrever? todos nós! Cada um com sua especificidade, com sua forma de ser e de não ser.

⁹<https://open.spotify.com/intl-pt/track/2CoKGyZavJWTFUPyvWoj0b?si=63f4656e9f194f17>.

Nós

**UM TERRITÓRIO NOVO: O COMEÇO NA DOCÊNCIA, O
CAMINHAR E OS DES (DOBRAMENTOS) A PARTIR DO ATO DA
VIDA**

Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda

(Música ‘Levanda e Anda ‘ do Rapper Emicida e Rael’’).

Eu me levantei e andei e sigo andando, porque se existe opressão, existirá também resistência!

Me mudei para a cidade vizinha, saí de Mariana (MG) e fui para Ouro Preto (MG). O ano era 2022. Fui contratada por uma faculdade do interior de Minas Gerais (MG) para compor o quadro de professoras do curso de Psicologia. Lembro que a ficha custou a cair, pois eu estava a um tempo em busca de uma oportunidade na docência e já começava a ficar sem esperanças. Foi um processo muito árduo, estávamos em pandemia, isolados, assustados, o processo seletivo foi realizado remotamente, então tudo era novo, assustador. Delicado!

Me ligaram dizendo que eu havia conseguido a vaga. Costumo dizer que minhas lembranças têm cores e essa era especialmente verde abacate, pois o chão do quintal dessa casa que morava era nessa tonalidade peculiar, foi muita emoção, ficamos muito felizes. Eu e meu companheiro, o abraço sempre que lembro, estava da cor do chão.

Eu estava verdadeiramente feliz, mas essa sensação boa foi se esvaindo à medida que eu raciocinei que a faculdade ficava em outra cidade e como eu não tenho carro e nem carteira de motorista, como conseguiria chegar ao destino? O ônibus que eu poderia utilizar não tinha horário para voltar. Então, começou o desespero e a desesperança. Barreiras assim são comuns na vida de pessoas negras, quando nos aproximamos da linha de chegada, essa linha fica mais longe.

Conversei com uma pessoa que trabalha na faculdade e ela me disse que existiam alguns professores de Ouro Preto que também lecionavam lá e que talvez eu conseguisse carona para ir trabalhar, de fato consegui a carona com esses docentes e para além dela, também consegui fazer parte da van que levava e buscava os estudantes. Então, ora eu ia de carona, ora eu ia com a van.

O primeiro dia que precisei ir à faculdade, não foi para dar aulas, mas sim para um rito que até então eu não sabia que existia: a formação docente. Essa formação ocorria antes de iniciar o semestre. Nela, éramos informados sobre como seria os próximos meses, se tratando de ações pedagógicas, datas comemorativas e feriados. Além disso, participávamos de uma espécie de minicurso sobre algum assunto inerente à docência. Esse dia com certeza foi o dia que marcou o meu sentimento de não pertencimento daquele espaço e condição.

Chegando na porta da faculdade avistei inúmeros carros lindos e caros, logo pensei que provavelmente não tivesse um professor ou uma professora que também necessitasse de carona. Seria eu novamente estrangeira desse mundo? Quando entrei na sala de reunião para a formação, vi muitas pessoas elegantes, com roupas bonitas e calçados diferentes. Minha primeira reação foi de fazer uma busca bem rápida em todas as cadeiras, para ver se nela alguém como eu estava sentado, percebi assim, que ali existiam poucos professores negros.

Diante daquela paisagem, foi impossível não me comparar, eu estava com uma calça surrada, que de todas que eu tinha, era a melhor. Minha mãe me deu uma quantia no valor de cinquenta reais para comprar uma blusa bonita para ir a tal formação docente e como forma de tentar comprar mais de uma, fui a uma loja onde todas as peças custavam quinze reais, lembro que consegui comprar duas e ainda receber troco. Então eu estava com uma blusa de quinze reais que claramente não era de qualidade, uma calça surrada e um tênis de marca falsificada que eu havia ganhado de aniversário em 2019. Independente disso, me apresentei, falei meu nome e qual seria o curso que eu representaria. É preciso estar atento e forte, e ali fiquei.

Fui bem recebida pelas professoras do curso de Psicologia, em especial cito uma docente que foi muito solícita, sorriu para mim, me fez perguntas sobre as disciplinas que eu ficaria responsável e se mostrou disposta a formar uma amizade.

Depois desse dia de formação, voltei de carona com outra professora do curso que também se mostrou ser uma pessoa gentil. Mas, ainda que eu tenha vivido esse pequeno momento de aconchego, chegando em casa chorei bastante, o sentimento de não pertencimento abafava qualquer forma feliz que estava autorizada a sentir. Meu companheiro foi extremamente importante nesse momento, pois me encorajou a continuar e a me mostrar que

aquele espaço também era meu. Vejo como é importante ter um companheiro nessas horas. O amor, para nós, mulheres negras, é cura! Tanto o amor próprio, quanto aquele que nos é endereçado, porque “quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes”. (HOOKS, 2010, p.12).

Passado algum tempo, as aulas iniciaram e em alguns dias eu ia de van, assim como os estudantes. O veículo era enorme e com muitos alunos, era confortável e o motorista sempre ia escutando músicas dos anos oitenta. Muitos estudantes iam dormindo, tentando descansar do exaustivo trabalho, pois a maioria saía de seus labores e ia diretamente para a faculdade. Eu estava ali também, indo ao mesmo destino que meus alunos. Penso que tudo já começa ser diferente neste compasso. Se a maioria dos professores iam em seus carros próprios, eu não compartilhava dessa realidade, pelo contrário e isso me aproximava mais dos alunos do que os docentes.

Qual é seu curso? Foi a primeira pergunta que me fizeram quando viram que na van, havia uma pessoa novata, ali eles acharam que eu também era aluna. Então, respondi que meu curso era Psicologia, mas que eu era a professora. Recebi muitos olhares atentos e curiosos. Aqueles que estavam dormindo ou descansando os olhos, ficaram prontamente atentos para saber quem era aquela pessoa que até então se parecia aluna.

Muitas perguntas se formaram. De onde eu vinha, quantos anos eu tinha, onde morava, se conhecia fulano e ciclano. Alunos do curso de Psicologia que ali estavam, ficaram me olhando com um olhar que me parecia ser de estranhamento. Uma moça que cursava Direito, começou a conversar comigo até chegarmos ao nosso destino, no meio da conversa ela disse que eu era muito diferente dos professores da faculdade, pois eu conversava com eles de igual para igual, que achava legal eu ir de van junto com os alunos e ainda manter um diálogo com eles no trajeto todo. Lembro que nessas conversas, falamos sobre o processo para adquirir a habilitação para dirigir carro, de como era difícil essa questão pois o percurso para o objetivo era muito caro e emocionalmente exaustivo.

Assim, eu entendi claramente como existia uma posição hierárquica entre aqueles que aprendem (alunos) e aqueles que ensinam (professores) e como a questão sobre dinheiro reinava ali, pois ao conversar com essa aluna e dizer que eu não tinha habilitação de motorista, porque não tinha dinheiro para arcar com tal processo, ela se demonstrou estar chocada com isso, ao passo que me pareceu estar aliviada de poder conversar com alguém que a entendesse. A ideia

de que professores universitários são todos ricos me parece ser um imaginário social de muitas pessoas, entretanto essa realidade está bem longe de se concretizar.

Descemos da van, fui para a sala dos professores, assinei meu ponto de presença, não fiquei nesta sala como a maioria dos docentes fazia, pois até chegar o horário da aula começar, muitos ficavam ali tomando café e conversando, eu nunca me senti confortável naquele espaço, o sentimento de não pertencimento ainda está presente em mim, então eu chego e vou direto para a sala de aula, ainda que esteja cedo.

Chegando na sala de aula, me apresentei, mas não disse somente meu nome. Contei a minha história. Disse aos alunos que aquele ali era a minha primeira experiência docente e que eu estava muito contente de estar com eles. Nesta hora, meu sentimento mudou, o pertencimento invadia minhas veias e artérias, fui ficando feliz, fui me sentindo cada vez mais professora, ainda que eu estivesse com a calça surrada e uma blusa de quinze reais. Contei a minha história, de onde vim, da cidade em que nasci, falei sobre minha formação, sobre minha família. Foi algo lindo de se ver, todos aqueles olhares atentos e confortáveis olhando para mim. O motivo de iniciar essa conversa contando sobre minha vida foi por lembrar como em minha época de faculdade nenhum professor pareceu se aproximar de nossa realidade. Quis deixar bem nítido para todos os alunos, que se eu cheguei ali, eles poderiam chegar também e poderiam contar comigo. Abri espaço para que todos pudessem falar, assim foi possível conhecê-los, percebê-los e convocá-los para uma experiência mútua.

Uma das primeiras perguntas que fiz, foi se todos ali tinham acesso à internet, pois a maioria das atividades deveriam ser entregues em um sistema próprio da faculdade. Acredito ter sido muito importante fazer perguntas deste tipo, nem todas as pessoas possuem acesso à internet em casa¹⁰, todos disseram que sim e mais uma vez olhares surpresos foram surgindo, me pareceu que nenhum professor no curso havia feito essa pergunta. Entendo que a branquitude cria esses determinismos, alguns privilégios são tão enraizados que fica difícil pensar em situações tão específicas sobre a falta de acesso de outros sujeitos.

No fim da aula, um aluno negro, me agradeceu pelo dia e disse que era muito bom ter uma professora negra no curso, que ele estava incomodado com a falta de representatividade

¹⁰Em uma pesquisa sobre desigualdades digitais e educação com foco na pandemia, os autores Parreiras e Macedo (2020) citam dados da pesquisa TIC Domicílios de 2019 e apontam que no ano, centenas de domicílios brasileiros não possuíam internet (28% da quantidade total).

que ele sentia ali. Fiquei muito feliz com esse retorno, voltei para a casa radiante, muito diferente do sentimento que senti quando estava na formação de professores. Se meus cabelos já eram Sol, brilharam intensamente nesse encontro. Percebi que quando estou com meus alunos negros é como se eu estivesse conversando e sendo compreendida ao mesmo tempo.

Os dias foram passando, fui aperfeiçoando minhas aulas, fui introduzindo conteúdos relevantes que acredito estarem para além de um currículo enrijecido e assim fui construindo minha identidade docente. De acordo com as pesquisadoras Rech e Boff (2022) a identidade docente vai sendo construída e reconstruída ao longo do tempo, sendo algo que nunca está acabado. E faz todo sentido pensar assim, se somos sujeitos inacabados e o mundo nunca está pronto, nossa identidade docente também não está. É retroalimentação da vida na vida! Para as autoras, construir essa identidade é estar diariamente em contato com elementos da percepção, da experiência e das vivências. Neste entremeio, a identidade docente vai sendo elaborada e lapidada, pois sempre será intermediada com o nosso viver e estar no mundo. De acordo com Pimenta e Anastasiou (2014, p. 77), a identidade docente se constrói:

[...] pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor.

Ideias semelhantes acerca da construção da identidade docente também perpassa pelo pesquisador António Nóvoa, onde afirma a existência do tempo e da não linearidade nesse caminho. Segundo Nóvoa (2014, p.16) a identidade docente “É um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Além disso, esse processo deve ser constantemente transformado, o sujeito docente sempre estará voltando passos para refletir sobre seu trabalho, sobre suas aulas, sobre o modo de ser enquanto professor. Nessa dança de passos que se vem e que se vão, retornamos as nossas experiências de vida que estão no ato do tempo, do hoje, do amanhã e do depois. Lembraremos assim, de nossas infâncias, de nossas escolas, das merendas que comemos, da amarelinha que pulamos, de nossas faculdades, universidades, das disciplinas difíceis e fáceis, daquele professor que nos inspiramos em não ser, enfim, de tudo aquilo que está no mundo e que nos atravessou e nos atravessa constantemente.

A identidade docente está totalmente ligada à minha vida, as minhas experiências, ao modo como sou perante o mundo, ao modo que me leio e que me leem. Assim, minha identidade racial entra nessa história, pois a forma que me leio e que me leem, está associada a esse

elemento. Nesse compasso de histórias, é quase que impossível neste trabalho não pensar nas escrevivências sobre uma identidade docente, pois não há identidade descolada da alteridade.

A proposta inicial do conceito de Escrevivências elaborado por Evaristo (2020, p.30):

[...] Se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. [...]

Entendo assim, que quando uma mulher negra escreve, ela inscreve sobre si. Quando uma mulher negra escreve, logo ela se inscreve, pois entre suas linhas, lá ela está. Então, quando eu digo sobre a minha identidade docente, logo estou também dizendo sobre a minha identidade racial. A questão sobre a minha identidade racial, sempre foi (A) questão em minha vida, a pergunta que emanava era sempre: Eu sou branca? Alguns me liam como branca, outros como negra, outros como parda. Outros como “cor de burro fugido”. E eu? Como eu mesma me via? branca eu não sou, era a resposta que eu conseguia me dar, mas voltava a indagação: eu sou negra?

Nesta tese, diferente da comunidade científica do século XIX, que abarca o conceito de raça como um fator biológico para separar e classificar pessoas de modo que haja superioridade de um grupo em relação a outro, aqui entendemos raça como sendo uma construção que envolve política e cultura, ou seja, raça como raça social, que é expressa pela materialidade do corpo vinculada ao fenótipo (Guimarães, 1999). Sendo assim, eu sentia necessidade de me posicionar acerca da minha identidade étnico-racial. Pensar nessa questão é inevitavelmente pensar na palavra pertencimento e o pertencimento está no plano de se ver no outro, sendo assim Mendonça (2007) ao citar Jacques d’Adesky, indica que esse sentimento de pertença faz parte da identidade coletiva, essa identidade coletiva é composta por compartilhamento de alguns elementos como a cultura, a religião, o idioma. Teodoro (2020) ao pesquisar sobre a constituição da identidade étnico-racial de crianças em uma instituição de Educação Infantil, localizada na cidade de São Paulo, sinaliza alguns pontos importantes sobre a questão da identificação em relação a identidade étnico-racial e assim aponta que “nesse sentido, o grupo torna-se uma coletividade cuja estruturação e unificação permitem um acesso a um nível mais seguro de existência. De agregado, o grupo passa a um estado mais consciente de si próprio” (Teodoro, 2020, p. 118).

E estar consciente de quem eu sou, traz não só o sentimento de pertença, mas o de autoestima, pois à medida que lutamos para o reconhecimento étnico-racial do povo negro, estamos construindo diariamente uma história outra sobre nossos corpos, nossas vivências,

nossas memórias. Estabelecendo assim a nós, uma imagem positiva “capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente, na historiografia colonial” (MUNANGA, 2012, p. 10)’’.

O processo terapêutico muito me ajudou neste processo identitário, mas os estudos sobre o assunto foram cruciais nessa minha descoberta. No Brasil, houve uma época em que ocorreu a ideologia do embranquecimento, mais especificamente no início do século XX, teoria esta que tinha como foco “a pureza étnica através da miscigenação racial, da assimilação cada vez mais das características do branco e não das “raças primitivas”. (GOMES, 1995, p. 90).

Em solo brasileiro, o período pós-abolição não sessou com o pensamento histórico racista, pelo contrário, entenderam que a população ‘liberta’ estaria povoando um mundo que deveria ser branco e a medida foi de tentar embranquecer a sociedade, ideia muito difundida no século 19.

Acreditava-se que esse “branqueamento” era possível através da união entre pessoas negras e pessoas brancas e que essa miscigenação naturalmente iria resultar em uma população mais clara, pois apostava-se que o gene de uma pessoa branca era “melhor e mais forte” que o de uma pessoa negra, vigorando-se assim filhos brancos. Além de governantes da época facilitarem a imigração e fomentarem o mercado de trabalho para imigrantes brancos com o objetivo de haver uma predominância branca na sociedade

É claro que toda essa ideia é mais um projeto colonial e eugenista. A ideologia do embranquecimento no Brasil, resultou em uma população miscigenada composta por pessoas com vários tons de pele com fenótipos diferentes. Sendo o negro de pele clara vinculado ao pardo. Nota-se que mesmo com uma população miscigenada, é necessário dizer que isso não faz com que sejamos todos negros, ou que sejamos todos um pouco negro, trazendo assim o mito da democracia racial, onde todos nós seríamos iguais. Como bem comenta Carine (2025, p.33) ‘Não adianta afirmar que o racismo não existe por sermos todos iguais; o racismo existe justamente porque a humanidade o criou’.

Aqui nesta tese, entende-se que ser pardo no Brasil, é também ser negro e esse entendimento recebe influência do Movimento Negro Unificado surgido em 1970 que segundo Carneiro (2004), desempenhou um papel fundamental na construção de uma identidade negra que englobasse tanto pessoas pretas quanto pardas, esforçando-se para redefinir a negritude e incluir os “mestiços” descendentes de negros, que anteriormente não se identificavam como negros, na mesma categoria.

Daí que é importante defendermos aqui que negros de pele clara também sofrem experiências racistas em seu cotidiano, nota-se que não estamos medindo essas experiências com nenhuma régua, ou seja, que um sofre mais que o outro. Ideia também partilhada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) no documento, *Relações Raciais: Referências Técnicas para a Prática da/o Psicóloga/o*.

É estratégia do racismo dividir e subdividir o grupo racial negro. De toda maneira, não é possível anular a violência psíquica, física e sexual que tanto o escravismo como o racismo impuseram e impõem sobre todos os negros, dos mais escuros aos mais claros: pretos(as), pardos(as) e pardos(as) claros sofrem. Tentar estabelecer quem sofre mais seria impossível tanto quanto violento. (CFP, 2017, p.38):

É importante a defesa de que a base é a mesma para esses dois públicos, pois o negro de pele clara juntamente com o negro de pele escura, são negros e o racismo é estrutural, ou seja, ambos estão vivendo na mesma estrutura, pois:

"O racismo estrutural é a base de todo o sistema de exclusão que vivemos no Brasil. Ele se manifesta nas desigualdades raciais que permeiam todas as esferas da vida social, do mercado de trabalho à educação, e opera de forma a perpetuar os privilégios de uns e a marginalização de outros" (Almeida, 2019, p. 40).

O autor dessa citação é Silvio de Almeida, filósofo e jurista brasileiro que aborda o conceito de racismo estrutural em sua obra como um fenômeno profundamente enraizado nas estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade. Para Almeida (2019), o racismo não se manifesta apenas em atitudes individuais ou em incidentes isolados de discriminação, mas está intrinsecamente ligado ao modo como as instituições e práticas sociais são organizadas. Ele argumenta que o racismo estrutural se manifesta na forma de desigualdades sistêmicas que afetam desproporcionalmente a população negra, perpetuando a exclusão e a marginalização.

Em seu livro "Racismo Estrutural", Almeida explica que esse tipo de racismo é mantido por meio de normas, políticas e práticas que, muitas vezes, não são explicitamente racistas, mas que reproduzem e reforçam as desigualdades raciais. Essas estruturas são responsáveis por garantir que os privilégios e oportunidades sejam sistematicamente negados às pessoas negras, enquanto a população branca é beneficiada de maneira direta ou indireta.

Silvio de Almeida também destaca que o racismo estrutural não pode ser combatido apenas por meio de mudanças individuais ou com boas intenções. Ele defende que é necessário um enfrentamento coletivo e uma transformação profunda das estruturas sociais, o que inclui a revisão de políticas públicas, a democratização do acesso à educação, à saúde e ao mercado de trabalho, além da promoção de uma justiça social que leve em conta as desigualdades históricas e a reparação dos danos causados pelo racismo ao longo dos séculos. A obra de Almeida (2019) contribui significativamente para o entendimento de como o racismo opera de forma complexa

e multifacetada na sociedade, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a necessidade de mudanças estruturais para a construção de uma sociedade outra.

Comecei a perceber o racismo estrutural em meu cotidiano não tem tanto tempo, pois lembre-se é recente a minha descoberta identitária¹¹. Quando consegui concretizar esse assunto em minha vida, ou seja, quando entendi que sou uma mulher negra, comecei a perceber situações racistas (que sempre existiram, mas tomar consciência delas foi um outro processo).

É esquisito pensar que nasci negra e me descobri como tal somente depois de adulta. Essa confusão toda, já entendemos que é consequência de um processo de branqueamento da população pós-abolição e tudo o que isso causou na percepção e autopercepção de sujeitos brancos e não brancos no Brasil.

Você deve estar se perguntando: Então como ela descobriu que era negra? A resposta para essa pergunta é um processo que aconteceu e ainda está acontecendo. O ano era 2017, ano em que conheci algumas pessoas do curso de Serviço Social da faculdade, a maioria dessas pessoas eram negras e estavam querendo montar um coletivo negro na faculdade. Paralelo a minha aproximação com a turma que estava iniciando o movimento, fui ficando mais amiga de duas meninas negras que conheci ao iniciar o curso de Psicologia, mas que até então, não havíamos nos aproximado. Essas mesmas garotas também estavam na formação do coletivo e chamaram-me. Foi ali que comecei a me sentir parte de alguma coisa. O coletivo foi acontecendo aos poucos, não era algo que tivesse encontro religiosamente toda semana, não lembro se elaboramos um nome para o grupo, mas eu sei que ali havia uma espécie de pacto não falado, de que se algo acontecesse com um, aconteceria com todos. Emicida¹² consegue ilustrar bem esse sentimento ao dizer em sua música a seguinte frase “ tudo que nós tem é nois’”. Como já estava quase no final do curso, não consegui fazer grandes amizades, mas foi um período muito importante em minha formação.

Depois de ter feito parte do coletivo e de ter conhecido algumas pessoas, fui cada vez mais tendo um sentimento de pertença sobre quem eu era e até mesmo que eu poderia alcançar lugares enormes. Após concluir a faculdade, me inscrevi para o mestrado na modalidade das cotas reservados a pretos, pardos e indígenas, é necessário pontuar que a reserva de vagas nas instituições federais de ensino superior (cotas étnico-raciais) foi estabelecida pela Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, como uma das formas da Política de Ações Afirmativas. O objetivo

¹¹ Sendo assim, o racismo sempre esteve ali, mas eu só comecei a percebê-lo quando o meu processo de identidade racial foi acontecendo.

¹² Música do cantor de rap Emicida intitulada por “Principia” e você consegue escutá-la aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggv0xM8Q>

dessa política é reduzir as desigualdades existentes em nossa sociedade. Essas ações podem amparar diferentes grupos sociais e étnico-raciais que têm um histórico comprovado de discriminação e exclusão¹³.

Devido ao grande número de fraudes cometidas por estudantes que ocupavam vagas destinadas às cotas raciais, mas pertenciam a um grupo étnico-racial diferente do que declaravam, tornou-se necessário implantar procedimentos mais rigorosos (além da simples autodeclaração marcada em um questionário) para avaliar os candidatos às vagas reservadas por meio de ações afirmativas (MARTINS, MELLO, RIBEIRO, 2021). Assim instaurou-se a criação das comissões de hetero identificação racial, que tem por objetivo emitir pareceres apoiados na percepção fenotípica de terceiros para dar continuidade ao processo seletivo. Esse procedimento, de acordo com Braga (2021) não desvaloriza nem invalida a autodeclaração, mas busca, para efeitos jurídicos e políticos, identificar quais candidatas ou candidatos são publicamente reconhecidos como negros.

E assim, após passar pela banca de heteroidentificação racial e dar continuidade ao processo seletivo para cursar o mestrado em educação, finalmente ingressei. Ali foi mais uma comprovação de que eu não estava em um delírio que eu sou negra, havia mais uma confirmação de tal questão. No mestrado, através das disciplinas obrigatórias, comecei a ter contato com temas voltados para as relações étnico-raciais, além de fazer amizade com a maioria dos estudantes que também eram cotistas. Um mundo outro começava a surgir em relação a minha identidade racial. Assim, comecei a compartilhar alegrias e dores desse processo e era entendida, porque meus colegas cotistas também passavam por essas sensações, me senti abraçada. Ainda que a sensação de intrusa se fizesse presente, eu sabia que no fundo, eu não estava sozinha. E mais uma vez Emicida estava com a razão “tudo que nois tem é nois”.

Porém, ainda que estejamos um pelo outro, irmãs e irmãos, o racismo se faz presente e assim comecei a identificar o racismo cotidiano, que é bem explicado por Grada Kilomba em:

O racismo cotidiano refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como “Outra/o” – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (2019, p.78).

¹³ BRASIL, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm

O racismo cotidiano refere-se a algo que não é pontual, pelo contrário ele faz parte das geografias de vida de pessoas negras. Sendo assim não existe um local geográfico e espacial para que o racismo ocorra, ele está ali em muitas variedades espaciais, no chão, na casa, no supermercado, na livraria, na família, na escola, nas universidades, no açougue, no shopping. Por exemplo: Fui até um estabelecimento muito conhecido na cidade em que eu estava morando na época do mestrado, lembro que eu estava acompanhada do meu companheiro, que também é um homem negro, de traços finos e com o cabelo ondulado de cachos bem abertos. Fiquei na porta desse local enquanto ele comprava cigarros e como ele estava demorando muito o chamei em voz baixa e de longe perguntei se estava tudo bem, como não entendi a resposta, entrei e fui até ele para saber se algo tinha acontecido, talvez problema no cartão ou falta do produto, foi quando a dona da loja direcionou a mim perguntando se meu companheiro estava me ajudando, como se eu fosse uma pessoa em situação de rua e que estava pedindo a ele ajuda com os cigarros.

Foi assim que minha ficha foi caindo cada vez mais. Depois dessa situação, comecei a reparar em outras como no shopping quando fui comprar um sorvete e a atendente branca perguntou se eu trabalhava ali, porque como ela sempre me via por lá, logo eu precisaria estar ofertando meu serviço em alguma loja para justificar minha recorrente presença em um espaço geograficamente marcado pelo capitalismo, consumismo e exploração da força de trabalho de pessoas negras. Geografias de cores.

Kilomba (2019) aponta muito assertivamente que o racismo não é biológico, mas sim discursivo, ou seja, ele funciona por meio de um regime discursivo que está associado as palavras e imagens que são vinculadas por associações que vão se tornando equivalentes. Para dar exemplo de tal questão, a autora nos mostra em seu livro, por meio de uma mulher negra entrevistada em sua pesquisa, que a mesma, relata que passou em seus cabelos um creme com cheiro de coco e logo seu namorado começou a cantar uma música colonial alemã sobre macacos bárbaros. De acordo com a autora, neste caso houve a seguinte cadeia associativa: africano-África-selva- selvagem- primitivo-inferior-animal-macaco. Essas cadeias associativas também podem ser vistas nos dois exemplos de situações racistas que passei. A primeira na lanchonete: mulher negra- mulher negra na frente do estabelecimento- mulher negra na frente do estabelecimento esperando- pedindo ajuda a alguém - a ajuda é por estar em situação vulnerável. No segundo caso do shopping: mulher negra- mulher negra no shopping- mulher negra no shopping comprando sorvete com frequência-trabalha em alguma loja do shopping. A posição espacial, a geografia da cor são expressões das muitas histórias de opressão e racismo.

É interessante pensarmos como as cadeias associativas em relação ao corpo negro são comuns. Kilomba (2019) nos dá outro exemplo mais palpável que não nos dá direito a dúvida. Nos filmes infantis mais recentes de Walt Disney, o continente africano é o único local onde a história é representada por animais em vez de pessoas e suas culturas, como presente no filme famoso ‘O Rei Leão’. Diferentemente de outros continentes como ‘Pocahontas’ retratando uma lenda dos nativos americanos e ‘Mulan’ retratando uma lenda chinesa. Essas cadeias associativas, vão criando inconscientemente representações sociais de um povo, uma cultura, uma nação, o que gera discursos racistas, sexistas, misóginos e tantos outros discursos, que se passam despercebidos, sem receber a devida atenção e críticas.

Precisei fazer cisões no texto, eu sei. Entretanto, como já anunciei neste trabalho, as enunciações ocorrem de acordo com o movimento das coisas, da vida! Tudo se inter(liga). Por isso o título é este ‘Um território novo: o começo na docência, o caminhar e os des(dobramentos) a partir da vida’. Ao iniciar na docência muitas coisas também foram tomando partida, por isso começo o capítulo falando do processo de ser contratada para trabalhar como docente universitária, mas no meio, digo sobre as aproximações que tive em relação a minha identidade étnico-racial. É esse o território novo! começar uma profissão, estar em uma sala de aula como professora, também se liga com a minha afirmação de que sou uma mulher negra. Esse mundo novo de (des)cobertas, des(dobramentos), afirmações são parceiras, ou seja, eu me afirmo docente, assim como me afirmo ser negra e me afirmo ser uma docente negra. Isso muda tudo. Muda a forma que vejo o mundo e muda a forma que luto neste mundo. Muda a forma como eu (professora Mariana, uma mulher negra formada em psicologia e docente no curso) atua.

E é sobre essa atuação que gostaria de contar para vocês. A professora Mariana que iniciou sua profissão em 2022 não é mais a mesma em 2025, a pedagogia que proponho em sala de aula é diferente daquela inicial. Quando entrei para a sala de aula, era insegura em quase tudo aquilo que me prestava a dizer. Entendo que muito dessa insegurança tem a ver com o início da docência, de ser algo que ocorre em professores iniciantes, entretanto se pensarmos que sou uma mulher negra, ocupando um espaço de conhecimento, essa insegurança se triplica.

À medida que minha identidade étnico-racial iria se fortalecendo, minha docência se fortalecia junto. O meu eu enquanto sujeito se tornava mais concreto, porque agora eu fazia parte de um coletivo e o entendia. Lutar em sala de aula, também é uma luta. Propor uma psicologia outra é uma luta. Desafiar as bases hegemonicamente brancas na psicologia é uma luta. Falar sobre Neusa Santos, Emicida, Carolina de Jesus em um curso que tem sua história

no positivismo, é uma luta. Propor uma pedagogia do respeito é uma luta. Propor uma pedagogia da amorosidade e desacostumar espaços (Lopes, 2023) é uma luta. E nessa luta, tenho forjado saberes outros e modos outros de existência. A arte, o movimento dos corpos, as enunciações da vida em sua mais infinita vida são minhas armas e ferramentas. É garantir acesso a um mundo que é possível ver beleza. Não precisamos de uma pedagogia autoritária, precisamos de uma pedagogia de autoria. Somos autores, atores de uma espacialização na vida.

Tenho utilizado de um modo outro de fazer docência, na docência. É na troca de um exemplo de vida que a aula se faz vida. O conceito de aula como acontecimento de Geraldi (2015) muito me auxilia para explicar esse pensamento. O acontecimento é o resultado a partir do encontro, é estar sensível a vida. A aula é encontro, é acontecimento é vida nos modos de cada existência.

Para o estudioso, se apropriar da aula como um acontecimento é antes se apropriar do entendimento de que os espaços escolares historicamente foram marcados e demarcados por certas dicotomias, hierarquias dos saberes, e manejo dos corpos. Sendo assim, para que haja transformação (revolução) no sistema escolar (e aqui digo sobre a educação como um todo, desde a educação infantil até a educação superior) é necessário que reajamos contra os discursos de poder que medeiam a educação. Cada um e cada nós! Criticar e propor novas formas de existência nos espaços escolares, formas essas que se apoiem no respeito a alteridade, pois “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro, numa relação dinâmica entre alteridade e identidade.” (CARDOSO, 2005, p.53). Nas palavras de Geraldi (2015, p.32):

Professar tal teoria do sujeito é aceitar que somos inconclusos, de uma incompletude fundante e não causal. Que no processo de compreendermos a nós próprios apelamos para um conjunto aberto de categorias, diferentemente articulados no processo de viver. Somos insolúveis (o que está longe de volúveis) no sentido de que não há um ponto rígido, duro, fornecedor de todas as explicações. (GERALDI, 2015, p. 32).

E se não há um ponto rígido, duro e fornecedor de todas as explicações como o autor aponta, então não podemos fixar modos de existências como se fossem modos universais de vida. E se a educação está dentro desse cosmo chamado vida, então a sala de aula não é um ponto rígido, duro e fornecedor de todas as explicações. Por isso “[...] a atenção ao acontecimento é a atenção ao humano e a sua complexidade. Tomar a aula, como acontecimento é eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida do passado.” (GERALDI, 2015, p.100)

Acrescento aqui que ir contra ao ponto rígido que enrijece os modos de existência na vida é criar pontes para emergir autorias. Quando nadamos em correntes contrárias, quando

pisamos em caminhos outros, quando experimentos outros formatos, criamos! E se criamos, desejamos. Que possamos assim então, desejar que possamos ser devires. Para Gilles Deleuze e Guattari (1997), o conceito de devir (em francês, "*devenir*", que significa "tornar-se") é central em sua filosofia. Diferente da ideia de "ser" como algo estático ou fixo, o devir é um processo contínuo de mudança, transformação e criação. Deleuze e Guattari (1997) vê o devir como uma maneira de escapar das identidades fixas e das categorias rígidas, como uma força criativa que rompe com as estruturas estabelecidas. Deleuze e Guattari (1997) usa o devir para questionar as noções tradicionais de identidade, sujeito e ser. Para ele, as coisas não existem como essências estáticas, mas estão sempre em transformação. O devir é um processo de movimento constante, sem um ponto de chegada ou uma meta fixa. O importante não é o que algo é, mas o que ele pode se tornar. O devir, então, é um fluxo de possibilidades, uma abertura para o novo, para o inesperado e para a multiplicidade de formas de existência. É um conceito que desafia o pensamento binário e essencialista, buscando sempre o que está em movimento, em transformação e em potência.

Tenho tentado viver-devir. Tenho tentado estar a experimentar professora-devir, porque tenho tentado levar para a docência outros modos de pensar a psicologia, a partir de elementos presentes (e não presentes) no mundo. A arte, a música, a pintura, a oralidade, as experiências, o corpo, a natureza. Note que o devir é um processo que ainda não está pronto, ele não é dado. Ou seja:

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.64).

Portanto, devir não é um estado, é fluidez. Ser devir é estar em devir, é estar em um constante processo de (trans) formar. É inacabamento da vida nos levando a desejar (aindas) potentes. Poentes!



Que deve ir

Entre elos

Que devir

Entre meios

Uma forma

Que está por vir

um devir

No capítulo a seguir você poderá ver alguns trabalhos em que a psicologia outra se fez presente. Onde o desejo se forjou devir. São aulas transgressoras, aulas como acontecimento, vivências anunciadas, espaços ocupados, arte em corpo. Deixei nesta tese um espaço para mostrar a vocês um pouco da sala de aula que eu construí junto daqueles que toparam essa construção. Gostaria que vocês pudessem contemplar uma Psicologia outra e entender que é possível “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir” (HOOKS, 2017, p.56). Essa contribuição foi possível, a maioria dos alunos embarcaram nesse elo que foi construído de forma muito bonita. Houve valorização, pois como bem aponta (Hooks, 2017) “para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um” (p.18). Foi assim que trabalhei nesses quase quatro anos em que fui¹⁴ docente no curso de Psicologia na faculdade em que me cedeu espaço para experimentar ser docente pela primeira vez.

¹⁴ Decidi caminhar por outras vias e saí da faculdade em que trabalhava. Estava desgastada fisicamente e emocionalmente. Tenho me curado com o tempo.

Foi assim, reconhecendo que em tudo tem todos e em todos tem cada um, que fui criando um espaço comunitário, acolhedor, transgressor, transformador onde foi possível trocar aprendizado e não o estocar. Aprendi, compreendi e ensinei. Mas, sobretudo, fui feliz em muitos momentos. E só de ter sido feliz e de ter tentado mudar uma lógica educacional, posso me considerar transgressora. Novamente cito Bell Hooks para elucidar com outras palavras, meu sentimento. Para a autora, “entrar em uma sala munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão” (HOOKS, 2017, p.17). E é justamente a partir dessa noção, que foi possível entender que para forjarmos uma sala de aula humana, fluida e corajosa era necessário mover as práticas didáticas, balançar as estruturas rígidas regidas por esquemas fixados numa estrutura histórica. Como já dizia Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.25). Assim, a prática pedagógica transgressora não se trata de um ato solitário ou autoritário, mas de uma abertura constante ao diálogo e à criação conjunta de sentidos.

Sentidos que se criam em conjunto...

Conjunto que se criam em sentidos...

ENTRE RUPTURAS E CRI(AÇÕES): CONSTRUINDO PONTES ALTERNATIVAS PARA UMA PSICOLOGIA OUTRA NO FAZER DOCENTE

Mas não me entrego pros caretas, caretas, não
Trecho da música “ não me entrego pros caretas” da banda Lamparina.

O ateliê, a exposição de fotos e a oficina de expressões coloridas

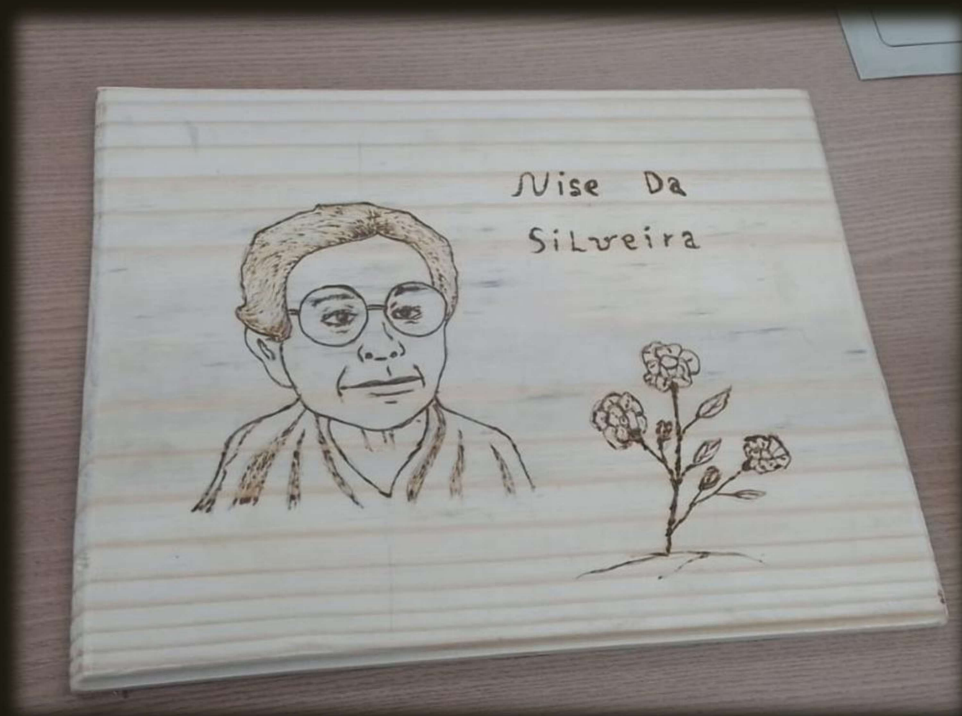
Ateliê de arte Nise da Silveira

Em um dia desses em que estava de carona com uma professora do curso, tivemos uma conversa muito sincera. Compartilhávamos um sentimento de aprisionamento que a teoria vinha nos causando e chegamos no ponto de que isso tem afetado nossos alunos. Estávamos percebendo que os estudantes estavam vendo a Psicologia como algo concreto demais, com teorias demais e quando tentávamos ousar, sair fora dessa caixa epistêmica, eles não conseguiam elaborar para além dessa caixa. Vislumbrar a criação. De certa forma, chegamos a uma questão de que nós também estávamos nesse meio. A norma faz parte da docência, professores que desejam uma docência outra não estão isentos da estrutura estruturantes, mas o devir está exatamente nesse espaço que deseja os (aindas). E desejamos.

Assim, em meio as paisagens da estrada, das árvores que se balançavam, do nosso fim de tarde e as músicas cantaroladas no carro, pensamos na proposta de um Ateliê de Psicologia, um espaço que poderia ser entendido como a extensão de nossas aulas. O movimento da estrada balançou a vida. O deslocamento do carro se tornou palavra e permitiu a cri(ação) e a re(invenção). Então vamos fazer um ateliê!

Ao pensar na criação de um ateliê de arte para o curso de psicologia é também pensar em um espaço acadêmico disruptivo que auxiliará a nossa própria saúde mental, pois ao nos aproximarmos com a arte, nos aproximamos de outras linguagens e ao nos aproximarmos de outras linguagens, nossa existência se torna corpo, se torna forma. Se torna sensível. Pois, “tudo isso educa para o sensível, para se pensar fora do pensamento único. Tudo isso significa não um método, mas um pouco de ar fresco, uma diferença mínima, um afeto minimamente não-controlável, uma onda de alegria na arte de aprender e de coabitar”. (LINS, 2005, p. 1239)

É refletindo sobre a transformação do ato de existir, que o Ateliê de Psicologia surgiu. O ateliê recebeu o nome de Nise da Silveira. Nise da Silveira, foi uma psiquiatra brasileira que teve um papel fundamental no desenvolvimento e popularização da arteterapia no Brasil. Seu trabalho revolucionário e pioneiro contribuiu para mudar a forma como a sociedade enxerga e trata as pessoas com doenças mentais. A faculdade nos concedeu um espaço físico em suas instalações que até então estava sem uso. Um aluno que é artesão e muito querido por nós, presenteou o espaço com um quadro. Ele havia feito o rosto de Nise a partir da técnica chamada de pirografia, que é um processo de desenhar em madeira com a ponta de um metal aquecida.



15

Figura 4: Nise da Silveira estampada na madeira a partir da técnica pirografia, feito pelo aluno. Arquivo pessoal

A proposta é de um espaço para fins de práticas de arteterapia e dinâmicas grupais como metodologia de ensino aos discentes do curso de Psicologia e espaço de convivência à comunidade acadêmica da Faculdade. Ao abrir este espaço, abriremos não só um espaço físico composto apenas de chão e paredes, mas sim de tudo aquilo que um sujeito pode experimentar, que é também o chão, que é também uma parede, que é também uma música, um teatro, um abraço, um sorriso, um som. A vivência espacial que transforma, topogênese, surgimento do novo no chão do encontro. Metamorfoses e transformações. Como bem cita Silva (2008, p. 230) “O pensar, e o pensar psicológico, sobretudo, é vivência, ou melhor, experimentação”. Este experimentar a ação é muito importante na proposta por uma psicologia crítica e humanizada.

¹⁵ Todas as imagens que aqui são anexadas e que envolveu algum estudante, seu uso foi previamente autorizado por eles.

Cada estudante, cada professor e cada participante deste espaço terá uma ação para ser experimentada. Uma ação, provocada, sentida, convocada. Assim o ateliê pode ser visto e entendido como um espaço não delimitado entre objetividade-subjetividade. É nesse paradoxo que o ateliê se instala, pois o espaço que nos cabe é então transdisciplinar.

Pensar em um ateliê no curso de Psicologia é também fazer um movimento de reflexão sobre como entendemos o campo das psicologias, é assim uma tentativa de construir uma proposta para além de uma psicologia embaçada de teorias isoladas. Se um dos objetivos da presença do ateliê é de ampliar a forma de conhecer e entender as psicologias, então estamos afirmando a necessidade de outras psicologias possíveis, entendemos que para tecer essa “psicologia outra” é necessário que se pense, que se viva e que se sinta, ou seja: que nos tornemos um pensador-experimentador.

Exposição de arte: “Abordagens psicológicas através de imagens: compreendendo o mundo por meio da percepção fotográfica”.

Na faculdade em que atuei, existe uma disciplina que se chama experiência aplicada, que tem como objetivo proporcionar aos alunos um ambiente de aprendizado prático, em que eles possam aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso em situações concretas e diversificadas. Através de projetos, atividades e trabalhos colaborativos, os estudantes desenvolvem habilidades como a resolução de problemas, a inovação e o trabalho em equipe, ao mesmo tempo em que ampliam sua capacidade crítica e reflexiva. Esta abordagem permite uma conexão direta entre teoria e prática, preparando os alunos para os desafios reais de suas futuras áreas de atuação. Cada semestre possui algumas disciplinas aplicadas em algo e eu fiquei responsável pela experiência aplicada em abordagens psicológicas.

De forma simplificada, as abordagens psicológicas na psicologia são diferentes perspectivas teóricas que buscam explicar o comportamento humano, os processos mentais e as emoções a partir de enfoques específicos. Cada abordagem oferece uma visão particular sobre como a mente e o comportamento funcionam, considerando fatores biológicos, sociais, emocionais e cognitivos. Como por exemplo: Psicanálise com o seu inconsciente, a cognitivo-comportamental com o comportamento, emoções e crenças, a humanista com sua singularidade e experiência, a esquizoanálise com o seu ato político, a Gestalt no aqui e no agora e tantas

outras abordagens fornecem um panorama abrangente e multidimensional para o estudo da mente e do comportamento humano.

Senso assim, entendo que cada abordagem tem sua própria forma de enxergar as condições humanas. Então cada teoria possui uma lente própria de ver as coisas. Foi então que duas palavras saltaram aos meus olhos: enxergar e lentes. Como bem diz Lopes (2021, p.13) “As palavras vão se criando e se transformando, à medida que a veemência das relações se intensifica”. Essas duas palavras me levaram a uma outra palavra: fotografia. Se cada teoria lança uma lente para enxergar a vida, então por que não saímos pela cidade capturando vidas? Uma forma criativa e reflexiva dos alunos expressarem suas compreensões sobre diferentes correntes da psicologia. Ao capturar imagens que representam, de maneira simbólica ou concreta principais conceitos de cada abordagem, os estudantes não apenas demonstram o entendimento teórico do conteúdo, mas também exercitam a aplicação desses conceitos em contextos visuais e cotidianos.

Essa atividade fomentou o pensamento crítico e a articulação sensível entre teoria e prática, acolhendo a subjetividade e a multiplicidade de interpretações. O aprendizado se fez mais profundo, situado e cheio de vida, um mosaico de saberes que ecoa o princípio da intelectopluralidade, definido por Bárbara Carine como “uma categoria de descolonização do pensamento que pauta a ruptura com o modelo único de intelectualidade imposto pela ótica brancocêntrica ocidental, prevendo uma ritualística epistêmica e performática para a constituição da pessoa intelectual” (p.23).

Ao longo do semestre dividimos os grupos sendo que cada um ficou responsável por estudar uma abordagem, como por exemplo a Psicanálise, Esquizoanálise, e a Terapia Cognitivo Comportamental. Tivemos aulas sobre tais abordagens, suas visões e nomes de teóricos pioneiros. Além disso, de forma abstrata iniciamos algumas atividades em que a criação era o principal objetivo, para que os alunos começassem a acostumar com a arte na vida.

Foi muito prazeroso este caminhar. No dia da apresentação final que ocorre em formato de feira para exposição de trabalhos, fizemos uma exposição das imagens que os próprios alunos capturaram em seu cotidiano. Alguns pegaram emprestado de locais já existentes, outros capturaram com suas máquinas fotográficas e celulares. A exposição tomou forma. As imagens foram amarradas ao teto. As luzes foram apagadas e para vê-las era necessário o uso de uma lanterna. Ao fundo músicas tocavam enquanto se passava de forma sucessivas, imagens com poemas que uma aluna ficou responsável de elaborar. E foi assim que tudo aconteceu, somente o som, imagens penduradas do teto, imagens que viraram poemas, lanternas nas mãos jogando

luzes em teorias, bastava entrar e permanecer. Foi um novo modo de fazer a experiência aplicada ser aplicada em sentido, arte e encontros. Agradeço aos alunos que protagonizaram essa disciplina como um acontecimento.

Encontros



Figura 5: foto da exposição. Arquivo pessoal.



Figura 6: foto da exposição. Arquivo pessoal.

Em seguida, colocarei as imagens capturada pelos estudantes em relação a algumas abordagens psicológicas. Em cada imagem escrevi um poema que representasse a teoria. Não optei por escrever o conceito de forma rígida, pois acredito que as fotos se forjaram em poesia, o abstrato se fundou e não coube aqui fixar estruturas. Aqui, neste texto temos fragmentos.

Fragmentos

Entre o espaço e o tempo

Capturados

Psicanálise

CONSCIENTE X INCONSCIENTE



"A ÚNICA COISA DE QUE FALAMOS É O NOSSO PRÓPIO SINTOMA". - JACQUES LACAN.

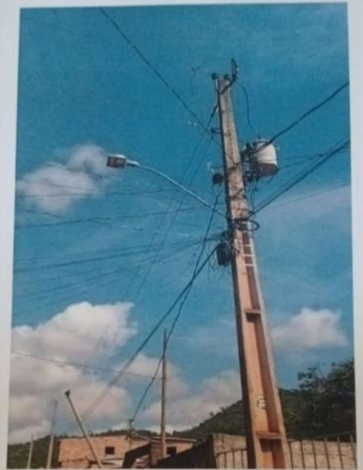
A Psicanálise é uma abordagem teórica criada pelo médico psiquiatra Sigmund Freud no final do século XIX, voltada para o estudo do inconsciente e seu impacto no comportamento humano. Ao contrário das teorias que focam apenas nos aspectos conscientes da mente, a psicanálise propõe que grande parte de nossos pensamentos, desejos e comportamentos são influenciados por processos inconscientes, ou seja, elementos da mente que estão fora do nosso alcance consciente, mas que ainda assim afetam profundamente a nossa vida cotidiana.

No abismo

Lá no fundo

Tensionam vários mundos

CONSCIENTE (EU)



"ATÉ VOCÊ SE TORNAR CONSCIENTE, O INCONSCIENTE IRÁ DIRIGIR SUA VIDA E VOCÊ O CHAMARÁ DE DESTINO" - CARL JUNG

Aquilo que não se pode suportar, reprimo, guardo no inconsciente. Não quero trazer à tona algumas questões. Isso é o recalque que segundo Freud é um mecanismo de defesa essencial que permite ao indivíduo reprimir pensamentos, desejos e memórias que são considerados inaceitáveis ou ameaçadores. Em sua obra "A Interpretação dos Sonhos", Freud

argumenta que o recalque é fundamental para o funcionamento psíquico, pois ajuda a manter a estabilidade emocional ao afastar conteúdos que poderiam causar angústia. No entanto, ele também enfatiza que esses conteúdos reprimidos não desaparecem; ao contrário, podem manifestar-se de maneiras distorcidas, como sintomas neuróticos ou em sonhos, revelando a complexidade e os conflitos da psique humana (Freud, 1900).

SONHO



"O SONHO É A ESTRADA REAL QUE CONDUZ AO INCONSCIENTE". - SIGMUND FREUD.

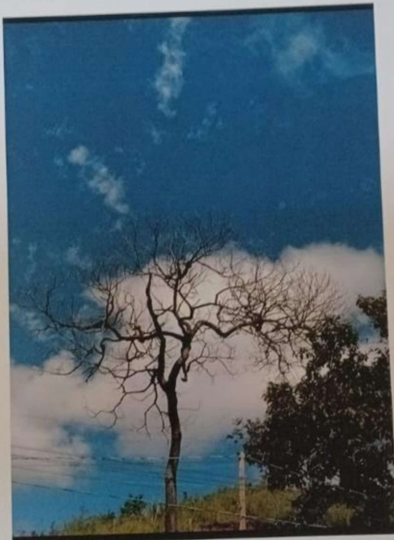
Minha mente é potente

Faz revolução

Luta

Resiste

RECALQUE/RETORNO DO RECALCADO



"AQUILO QUE VOCÊ RESISTE, PERSISTE." - CARL JUNG.

Persiste

E se persiste, se torna manifesto. Manifesta-se pelas bordas do inconsciente: sonhamos!

Sonhar

para suportar ao acordar

É fazer acordos com o inconsciente

Sonhar para suportar ao acordar

É juntar partes

É criar partes juntas

É manifestar

Manifesto acordando

E de tanto juntar e de tanto sonhar e de tanto

projetar

e de tanto saber o não saber

trans(borda)

Escorre pelas bordas do inconsciente

entorna o entorno. Catarse!

E nessa camada de conflitos



Desejo

Repito

Elaboro

Acordo

Corroboro

No assim, estar

E volto

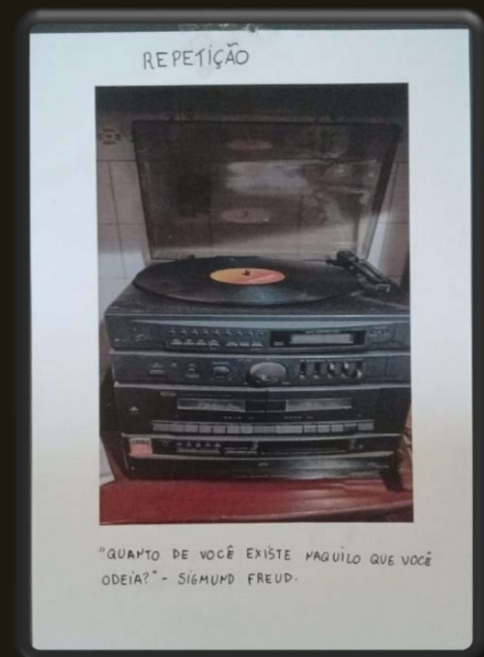
Re(volto)

Re(cordo)

Re(vivo)

E nesse encontro, visito o trauma

É o fio da vida costurando pedaços





No corpo

No tempo

No espaço, na pele e na alma

Com tantas questões, a psicanálise fez morada

Jogou luz na estrada

Fez possível

A PSICANALISTA



A MENTE HUMANA
SE ASSEMELHA A
UMA CASA COM
VÁRIOS CÔMODOS.
ALGUNS CÔMODOS
TEM LUZ E ESTÃO
ORGANIZADOS. OUTROS
ESTÃO TRAVCADOS E
SEM LUZ. O PSICANALISTA
SERÁ AQUELE QUE,
MUNDO DE UMA LÂMPADA,
ENTRA NOS CÔMODOS ESCUROS.

Caminhos e caminhadas

É o ponto de partida

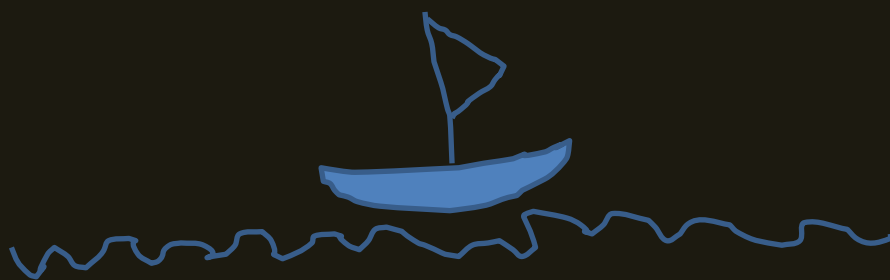
Nessa difícil jornada

Com tantas questões, a psicanálise fez morada

Abriu portas e janelas

Navegou as caravelas

Cruzou rios e mares



A psicanálise

A esquizoanálise

A esquizoanálise é uma estética, teoria e prática desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que visa entender e transformar a experiência psíquica e social através de uma crítica à psicanálise tradicional. De acordo com Peres, Borsonello e Peres (2000, p. 37) ‘Seria uma estética que valoriza o ato de criação, da revolução criadora. A Esquizoanálise é enormemente pautada pela Filosofia, e vai contra a ideia de totalidade, de estrutura, de esquemas’. Ao contrário de focar em estruturas familiares e dinâmicas de poder, a esquizoanálise explora os fluxos de desejo e a produção de subjetividades, propondo que a psique não é um espaço fixo, mas um campo dinâmico onde desejos, afetos e realidades sociais se entrelaçam. Através da noção de "máquinas desejanças", Deleuze e Guattari buscam liberar o desejo das restrições impostas pelas normas sociais e psicológicas, promovendo uma forma de vida mais autêntica e criativa, onde a multiplicidade e a heterogeneidade são valorizadas. Essa abordagem não apenas critica as convenções da psicanálise, mas também se propõe a abrir novos caminhos para a compreensão da saúde mental e da produção de subjetividade.



① que é ser feliz em meio a
garantias e o caos?

Depois de adulto parece que brincar se tornou sonho.

“Linhas de fuga, becos estreitos”

Na esquizoanálise, um conceito desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, "linhas de fuga" referem-se a caminhos de escape das estruturas rígidas de pensamento e das normas sociais. Essas linhas representam possibilidades de transformação e de criação, permitindo que o indivíduo se desfaça das limitações impostas pela sociedade e pelos discursos dominantes.

Em vez de se fixar em identidades fixas ou papéis sociais, as linhas de fuga promovem a ideia de um movimento contínuo, um processo de devir que possibilita novas formas de ser e de viver. Elas são vistas como formas de resistência à normatização e à reificação da subjetividade, incentivando a experimentação e a liberdade criativa. Essencialmente, as linhas de fuga são uma forma de escapar das estruturas opressivas, buscando novas conexões, experiências e modos de existência. Nas palavras de Cassiano e Furlani (2013, p.374) "São rupturas que desfazem o eu com suas relações estabelecidas, entregando-o à pura experimentação do devir, ao menos momentaneamente. São linhas muito ativas, imprevisíveis, que em grande parte das vezes precisam ser inventadas.

Linhas de fuga

Becosestreitos



Linhas de fuga, Becos estreitos

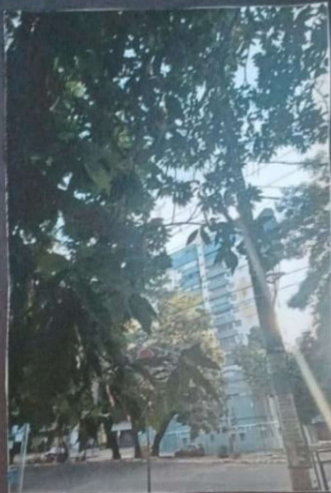
Linhas de fugas

Rupturas do ser

O caos é criação

Rasga o silêncio

Aumenta a visão



Realidades e ideias concretas.

*E o concreto toma
espaço*

*É a era do cinza
colorindo a vida*

A esquizoanálise critica as estruturas capitalistas que promovem a alienação no trabalho. Ela propõe um olhar atento às práticas de resistência e aos modos de organização que buscam romper com essas lógicas, explorando novas formas de valor que não se baseiam apenas na produtividade.

Neblina mansa, anuncia uma nova era

Cobre os rostos cansados

antes do galo cantar

É O fardo nas costas

É O vento que sopra

A produção começará.



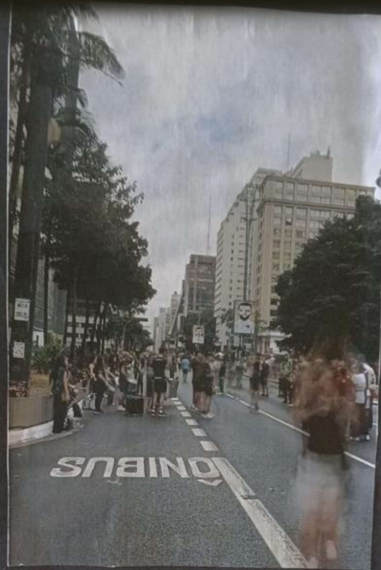
*A Neblina que cega os olhos dos
Trabalhadores.*

Tem becos estreitos?

Mas tem gente nos becos

Se tem gente nos becos

Tem resistida nos becos estreitos.



Como aliviar as inquietações que nos não pastas no meio social? o medo que as coisas não proficidas em meio a uma possível melodia, Conta historias de concepção de mundo que nos leva a imaginação de construir um cenário diferente daquele posto pela realidade social. onde nos inseriam, Vamos formular utopias e acima de Tudo, que tentam

Quebrar o status?

Não é só um ato político, é nossa forma de protesto em tempos autoritários

Terapia Cognitivo Comportamental

Popularmente conhecida como (TCC) é uma abordagem psicoterapêutica que visa modificar padrões de pensamento e comportamento disfuncionais. Desenvolvida nas décadas de 1960 e 1970, principalmente por Aaron Beck, a TCC combina conceitos da psicologia cognitiva e da terapia comportamental, proporcionando uma forma estruturada e prática de tratamento para diversos transtornos psicológicos.

A Terapia Cognitivo Comportamental parte do princípio de que nossos pensamentos influenciam nossas emoções e comportamentos. Pensamentos automáticos negativos, por exemplo, podem levar a sentimentos de tristeza e comportamentos de evitação. Por bem assim dizer, a Terapia Cognitiva:

Postula que há pensamentos nas fronteiras da consciência que ocorrem espontânea e rapidamente e são uma interpretação imediata de qualquer situação.⁵ São chamados de pensamentos automáticos e são distintos do fluxo normal de pensamentos observado no raciocínio reflexivo ou na livre associação. São geralmente aceitos como plausíveis, e sua acurácia é aceita como verdadeira (KNAPP, BECK, 2008, p. 57).

Ao identificar e desafiar esses pensamentos, os indivíduos podem mudar suas reações emocionais e comportamentais e avaliar as distorções cognitivas existentes em sua estrutura. Sendo assim, afeto e cognição andam juntos nas distorções cognitivas e emocionais, pois é um estado de dependência entre essas duas estruturas, ou seja. Um reforça o outro. (KNAPP, BECK, 2008, p. 57).

Nos labirintos da mente

O espelho se torna presente

É a vida distorcendo

O que está acontecendo

É a culpa que pesa

É o espelho da vida

Como uma fera





*Na correria do relógio
o mundo passa
O ônibus não chegou
Você se ferrou
A mente se agita
Pensamentos automáticos
fazendo figa
Respiro
E repito
Chegar atrasada, talvez,
não seja o fim*

*É apenas um momento
um recomeço em mim.*

Talvez não seja um fim

Fim será?

No volante da vida, um susto

“Foi tudo culpa sua”

Disparo a pensar



De batidas a aprendizados, o que é preciso é entender

Que uma situação não é a morte

É apenas um vi(ver).

A oficina de expressões coloridas

Na faculdade existe um evento chamado semana acadêmica, que tem o objetivo de levar para os alunos compreensões que estão para além do currículo do curso. É uma semana de apresentações, oficinas, palestras, workshop de diferentes áreas. Eu e alguns colegas da psicologia pensamos em uma oficina diferente, que envolvesse arte e gente. Vamos pintar! Esse foi o grito de guerra inicial, mas pintar o que? Como? por qual motivo? Foi então que chegamos a um consenso de pintar camisas com frases, expressões enfim, deixar estampado mensagens que queríamos que o mundo soubesse. E assim, elaboramos a oficina de expressões coloridas. Uma oficina da expressão, da criação e do movimento. Foi uma noite bonita, ficamos em mesas circulares, com tintas de muitas cores, pinceis de vários tamanhos e formatos e música no ambiente.

Pintar uma mensagem é pintar o mundo, é dar cor aquilo que sente e pensa. É um grito amor, mas também de guerra. É esvaziar-se é munir da sensação, é ato de sentir nutrindo suas forças, é o rompimento do silêncio (GIL, 2010) é a quebra de dicotomias. É menos palestras e mais agrupamento. É menos slide e mais arte.

É “encontrar o conteúdo e a expressão, avaliar sua distinção real, sua pressuposição recíproca, suas inserções fragmento por fragmento” (DELEUZE; GUATTARI, 2011e, p. 232). É então desacostumar espaços como Lopes (2021) nos convida e acrescento neste convite: vamos desacostumar a psicologia.



Figura 7: Arquivo pessoal. Foto do processo de pintura das camisas.



Figura 8: Arquivo pessoal. Processo de cri(ação).

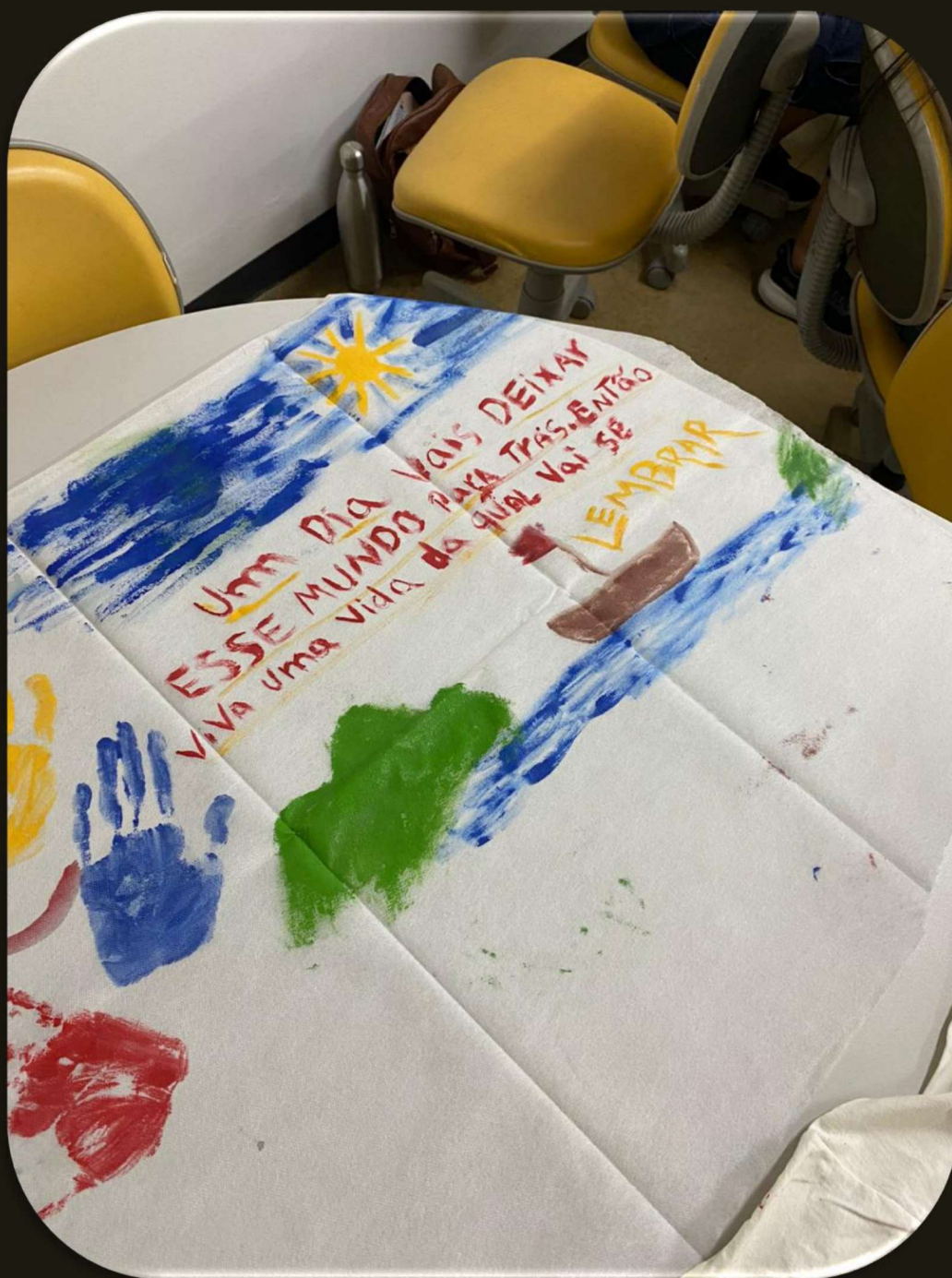


Figura 9: Figura 9: Arquivo pessoal. Processo de cri(ação).

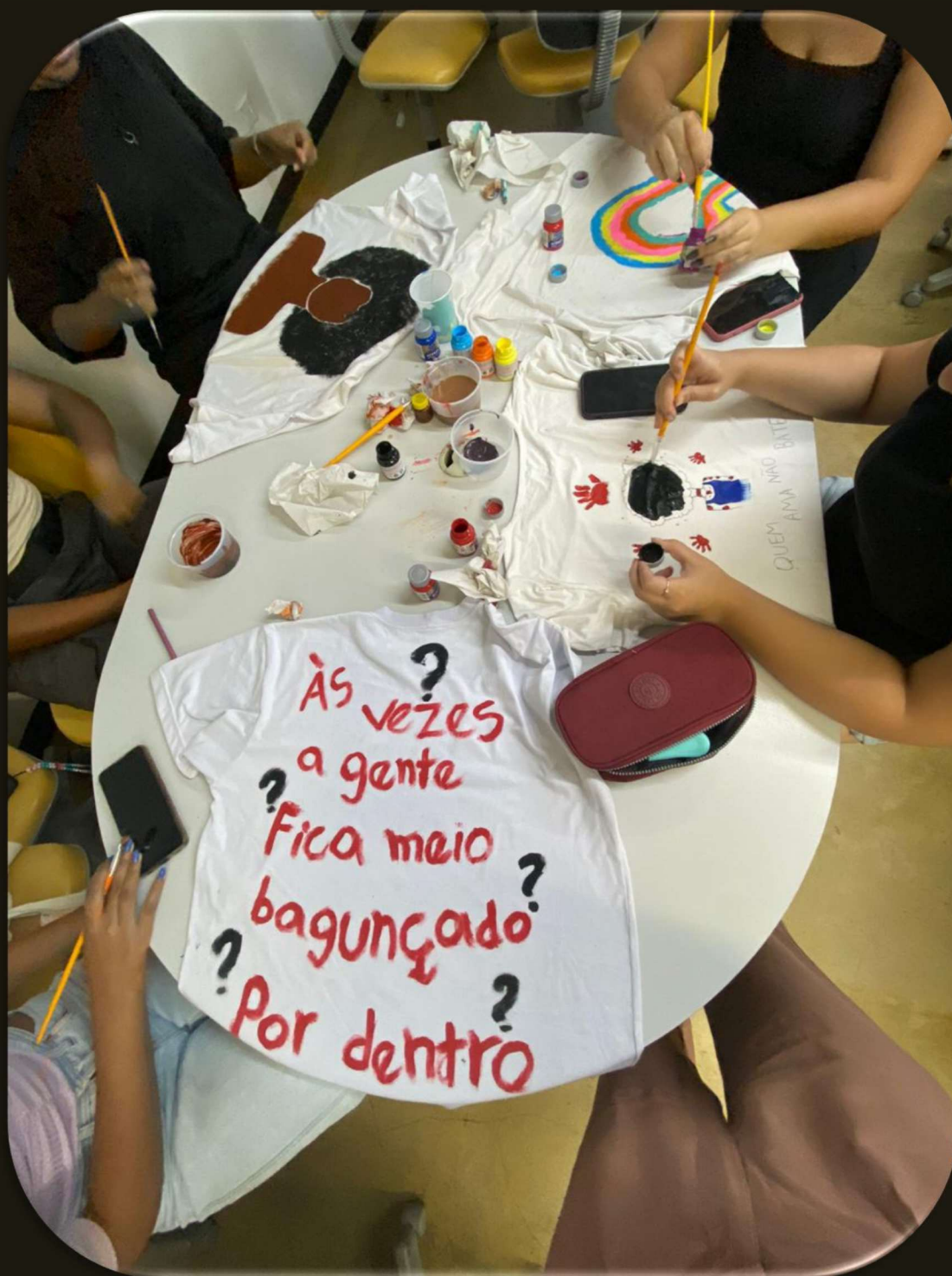


Figura 10: Figura 9: Arquivo pessoal. Processo de cri(ação).

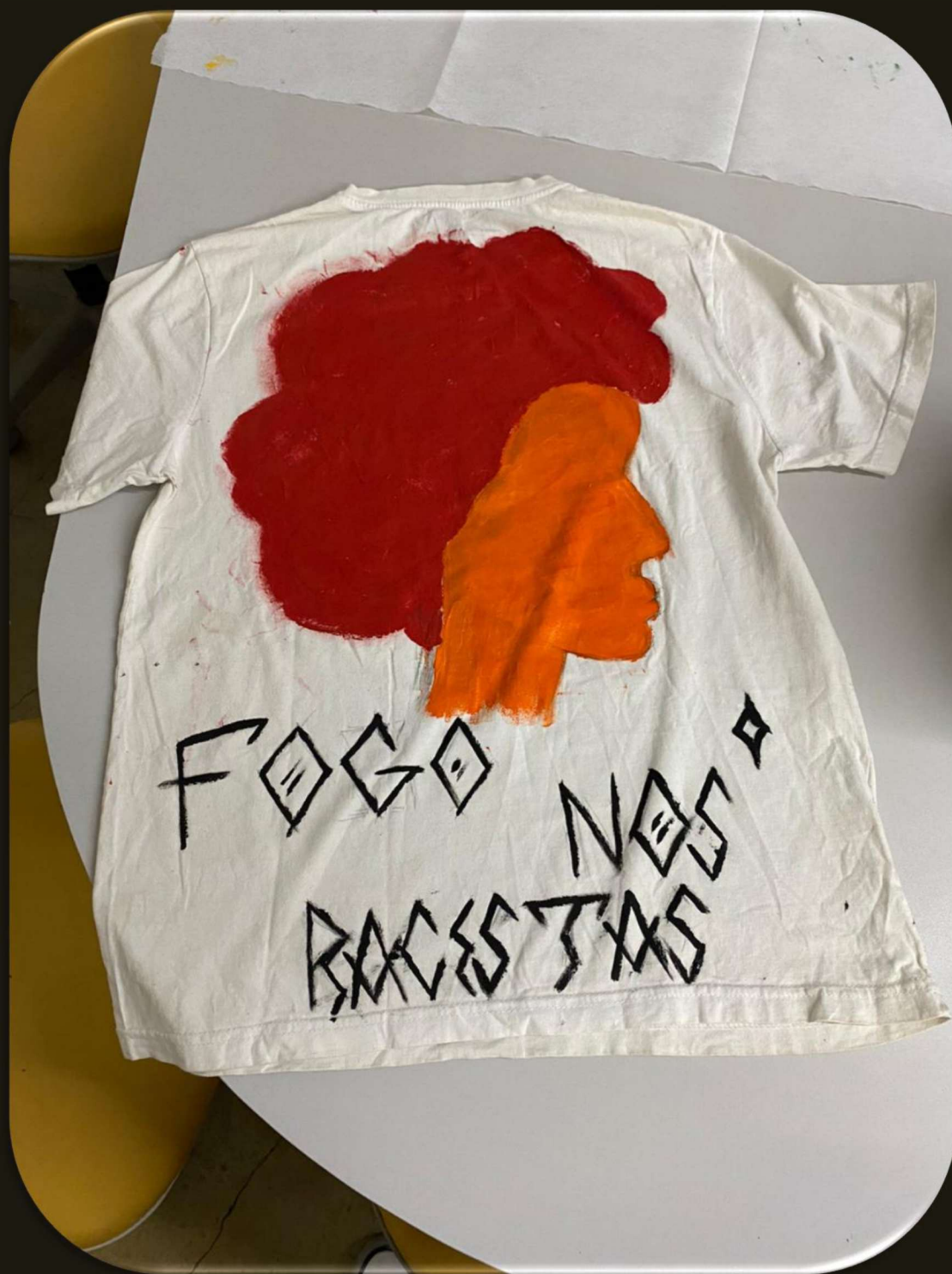


Figura 11: Arquivo pessoal. Processo de cri(ação). “Fogo nos racistas” é uma frase retirada da música “Olho de Tigre” do cantor de rap Djonga. É a arte vestindo o grito, rasgando silêncio. Se desejar ouvir a música: <https://youtu.be/0D84LFKiGbo?si=7MR0uyRZRllHHPWr>.

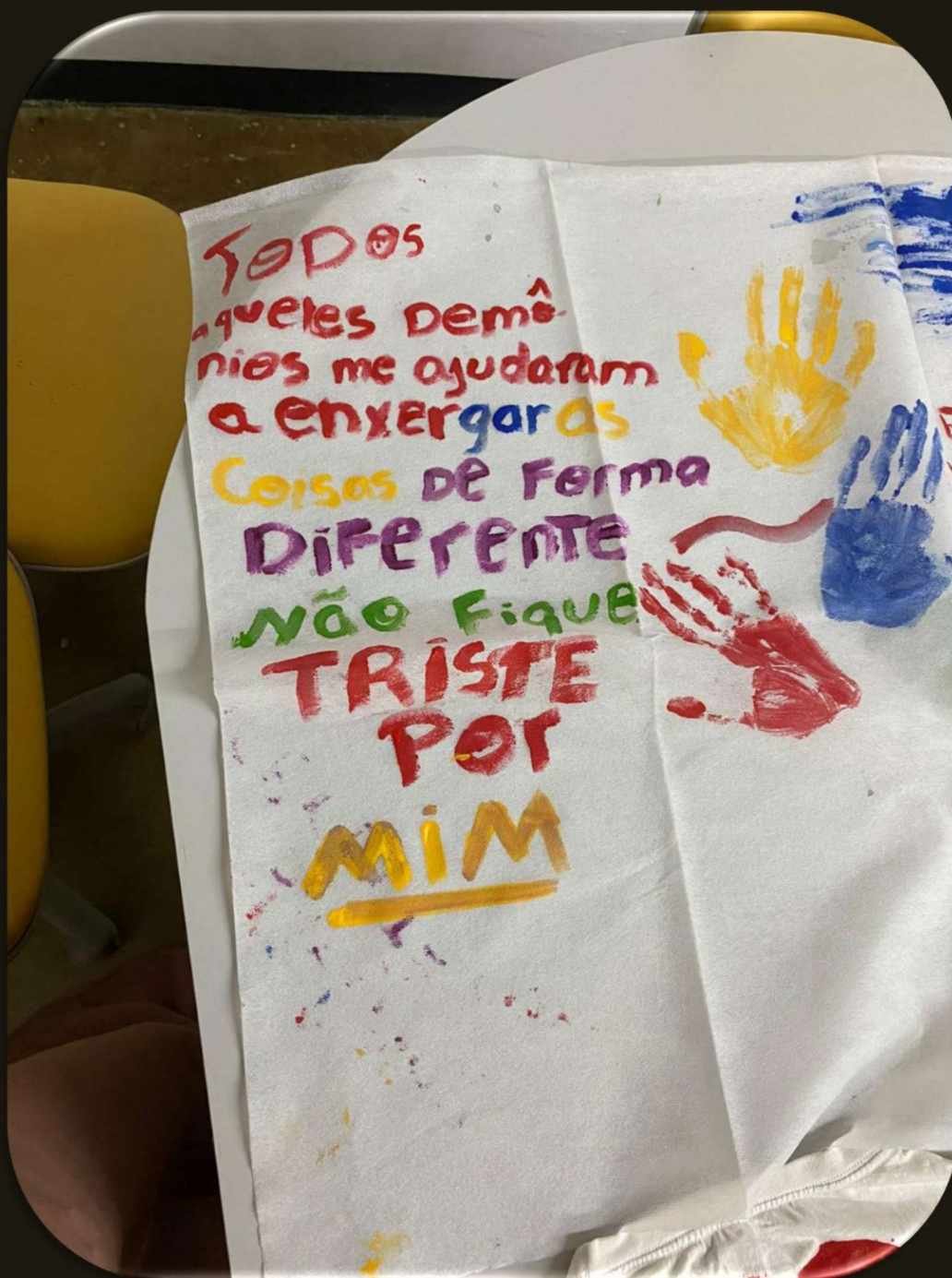


Figura 12: Arquivo pessoal. A frase é a tradução de um trecho da música "Shut Up" da cantora Ariana Grande. Acessar aqui: <https://youtu.be/u-8mXK3JkNk?si=X4SfOH3A97m9Gxe4>.

Voltando na parte em que trabalhei com a disciplina de Experiência aplicada em Abordagens Psicológicas, gostaria de trazer um outro fato. Ela também foi ofertada em outro ano, mais precisamente o ano de 2025. O nome da disciplina foi o mesmo, porém os alunos foram outros, o contexto se modificou e a cada aula que se passou, uma nova docente aqui dentro se forjou. Sentei-me com os alunos e propus algo parecido, uma exposição de fotos.

Toparam a ideia com alegria e acrescentaram outros aspectos. Ao apresentar as fotos, não seria em formato de exposição e sim como uma ideia de feira, onde cada grupo apresentaria as fotos de forma única. Alguns penduraram as fotos em um guarda-chuva, outros criaram um túnel, alguns colocaram as fotografias em galhos de árvore e tudo fez sentido pensando nas abordagens escolhidas. Infelizmente não tenho fotos, pois o dia da apresentação foi corrido, faltando tempo para registrar em solo, entretanto, esse dia se tornou lembrança em meu corpo, mente e espírito, acho que isso basta. Memória é atemporal.

Mesmo não tendo registros palpáveis do dia das apresentações, gostaria de mostrar o processo que foi sendo registrado pelos alunos. Combinamos de cada grupo apresentar um caso clínico de acordo com a abordagem escolhida e trazer para a sala algum objeto que representasse a história. Não colocarei aqui os casos por não acreditar fazer sentido trazê-los para cá, não é objetivo aqui fazer com que o leitor entenda o caso e analise-o de acordo com as imagens. A principal finalidade é o trabalho em si, a disposição em si dos elementos construídos pelos alunos e que de certo modo fizeram sentido num determinado contexto e cosmovisão.

Cosmovisão



Figura 13: representação do caso a partir de elementos (arquivo pessoal, foto cedida por uma aluna).



Figura 14: representação do caso a partir de elementos (arquivo pessoal, foto cedida por uma aluna).



Figura 15: representação do caso a partir de elementos (arquivo pessoal, foto cedida por uma aluna).

Ainda dentro desse contexto, houve uma aula que decidimos juntos explorar outros territórios e espaços. Fomos para fora da sala procurar elementos presentes no mundo que representasse a abordagem escolhida. Como aponta Freire (2023, p.19) ‘‘O mundo é espetáculo, mas sobretudo convocação. E, como a consciência se constitui necessariamente como consciência do mundo, ela é, pois, simultânea e implicadamente, apresentação e elaboração do mundo’’. Portanto, é fundamental que estudantes de Psicologia transcendam os limites físicos da sala de aula e se abram à experiência do mundo. Para Freire (2023) a educação deve ser um ato dialógico, libertador e conectado com a realidade concreta dos sujeitos. Ao sair da sala de aula, os alunos têm a oportunidade de vivenciar as contradições sociais, escutar histórias de vida, observar contextos diversos e compreender a Psicologia como prática situada. Essas

experiências ampliam a percepção crítica, fortalecem a empatia e aproximam o conhecimento teórico das lutas e vivências humanas, promovendo uma formação que não apenas informa, mas transforma. É o mundo que transforma a gente em gente e a gente que transforma o mundo em mundo.

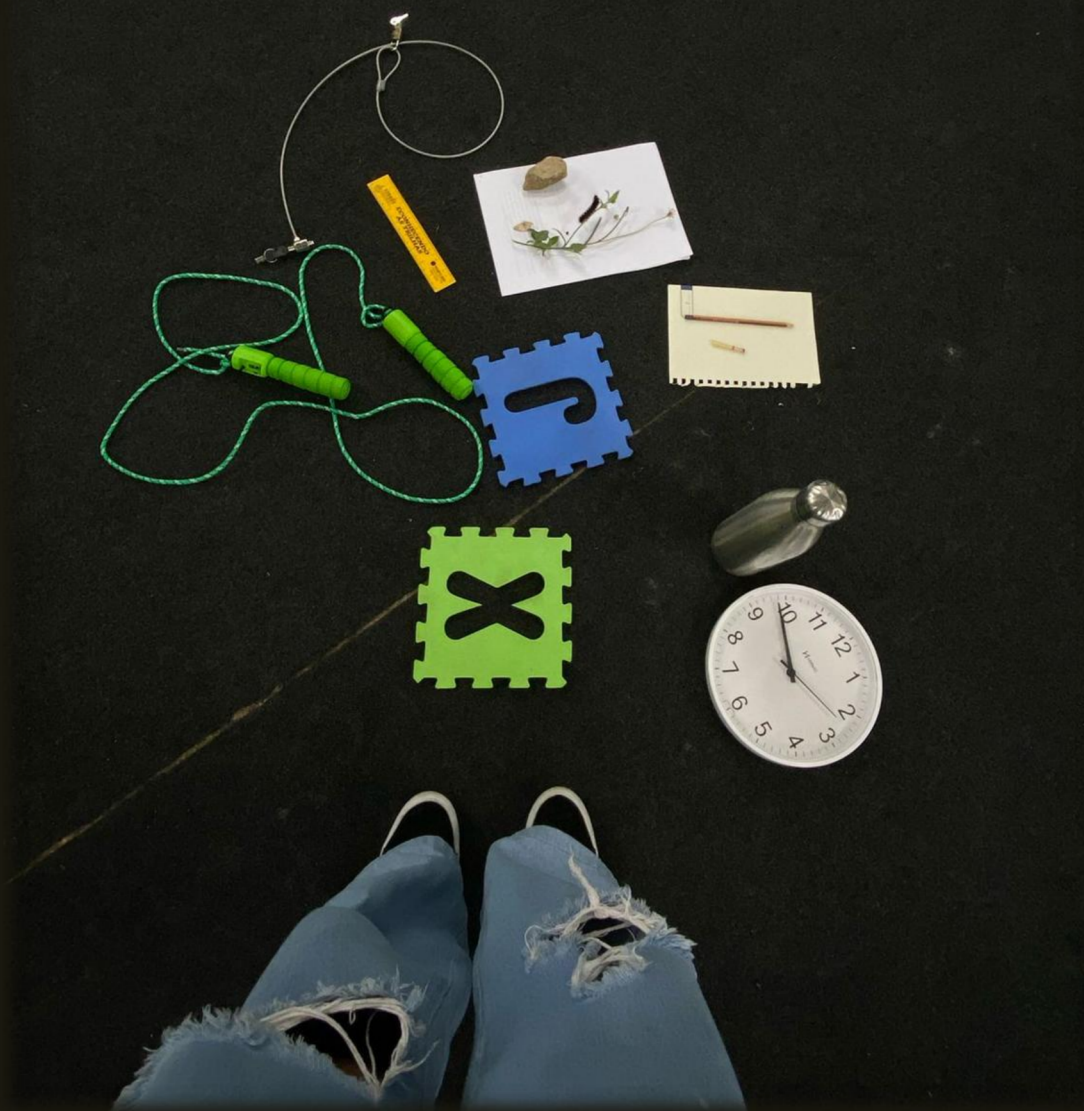


Figura 16: Elementos do mundo para representar abordagens (arquivo pessoal, foto cedida por uma aluna).

Podemos ver o quão brilhante foram (e são) os estudantes e como a sala de aula pode e deve ser fluida. Tivemos relógio para explicar a TCC, assim como corda para falar do inconsciente de Freud e até uma lagarta para demonstrar como é a teoria humanista. É a vida na vida. É a lagarta trazida num pedaço de papel de caderno, com os alunos orgulhosos de ter achado o maior e melhor material para explicar uma teoria, é sobre um relógio tirado de uma parede fixa para compor uma pedagogia que se mexe. É compartilhar uma psicologia com elementos vívidos.

Que se tire o relógio
Que mova os ponteiros
Que procure lagartas
Que se (des)monte quebra-cabeças
Que se traga pedras
Que mudemos as letras
Que se movam cordas
Que habitemos espaços
Que sejamos felizes
Que sejamos felizes ao habitar espaços
Espaços
Plurais
Passos
Juntos

Esse capítulo foi construído para que você pudesse ver que é possível caminhar por uma psicologia outra. É possível pensar em uma sala de aula com alegria. É possível ler e entender teorias complexas pelo cotidiano. É possível se aproximar de Freud, desacostumando espaços e literaturas, é incluir a rua, o mundo e tudo aquilo que faz parte das geo-grafias.

É esse o meu convite, desacostumar a psicologia. Pensar em formas disruptivas de ser docente, de ser aluno, de ser gente. É incrível quando saímos da obviedade, é gostoso quando o mundo faz sentido no sentir.

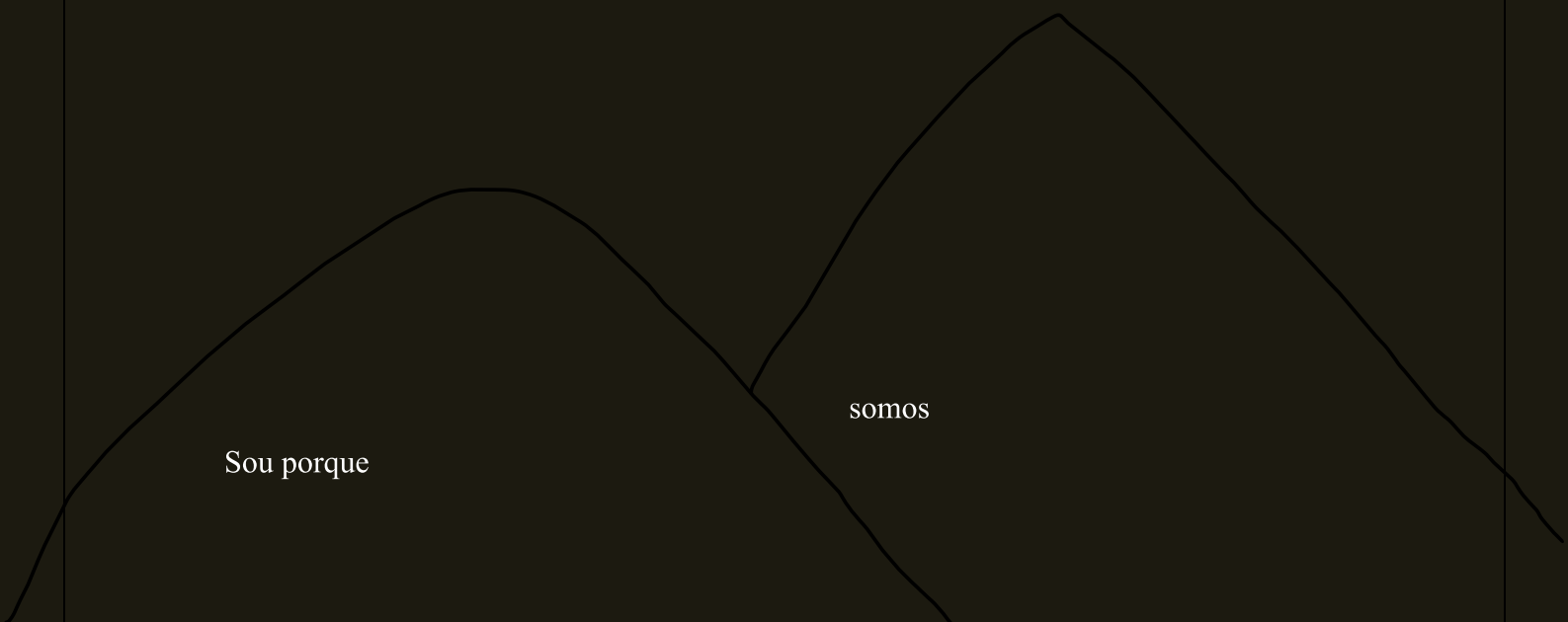
É possível criar outros territórios, outras terri-tórias!

Devemos e podemos construir novas formas de existência em sala de aula. Essa nova forma de existência precisa ser forjada coletivamente. Unir forças! Topar geografias. São corpos cansados de uma educação maçante, esquisita, positivista, sem arte, sem cor, sem música, sem vida. Sem gente. É possível propor uma pedagogia de gente, pedagogentes.

Pedagogente é uma forma de existir e resistir na educação. É a pedagogia feita por gente, com gente, para gente, mas mais do que isso: é o ser-gente que se torna pedagógico. É uma recusa à pedagogia que seca a vida, que esvazia corpos, que separa razão de emoção, teoria de prática, conhecimento de experiência. É uma pedagogia que não se limita a técnicas e métodos, mas que se faz território habitável, onde corpos, vozes, memórias e afetos topam geografias, se encontram, se encostam, se misturam.

Pedagogente não é só horizontalidade: é relação montanha, onde ninguém ocupa o cume do outro, mas se fica lado a lado, sustentando e sendo sustentado, criando relevos de solidariedade.

Em tempos de cansaço, isolamento e silenciamento, ser pedagogente é afirmar que a sala de aula pode ser chão fértil para reinventar modos de viver junto. É reconhecer que aprender não é acumular conteúdos, mas forjar coletivamente novas formas de respirar, imaginar, criar, sobreviver. Que sejamos montanhas.



Sou porque

somos

Adiante seguirei por um outro capítulo, mas para começá-lo foi preciso pausa e pouso. Porque aquilo que guardo na lembrança não é só meu, é um rio de histórias que corre junto, compartilhado, atravessa o corpo, a pele, o sangue e a ausência. O capítulo que virá é sobre mim, mas não apenas. É sobre as mulheres e homens que me geraram, que me criaram, que me contaram histórias e silêncios. Ao propor uma escrita baseada na ideia da escrevivência, como discute Evaristo (1995) estamos propondo não apenas escrever sobre a vida, mas escrever a partir da vida, das dores, afetos, memórias, ancestralidades e resistências. Aqui, escrevo com a matéria viva da memória. Com fotos, fragmentos, cenas e afetos. Por isso, ao abrir minhas gavetas e álbuns, desdobro também os arquivos do meu corpo. Cada linha a seguir é testemunho de vida, de luta, de amor e de pertença. O que apresento a seguir não é só relato, é continuidade de existência, é política de presença.

“Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (Evaristo,2017)

Pessoa que me lê, se você chegou até aqui, então pôde ver que foram abordados muitos assuntos. Falei sobre os motivos e justificativas da escolha do tema dessa tese, falei também sobre a questão da escrita e suas nuances em relação ao academicismo, te mostrei alguns caminhos que percorri e agora estaciono em um outras estradas, falei muito aqui sobre uma parte da minha vida que se faz presente atualmente: a academia, entretanto, acredito que minhas escrevivências não cessam apenas neste espaço, percorrerei agora por outros locais, como a escola, a família, os amigos da infância e os elementos que minha memória conseguir acessar. Tudo isso, para te mostrar como as minhas escrevivências foram e são tecidas ao decorrer do tempo através de inúmeros elementos e que não é possível desgrudar-se de si.

Cabe citar aqui como a memória está intimamente ligada ao conceito de escrevivência de Evaristo (2020), ou melhor dizendo a pele-memória, pois é uma relação de acolhimento entre “sujeitos negros e modos de experienciar a memória e a própria vida” (FONSECA, 2020, p. 66). Pois, a Escrevivência “torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou as experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária” (FONSECA, 2020, p. 66).

Eu não poderia começar este capítulo, sem antes pousar sobre minha infância, não pela lógica temporal, mas sim porque ao escrever a tese e estacionar pela minha identidade racial,

fiquei me perguntando em como pude ter dificuldade em me reconhecer como mulher negra, se fui, antes de tudo, uma criança negra?

A resposta me conduz à família. Revisitar as tramas das relações familiares talvez revele as camadas dessa pergunta. É nesse movimento que começo a erguer uma ponte entre minha história familiar e os modos de existência que a constituem, dialogando com o olhar de Lia Vainer Schucman sobre famílias inter-raciais. Opto por esse viés exatamente porque carrego em mim a história de uma mãe branca e de um pai negro uma herança que, mais do que biológica, é também afetiva, social e política.

Ao revisitar o livro *Famílias Inter-Raciais: Tensões Entre Cor e Amor*, de Lia Vainer Schucman, percebo o quanto suas reflexões atravessam e iluminam minhas próprias experiências enquanto filha de um casal interracial. Schucman (2023) evidencia de forma contundente, que mesmo o espaço íntimo da família, tradicionalmente idealizado como refúgio de amor, não está isento das hierarquias raciais que estruturam a sociedade brasileira. Dentro das famílias inter-raciais, coexistem afetos genuínos e silenciamentos profundos; coexistem abraços e desigualdades. Assim, a autora conta em sua obra uma série de narrativas de famílias inter-raciais e como a dinâmica da cor é experimentada no seio familiar.

Na tessitura da minha história familiar, encontro essa tensão. Crescer nesse lugar de fronteira, sendo fruto de um enlace entre brancura e negritude, me fez experimentar, muitas vezes, uma sensação de não pertencimento. Hoje compreendo, que essa experiência não é advinda apenas de uma narrativa individual, mas expressão de um processo histórico e coletivo: o mito da democracia racial, que insiste em mascarar o racismo sob o verniz de relações “harmônicas”, silenciando as dores que se escondem na intimidade inclusive doméstica.

Em minha infância, lembro-me de como certos comentários eram naturalizados, de como a cor da pele se tornava uma questão invisível, mas, paradoxalmente, sempre presente: organizando oportunidades, afetos e expectativas. Foi preciso coragem para perceber que o amor, por si só, não basta para desfazer o racismo que se infiltra nos vínculos familiares. Compreender como essas relações se deram, como foram mediadas por privilégios brancos e vulnerabilidades negras, me permite hoje nomear o que antes parecia apenas confuso.

Meu pai sempre foi um homem distante, minhas irmãs talvez tenham tido a oportunidade de terem visto um pai totalmente diferente desse que me lembro. Então nunca tive grandes chances com ele para uma conversa profunda, já que meus pais se divorciaram quando eu estava com nove anos de idade (ele saiu de casa) e faleceu quando eu estava com dezenove. Faltou tempo e maturidade. Ele falava pouco, mas bebia muito. A questão da negritude nunca foi tema

de conversa com meu pai. Minha mãe nunca me viu como uma menina negra, em casa, negro era quem tinha a pele escura, branco era quem tinha a pele clara e cor de burro fugido era quem não tinha cor, que no caso, era como ela me chamava esporadicamente. De forma contraditória, meu fenótipo para ela, parecia um problema. Meus cabelos eram secos, segundo minha mãe, difíceis de serem “domados” como se eles fossem animais que precisam de adestramento, havia comparação do meu cabelo crespo com as fezes de um cabrito. Meu nariz cotidianamente era comparado a uma coxinha de frango (essas de festas de aniversário). Minha bondade e meu senso de justiça eram sempre evidenciados quando minha mãe queria dizer como eu me parecia com ela. Moralidade e justiça estavam ligadas a ela, já meus fenótipos problemáticos eram ligados ao meu pai, homem negro.

Me vi, em uma fala de uma entrevistada de Shucman (2023) que dizia o seguinte sobre como sua mãe a via:

Minha mãe falava que eu era quase branca, mas que meu nariz não era de branco, ela falava rindo. Quando eu era pequena, sempre tinha esta sensação de tentar ser algo que não sou, uma sensação de corporalmente inadequada. E, quando eu tiver filho, ela disse que se eu passasse bastante a mão no nariz dele enquanto ele era bebê, a forma, do nariz podia melhorar, porque ainda era só cartilagem (p.41)

Vivi, por muito tempo, um paradoxo doloroso: tudo aquilo que se parecia com meu pai (traços, pele e cabelo) era lançado ao campo do não belo, do impróprio, do que precisava ser negado ou corrigido. Existir assim, nesse contexto de deslegitimação constante, é profundamente danoso ao psiquismo, pois atravessa a formação da identidade ao longo da vida. Como afirmar-me negra, se diariamente me diziam que eu não era, e, ao mesmo tempo, meus traços negroides eram ressaltados de forma jocosa, como uma marca de inadequação?

Na minha família, sempre foi comum exaltar o sobrenome Corradi e silenciar os outros nomes que também me compõem. Não é difícil perceber a lógica: era preciso valorizar os antepassados brancos, de olhos claros e cabelos louros vindos da Itália, enquanto tudo o que remetia à ancestralidade negra e indígena era apagado ou contado em fragmentos.

Minha avó, mulher negra, casou-se com um homem branco de origem italiana. Na narrativa familiar, a história privilegia os personagens italianos, quase não deixando lugar para os corpos negros e indígenas que também nos formam. Ela contava, quase como sussurro, que sua bisavó era “índia” e “capturada no laço”, mas disso, quase não sabemos.

Minha família não fala sobre minha identidade racial, é como se ela não existisse. Há ali um nariz redondo e mais largo, um cabelo crespo, uma pele de cor não definida e só. Como

se isso não me fizesse negra. O silêncio é uma estratégia: uma negação para não acordar a ideia de que sim, sou negra.

Frantz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), discute como a colonialidade confina o sujeito negro a uma zona de não-ser, onde sua humanidade é negada ou fragmentada pelo olhar branco. Ele analisa a experiência de ser sempre o outro, de ser constantemente olhado e interpretado a partir de um referencial branco. (FANON, 2008). Não é apenas um silêncio familiar: é uma forma de violência simbólica que atua sobre o corpo e a psique

Cida Bento (2002) chama esse silêncio de pacto narcísico da branquitude. Ela argumenta que a branquitude se sustenta num acordo, muitas vezes inconsciente, de não nomear o racismo para manter privilégios e preservar a imagem de harmonia racial. Assim, o silêncio que atravessa minha família faz parte dessa manutenção da desigualdade, ainda que não seja explicitamente reconhecido.

Lélia Gonzalez (1988) denuncia que a lógica do racismo no Brasil se disfarça sob o mito da democracia racial. Para ela, a mestiçagem muitas vezes é usada como estratégia de embranquecimento, mascarando desigualdades enquanto apaga a identidade negra. Reconhecer isso é questionar o lugar que me foi imposto: o de um corpo que “poderia” ser quase branco, mas que é, sobretudo, negro.

Grada Kilomba (2019) retoma Fanon para discutir o silêncio como forma de epistemicídio. Para ela, falar, contar histórias e reivindicar a própria narrativa são práticas de desobediência e resistência, porque a voz de sujeitos subalternizados foi historicamente negada. Romper o silêncio familiar torna-se importante porque permite quebrar a lógica de silenciamento que atravessa gerações, abrindo espaço para reconstruir saberes e memórias a partir da minha própria voz, de quem eu sou, de como me vejo e vejo o outro. E de fato, de construir uma visão positiva sobre meu corpo negro.

Nas palavras de Neusa Santos Souza, em *Tornar-se negro*, encontro a tradução exata do que tento dizer, sua citação dá forma ao meu sentimento:

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com esse modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio. (SOUZA, 2021, p. 115).

Assim, retomar minha história à luz dessa perspectiva é, também, um modo de interromper esse silêncio, reconhecendo que o afeto, para ser verdadeiramente emancipador,

precisa ser atravessado pela coragem de nomear as marcas do racismo que habitam nossos lares e nossos corpos.

Ainda assim, é importante lembrar que minha história não se reduz a esses silêncios e tensões. Entre as marcas do racismo e os espaços de silêncio, houve também muita vida, calor e cuidado. Na casa da minha avó, em meio às celebrações de natal e aniversários, encontrei momentos de afeto genuíno, risos compartilhados e memórias que me sustentam até hoje. Essas lembranças de infância, carregadas de amor e pertencimento, compõem um contraponto necessário e essencial às dores vividas, revelando a complexidade das minhas escrituras.

Reconhecer essa complexidade é fundamental para compreender minha trajetória: um entrelaçamento de dores e alegrias, silêncios e vozes, perdas e ganhos. É a partir desse lugar ambíguo que me anuncio em minha negritude e em minha humanidade.

PÉ DE LIMÃO, ARDÓSIA VERDE BRILHANTE E O GALHO DE NATAL: ELEMENTOS PELE-MEMÓRIA

No meio das memórias se emerge um elemento essencial da minha infância: O pé de limão plantado no quintal de minha avó. Me marcou bastante esse quintal, o chão de ardósia esverdeado e brilhante por conta das ceras passadas aos fins de semana e aquele pé de limão carregado de frutas. Esse cenário tão lindo e aconchegante que vocês podem fechar os olhos e imaginar, foi o cenário em que vivi durante grande parte da minha vida. Um lote dividido em três casas, a casa de minha mãe, a casa de minha tia e a casa de minha avó. Vivíamos todos ali, bastava apenas um grito que todas elas escutavam: “Vó, me empresta um ovo? Minha mãe compra amanhã e te devolve” e a resposta era sempre solícita e generosa “claro minha filha, pode pegar até dois”. Era um empresta, empresta de tudo. Desde comida a um talher.

Para acessar a casa de minha avó, era preciso passar pelo pé de limão e pisar gentilmente na ardósia verde brilhante. Por vezes, fazia muito calor lá fora, mas quando passávamos ao lado do pé de limão, era como se eu estivesse em outro mundo, cidade, bairro, casa. Lembro que quando pequena, inúmeras vezes pensei que ali, no pé de limão, existia um portal para um outro mundo. Minhas tias sempre contavam que na infância viram muitas figuras presentes em nosso folclore, lembro-me com muita riqueza de detalhes, uma história que elas contavam sobre o Saci, minha tia e minha prima dizem que perto do pé de limão surgiu um vento muito forte que trouxe um menino negro pulando de uma perna só, era então o Saci. Além dele, minha avó dizia que na época da quaresma era necessário que passássemos correndo pelo pé de limão, pois se

parássemos ali, corríamos o risco de vermos a mula sem cabeça. Ela nos contava que a mula não poderia ver o brilho de nossos dentes e nem das unhas, pois isso a despertaria e correria para nos pegar. Por muitas vezes achei estranha essa história e comentei com a minha avó: “Vó, se a mula não tem cabeça como ela vê tanto brilho”? a resposta foi dita com um sorriso escondido como quem não queria mostrar que eu possivelmente estava certa “ela vê, ela vê”.

Esse pé de limão só podia ser um portal, tudo acontecia nele. Daí que pensava que se eu dissesse algumas palavras mágicas, então talvez alguém aparecesse. Por muitas vezes dizia palavras inventadas como forma de encanto para que esses seres encantados pudessem vir conversar comigo. Nunca tive resposta, mas sentia que esse pé de limão não era apenas um pé de limão, por isso, comecei a ter um pouco de medo dele. É a força da paisagem entrando na gente, é a gente transformando a paisagem e a gente viver à moda paisagem, ser gente no chão e no território.

No dia de quinta-feira, tinha um programa de TV que se chamava “Linha Direta”, uma espécie de série policial com cunho investigativo que mostrava ao público casos verídicos de crimes que ganharam destaques na sociedade brasileira. Como sempre, fui muito próxima a minha avó, vivia no cantinho de sua cama vendo televisão. Quinta-feira não era diferente, víamos esse programa e quando terminava, corria com toda a velocidade para a minha casa, pois pensava que os assassinos estavam escondidos no pé de limão e mesmo que a casa de minha mãe fosse no mesmo lote, eu ainda poderia estar em perigo.

Hoje o pé de limão não existe mais, reformaram a casa de minha avó e retiraram todas as plantas que enfeitavam a entrada e o quintal da casa dela. Fizeram uma garagem que nunca foi utilizada, pois ninguém que mora naquele lote, possui carro. Uma pena, pois a entrada da casa já não é a mesma, de cor cinza, chão batido de cimento, agora parece ganhar outra cor essa específica lembrança.

Mesclarei em meio aos escritos, algumas fotos para aproximar as minhas lembranças da sua imaginação, convido você a realizar uma comparação de como vem imaginando os espaços aqui mencionados, com a imagem anexada. Foi muito diferente do que pensou?

Recuperar essas fotos foi muito agradável, pois com a ajuda de minha tia e minha mãe, fomos fazendo uma busca pelos cômodos e gavetas da casa para encontrar as imagens guardadas. As duas relembrou muitas situações, se emocionaram ao ver pessoas que já não estão mais neste plano e ficaram muito curiosas sobre como fotos antigas fazem parte de uma tese de doutorado.

Abaixo, a foto do quintal que tenho dito aqui. Sou eu recém-nascida nos braços de minha madrinha Vera, este dia em especial, foi o meu batizado. O famoso pé de limãose encontra escondido entre o pé de chuchu. A ardósia verde e brilhante está logo abaixo da rampa que desce para a casa de vovó.



Figura 17: Quintal mencionado ao longo do texto. (arquivo pessoal).

Quando pensei em trazer minhas memórias para esse capítulo da tese, relutei bastante, pois teria que reviver algumas lembranças dolorosas, por exemplo a morte de minha amada avó. Maria dos Anjos de Jesus era seu nome, mais conhecida como dona Lourdes, mulher forte em todos os aspectos, foi uma mulher negra, casada com um homem de origem italiana, José Corradi. Tiveram oito filhos, dois não se encontram neste plano físico, construíram uma casa no bairro Tupi, na região norte de Belo Horizonte. Essa casa passou por várias reformas, mas é válido destacar que a primeira versão ficou famosa, pois era a primeira casa feita de madeira de todo o bairro. Minha mãe conta, que quando chovia lá fora, também chovia lá dentro, pois as

frestas existentes na casa não tapavam a água da chuva. A madeira apodreceu e a casa ficou perigosa para acomodar tantas pessoas. Foi assim que os reparos começaram, até chegar na versão mais recente que é a versão que me aproximei desde a infância.

Sinto saudades de minha avó, de sua mão enrugada com unhas enormes e pintadas sempre com o mesmo esmalte cor forte. Seus dedos passavam em meus cabelos, seu carinho me dava sono e eu dormia com facilidade. Sua comida era deliciosa, principalmente as batatas fritas, minha avó hoje seria condenada por muitos nutricionistas, mas a sua batatinha era feita com muita banha de porco. Uma delícia.



Figura 18: Minha avó e eu em seu colo doce e aconchegante. (arquivo pessoal).

Essa senhora com um lenço nos cabelos, foi e sempre será o amor da minha vida. Deixo aqui, uma linda música cantada em seu velório por todos os filhos e netos. Essa canção é da cantora Maria Gadú, intitulada como Dona Cila¹⁶, foi elaborada como homenagem a sua avó.

Ó meu pai do céu, limpe tudo aí
Vai chegar à rainha
Precisando dormir

¹⁶ Link da música citada: https://open.spotify.com/track/4eGOBCZyjEQ6WckqOVz0ES?si=HITHP-jZSQWHS07Z_STLJg

Quando ela chegar
Tu me faça um favor
Dê um manto a ela, que ela me benze aonde eu for.

E como ela me benzeu! Era dona de um centro umbandista que funcionava toda segunda, quarta e sexta-feira. Fui criada neste lugar. Participava de todas as sessões. Não faltava um dia sequer. Lembro que minha avó com suas amigas, se vestiam com turbantes brancos, saias com anáguas volumosas, que cuidadosamente eram preparadas por minha mãe. Essas anáguas eram permeabilizadas com uma espécie de mingau de maisena e colocadas ao sol forte para secar e ficarem bem rígidas, o intuito era de dar volume aos panos da saia.

Era um sufoco para tirá-las, pois eram vários panos e minha avó sempre tinha pressa para ir ao banheiro, era uma risada que só. “tira, tira, tira” era o que ela não parava de repetir em todo final de sessão, pois passava muito tempo sentada e a vontade de urinar, era gigantesca.

Minha avó era muito religiosa e passou muito de sua religião para mim. Aprendi com ela, pontos de várias entidades, como preto velho, exu e caboclo. Aprendi também a fazer vários banhos de descarrego para dias ruins ou para limpar a alma. As plantas escutam, sentem e limpam espiritualmente o ambiente, era o que ela nos ensinou. Hoje, tenho a planta Espada de São Jorge na porta de casa para que o mal olhado não possa me alcançar. Então tenho um bom conhecimento da importância e função de algumas ervas. Aprendi com ela o poder de um sal grosso e de pensamentos positivos. Aprendi com ela a escutar o meu corpo, pois ele é capaz de nos avisar sobre os perigos. Foi com ela que soube o que era intuição e carreguei comigo todos os ensinamentos sobre a umbanda.

Amava participar das festividades do centro. Dia dos pretos velhos, por exemplo era comemorado dia 13 de maio, data simbólica em comemoração da lei áurea em 1888. A comida típica deste dia era a feijoada, assim às 7:00 da manhã, sua amiga Rosa chegava portando uma panela enorme para fazer o preparo da comida. Perto do fogão a lenha, existia uma escada e eu nela ficava até que o preparo terminasse. Via todo o processo, Rosa colocava primeiramente seu lenço no cabelo e depois pegava o feijão preto que já tinha sido deixado de molho por minha avó. Então começava por macerar o alho, depois cortava as carnes e por último refogava couve. A cada hora, Rosa pedia que eu experimentasse algo, me sentia num cargo de confiança, pois aquela criança daria o tom do sal e tempero para que muitas pessoas pudessem comer mais tarde quando a sessão desse início. A fumaça me deixava com olhos ardendo, mas isso não

impedia a minha curiosidade de ver aquilo tudo, e então eu não saía de perto da panela. Ficava atenta e muito feliz, pois era dia de festa.



Figura 19: foto tirada na escada mencionada no texto, logo abaixo dela ficava o fogão a lenha. (arquivo pessoal).

Outra festa que adorava participar dos preparativos, era sem dúvida a festa do doce. Dia de São Comes e Damião, conhecido como protetor das crianças e comemorado no dia 27 de setembro. Novamente Rosa estava prontamente às 07:00 horas da manhã, na casa de minha avó. Lá vinha dona Rosa, com grandes pacotes de balas e pipocas. Toda a família se juntava e fazia uma espécie de ‘saquinho’ que continha vários tipos de doces. O que sobrava, elas me davam escondido de minha mãe, pois naquele dia nem para o almoço eu dava importância.

Mais tarde, começava a chegada dos bolos. Nos anos 90 o bolo era muito grande, quando cortado poderia facilmente render mais de 100 pedaços. Chegava bolo de vários sabores, mas o que eu mais gostava e ainda gosto é o bolo de doce de leite com calda de abacaxi. Esse era a iguaria de dona Rosinha, no diminutivo para diferenciar da outra dona Rosa.



Figura 20: Dona Rosinha (lado esquerdo da mesa) e vovó (lado direito da mesa) na festa de São Cosme e Damião. (arquivo pessoal).

Vocês podem observar que o bolo era realmente muito grande e provavelmente era do sabor que gostava, pois dona Rosinha está bem ao lado. As velas no topo do bolo marcam 3,6 e 9. Na umbanda, acreditamos não existir somente Cosme e Damião, ou seja, há a existência de Doum, o terceiro menino. As velas, são ilustrativas com idades de três crianças, uma mais velha, uma do meio e a caçula.

Falar sobre festas e minha família é relembrar de duas datas em especial: natal e meu aniversário. O natal era mágico, o dia era diferente desde a hora em que eu acordava. Parecia que tinha algo no ar, não sei explicar, só sei que o banho era diferente, passar a vassoura na casa era diferente, conversar com as pessoas no dia do natal era diferenciado. Cada casa do lote ficava responsável por fazer algum prato especial, mas o preparo das carnes principais sempre era função de minha tia Valesca, pois seu tempero sempre foi muito gostoso. O cheiro de natal ficava no ar. Era um cheiro de carne assada misturada com desinfetante de lavanda da faxina bem feita de fim de ano.

Todas as festas possíveis eram realizadas na casa de vovó, o natal assim, não era diferente. Era um troca troca de panelas o dia todo, se em dias comuns a gente já pegava tudo

emprestado, nesse dia aumentava. Era travessa, uma cebola, um pano de prato bonito. Tudo naquele dia era emprestado. Nosso natal era como uma colcha de retalho, cada pedaço da ceia era feito por alguém. Até mesmo por mim, que quando criança ficava responsável por lavar todos os talheres que iriam ser usados, depois com o tempo, fui promovida a “cortadeira” de legumes, pois já tinha idade para pegar em facas.

A decoração era bem simples, enfeites eram espalhados por toda a casa, as plantas sofriam, coitadas! Onde tinha uma planta, lá estava um pisca-pisca, nem mesmo as samambaias escapavam. Lembro claramente que ter árvore de natal era fora de nossa realidade, pois as árvores eram caríssimas. Por isso o protagonismo das plantas, a maior delas recebia o status de árvore de natal e ao redor podia-se ver caixas de sapatos vazias embrulhadas com papel de presente apenas como forma de imitar os filmes americanos. Hoje, ao lembrar disso tudo, penso que talvez tenha sido difícil para minha família ter que se desdobrar em mil, para promover um natal mais próximo de farto para todos nós. A casa de vovó ficava extremamente cheia de pessoas, desde parentes a vizinhos. Embora fosse um natal simples, ele era alegre. Claro que as brigas e os climas ruins aconteciam, pois sempre acontece. Mas a música era alta, os passos de jazz de meu tio Rogério marcavam o chão de ardósia verde brilhante.

Nunca vou me esquecer de um episódio sobre um natal em específico. A cantora Eliana havia lançado um brinquedo que funcionava como uma máquina de fazer sorvete. Eu tenho certeza de que minha mãe e nem minha avó poderiam comprá-la, então um padrinho surge no natal com um embrulho enorme, quadrado e pesado. Eu tinha certeza de que ali estava o brinquedo que queria, ao abri-lo me deparo com uma pilha de cadernos brochura, aquele caderno sem arame ao lado. Acho que essa foi a minha primeira decepção, minha mãe ficou muito agradecida e contente, pois sabia que seria menos um gasto nos materiais escolares. Eu como uma criança, a última coisa que eu gostaria de ganhar seria algo para estudar. É, hoje eu sei como esses cadernos ajudou a minha mãe, pois passado um tempo, ela foi demitida de seu emprego e passamos por muitas dificuldades.



Figura 21: eu criança e o galho de natal (arquivo pessoal).

Mais acima, disse que pensar sobre as festas da minha família é relembrar além do natal, também de meu aniversário. Com muito esforço, tive a minha primeira festa de aniversário, foi quando completei exatos três anos de idade. Eu não me lembro do dia, mas consigo através das fotos, entender de onde vieram os presentes que ficou comigo por anos. Carrinho de boneca, minha bicicleta, um vestido roxo e um óculos rosa.

Quero agradecer ao meu tio Ricardo por me ensinar desde pequena que eu posso ser quem eu quero ser. Carrego isso comigo pelo fato de que ele me ensinou que todo aniversário eu tinha o direito de enfiar o meu dedinho indicador exatamente no meio do bolo, para que ele tivesse a minha marca registrada. Desde então sempre faço isso, é como se fosse algo transgressor, como se fosse “o aniversário é meu, a vida é minha, o bolo é meu e o dedo também”. Foi também esse tio quem me ensinou a jogar futebol, andar de bicicleta, soltar pipa e amarrar os cadarços.



Figura 22: Eu deixando minha marca no bolo acompanhada de minha mãe, primos e irmãs. (Arquivo pessoal).



Figura 23: Foto retirada momento antes de assoprar a vela. (Arquivo pessoal).

Minha infância foi mediada por muitas pessoas, em especial minha madrinha. Hoje não temos mais contato como antigamente. Vera sempre foi uma mulher diferente, dizem que sou parecida com ela, sua fama era de ter sido “além do seu tempo”. Enquanto as mulheres portavam um cabelo grande, lá estava Vera com seu cabelo curto, enquanto as mulheres eram vistas como necessariamente “do lar”, Vera era da rua. Adorava sair viajando, muitas vezes sozinha. Contam que ela conseguiu um trabalho que adorava, pois era necessário que viajasse todos os meses. Em uma dessas viagens, recebi um cartão postal que ela me enviou pelos correios. Imagina que interessante um correio vindo até sua porta entregar um envelope endereçado a um bebê? Foi isso que aconteceu, pois no dia 04 de agosto de 1995, seis meses após o meu nascimento, tive contato com o meu primeiro registro símbolo da escrita.

Eu não sabia ler e nem escrever, mas eu tinha letras em minhas mãos. Leram para mim, provavelmente. Minha madrinha Vera, era realmente diferente. Ela estava em Salvador capital do estado da Bahia e teve a sensibilidade de comprar um cartão postal para enviar a um bebê de meses que estava em Belo Horizonte (MG). Vou deixar a foto deste cartão para que vocês possam apreciar, traduzirei também para que fique melhor o entendimento.

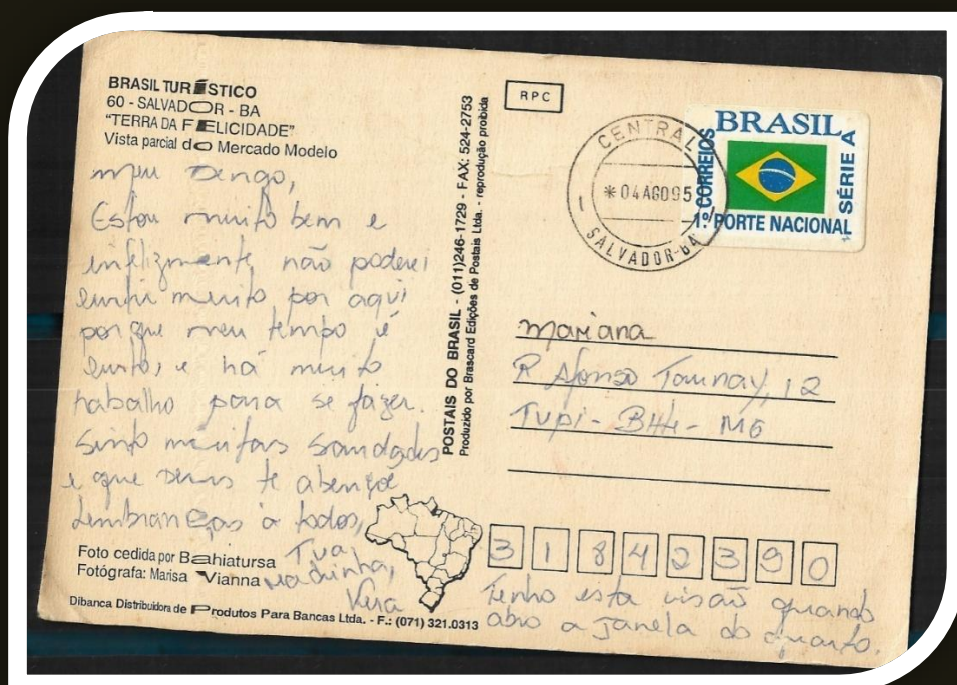


Figura 24: Cartão postal enviado pela madrinha em 1995. (Arquivo pessoal).

Meu denngo,
Estou muito bem e infelizmente não poderei curtir muito por aqui porque meu tempo é curto e há muito trabalho para se fazer. Sinto muitas saudades e que Deus te abençoe.
Lembranças a todos,
Tua madrinha, Vera.
Tenho esta visão quando abro a janela do quarto.



Figura 25: Paisagem que Vera menciona no cartão postal enviado. (Arquivo pessoal).

Vera foi a primeira pessoa a escrever para mim e foi a primeira pessoa a me presentear com livros e escrituras. Nascemos nas palavras outras. Lembro-me que ganhei uma coleção inteira de livros sobre folclore, eram livros infantis que vinham com CD's de músicas. Na época, pensei que aquilo era um sinal, que se eu continuasse chamando os seres folclóricos no pé de limão, eles viriam conversar comigo.

Quando ganhei esses livros eu nunca havia pisado no chão de uma escola, mas a minha mãe sempre nos incentivou a ler e a escrever mesmo que não houvesse domínio sobre leitura e

escrita. Foi a partir dos livros sobre folclore que comecei a ter contato indireto com a alfabetização. Chegando a Escolinha Infantil Tio Hulk eu já sabia o que era a letra A, a letra E por exemplo e acredito que isso muito me ajudou no processo de alfabetização formal. A escrita então se tornou parte da minha história e de minhas férias. Nunca sobrava dinheiro algum para viajar, minha mãe nunca foi a praia por exemplo. Então, o que nos restava era ficar na casa de minha avó e ver televisão. Porém eu já estava entediada com aquela programação de todos os anos. Foi assim que eu detonei a pintura da cozinha da casa de minha mãe, pois comecei a treinar tudo o que eu aprendia na escolinha. Rabisquei todas as paredes, escrevia meu nome inúmeras vezes e o texto que continha em nossas fichas na escola, ou seja, nome dos pais, a rua, a cidade, o bairro e o país que habitava. Minha mãe não ficou furiosa, pelo contrário ela fingiu não ligar, pois acredito sinceramente que ela entendia que aquela reação, era baseada no tédio de eu não poder fazer as coisas que meus amigos insistiam em dizer quando voltava das férias e talvez se sentisse culpada por isso. Foi então que ela comprou um quadro para que eu pudesse brincar, um quadro idêntico ao da escola, só que de menor proporção.

Então, eu só tinha materiais escolares para brincar e uma bicicleta. Quando eu me cansava da bicicleta, virava professora. Montava as mesas imitando a demarcação do espaço da sala de aula, colocava minhas bonecas para assistirem as aulas e de vez em quando minha prima mais nova brincava comigo. Ali eu poderia ser quem eu quisesse e eu só queria ser a professora, nunca a aluna. Passava horas a fio brincando de escolinha.

Então quando voltava as aulas, eu já estava com uma letra mais desenhada do que antes, eu estava lendo melhor em comparação com a minha leitura de meses atrás, ou seja, eu havia melhorado em muitos aspectos importantes para o universo escolar. Por isso, sempre me destacava em relação aos outros colegas de turma, porque enquanto eles estavam na praia, no cinema ou no parque, eu estava em casa fantasiando elementos que compunham o cenário da escola. Deixo aqui para vocês, uma imagem do dia em que fui oradora da turma em minha formatura da pré-escola junto com meu colega Mateus.



Figura 26: Formatura da pré-escola, momento do juramento. (Arquivo pessoal).

Este capítulo foi pensado como um resgate á memórias guardadas e que fazem parte das escrivivências. Muitas vezes com a correria cotidiana, esquecemos de tudo aquilo que vivemos algum dia. Esquecemos de como era a rua em que morávamos (se caso você não morar mais nela), esquecemos dos cheiros que tivemos acessos, esquecemos de dias especiais, esquecemos das árvores que encostamos, esquecemo-nos. Parece que esquecer daquilo que fomos e somos, é quase que obrigatório quando estamos na fase adulta. Por isso queria que você, que está lendo esse material, respondesse aí dentro de si: Você se lembra da rua em que morou? Você se lembra do cheiro da escola que estudou? Você se lembra do som da risada de alguém que ama? Você se lembra de quando era criança? Você se lembra? Lembra de si?

A correria da vida contemporânea, tão moldada pelo ritmo acelerado do capitalismo, cria uma lógica de produtividade e desempenho que muitas vezes sufoca o que há de mais humano em nós. É como se estivéssemos sempre correndo atrás de prazos, metas, consumo, conquistas materiais — mas, nesse processo, vamos nos distanciando de coisas que não têm valor de mercado, mas têm valor de vida: os afetos, os vínculos, os encontros, os silêncios, as lembranças da infância, os momentos de conexão genuína com quem somos e com quem amamos.

Essa pressa constante faz com que a gente esqueça do que nos nutre emocionalmente: uma conversa despreziosa, um cheiro que nos transporta para a casa da avó, um abraço demorado, uma tarde de ócio. E assim, muitas vezes, perdemos de vista memórias que poderiam nos fortalecer, aquecer ou até nos lembrar de quem somos, para além do que produzimos. É um lembrete de que, em meio à urgência de tudo, também é urgente desacelerar para não esquecer de viver.

Na origem das minhas escritas, escrevivências, tem natal, folclore, pé de limão, anáguas, saias, óculos rosa, galho de natal, talheres, fogão a lenha, lenço na cabeça, tios, tias, madrinhas, mães, irmãs e primas. Tem também escola, giz, livros, programa de investigação, televisão, colo de vó, unhas pintadas, plantas, ardósia verde brilhante e tantos outros elementos que só fazem sentido quando contamos histórias, quando resgatamos memórias, quando enunciemos nossas pele-memórias. Todos esses elementos e passagens, auxiliaram em meu processo de formação enquanto pessoa Mariana, pessoa professora, pessoa psicóloga, pessoa aluna e tantas outras pessoas que sou e consigo ser.

Alguns poderiam pensar que este capítulo poderia abrir essa tese, começar por ele, mas o coloquei aqui propositalmente, pois a vida não se faz de forma linear, foi preciso trazer minhas inquietações para que o leitor desse material entendesse a origem dessa pesquisa. E, trazer aqui mais detalhes de minha rede de parentalidade e a ideia de Casa Grande ser uma Grande Casa. Uma Psicologia dos terreiros, dos bolos, dos quintais, dos muitos e muitas. Uma Psicologia do Ser e Viver à moda Paisagem, em que caibam os Sacis e os Pé de Limão.

Agora em diante, abrirei espaço neste trabalho para que as professoras que me proponho a ouvir, contem sobre suas próprias escrevivências.

Escrevo como quem manda cartas de amor
Emicida

Ao chegar nesta parte da tese, pensei bastante no que fazer, pois é a metodologia a ser utilizada na pesquisa. Porém, o nome metodologia me incomoda em certo ponto, pois me lembra método e o método me lembra algo imposto. Se pensarmos nas escrevivências das professoras-psicólogas negras que me proponho a conhecer e ouvir, seria incabível montar um questionário com perguntas semiestruturadas, direcionando assim suas vozes para algo pré-colocado. Neste caso, penso que um questionário deceparia subjetividades e violentaria histórias. Então compartilhei esse meu incômodo com meu orientador Jader que me deu forças para pensar em uma outra forma para aproximar das professoras, ou seja, uma metodologia humana. Foi então que a vida se fez vida e cruzei meu caminho com o de Ana que é minha co-orientadora, que na qualificação, falou algo sobre a escrita dessas mulheres, que seria interessante vê-las escrevendo. A partir desse dia, comecei a pensar na palavra em si “escrevivência” e tudo foi ficando mais nítido. Escrever e viver, viver e escrever. É isso! Carta! Por que não trocar cartas com as professoras?

O uso de cartas como instrumento metodológico e narrativo nesta pesquisa se sustenta na potência da escrita como espaço de enunciação, afeto e escuta. Como afirma Hooks (1995), a escrita pode ser um ato de amor, de cura e de resistência, especialmente quando nos recusamos a separar o pessoal do político. As cartas permitem que o tempo da escrita seja também o tempo do cuidado, da elaboração e da presença, mesmo na ausência física. Ao escrevermos umas para as outras, criamos um território íntimo e político, onde a palavra não é apenas registro, mas também gesto de acolhimento, memória e resistência. Conceição Evaristo (2005) nos lembra que escrever é um modo de (re)existir, e nas cartas entre mulheres negras, as escrevivências ganham corpo, som e direção. É pesquisar de forma coletiva, no plural. As cartas neste trabalho traduzem essa estética que proponho aqui.

Pesquisar com cartas pode ser entendido também por um nome robusto: Epistolar. O gênero epistolar é um tipo de escrita que se estrutura em forma de cartas, sendo tradicionalmente utilizado para a comunicação interpessoal, mas também adotado como estratégia literária,

pedagógica ou de pesquisa-intervenção (KROEFF, MARASHIN, MAURENT, 2023). No campo acadêmico, o gênero epistolar tem sido valorizado por sua capacidade de articular subjetividade, afeto e reflexão crítica, especialmente em estudos que envolvem autoetnografia, escrevivência ou metodologias feministas. Escrever cartas, nesse contexto, permite a construção de saberes a partir da experiência, do diálogo e da escuta, rompendo com formatos científicos convencionais e privilegiando narrativas situadas e encarnadas (FERREIRA, GUEDES, SILVA, 2024).

A escrita é sempre um ato de criação de mundos, especialmente para corpos historicamente silenciados. As cartas, nesse sentido, operam como espaços de enunciação íntima e política, onde vozes se encontram, se reconhecem e se transformam mutuamente. Elas rompem com a rigidez dos formatos acadêmicos tradicionais e permitem que o conhecimento seja tecido com afetos, memórias, dúvidas e deslocamentos. Ao escrever e ler cartas, entra-se num espaço, em que a linguagem não é neutra, mas carregada de identidade, experiência e desejo de ruptura. Assim, pesquisar com cartas é também criar brechas no saber hegemônico, é escrever desde o corpo, desde o entre-lugar, convocando a escrita como gesto de escuta, relação e insurgência.

Depois de refletir sobre a potência das cartas como caminho metodológico e espaço de enunciação sensível, é chegada a hora de dar um novo passo na pesquisa. Agora, o movimento se volta para o encontro, com as professoras, com suas histórias, com suas escrevivências. É nesse momento que a escuta se torna central, e que a presença do outro passa a compor o tecido da investigação.

Para encontrar as professoras, me lembrei da técnica utilizada quando realizei o mestrado. De nome ‘bola de neve’, é um tipo de amostragem que não trabalha com a probabilidade, ou seja, os participantes de uma pesquisa, poderiam ser o mais heterogêneo possível. Para elucidar melhor como funciona essa técnica, irei de uma forma ortodoxa apresentá-la (VINUTO, 2014).

Nomeados por sementes, são informantes-chave que darão as primeiras indicações dos participantes necessários para a participação da pesquisa. Após a indicação da semente, outras pessoas serão indicadas, formando assim uma espécie de bola de neve de indicações da própria rede pessoal.

Apesar de sua forma simples de alcançar pessoas, segundo Bernard (2005) essa técnica é indicada e se torna útil para se estudar populações de difícil alcance ou que não há precisão de sua quantidade.

Contudo, é de suma importância destacar as limitações desse método. Grupos menores de pessoas podem acabar por indicar os mesmos sujeitos o que fecharia uma espécie de círculo de indicações, não tendo assim um resultado não probabilístico. Outra questão delicada que merece atenção é o de que se corre o risco de acessar argumentações semelhantes já que os indivíduos indicarão pessoas de sua rede pessoal. Vinuto (2014) nos afirma que essa situação em específica pode limitar a variação de narrativas. Entretanto, acredito que quando pensamos nas escrevivências, não importa se as narrativas se cruzem, na verdade, elas se cruzam de alguma forma nessa o que Evaristo (2020) chama de ‘geografia afetiva’.

Sendo assim, lançarei mão do método bola de neve para chegar até as professoras para trocarmos as cartas. Atualmente faço parte da Comissão de Psicologia e relações étnico raciais do CRP-MG, essa comissão tem um grupo de *WhatsApp* onde normalmente conversamos sobre questões pertinentes. Penso que esse espaço poderá me apresentar a primeira semente e assim vir as outras indicações.

Portanto, nesta pesquisa, não haverá, ao final, um anexo repleto de perguntas rigidamente pré-definidas. Desde o início, poucos elementos foram delineados de forma preliminar. Assim, o desenho metodológico se abre ao imprevisível, privilegiando o encontro e a escuta como fundamentos do processo investigativo.

Delimitou-se, contudo, que participarão deste estudo seis professoras, atendendo aos seguintes critérios:

- 1) Essas professoras precisam aceitar fazer parte da presente pesquisa;
- 2) Essas professoras precisam se reconhecer como mulheres negras
- 3) Essas professoras precisam ser formadas em Psicologia;
- 4) Essas professoras precisam ter passado pela experiência docente no curso de Psicologia.

Escrevi uma carta inicial com minhas escrevivências e fui enviando-a as professoras que estavam dentro desse perfil acima. Cheguei a um total de seis cartas recebidas algumas por e-mail outras por *WhatsApp*.

Para a compreensão das cartas, optei por organizar o material em quatro dimensões temáticas principais: (1) sentimentos e afetos; (2) experiências profissionais; (3) racismo e representatividade; e (4) conexões pessoais e familiares. Essa escolha buscou captar de forma abrangente as múltiplas dimensões das escrevivências das docentes negras participantes,

permitindo compreender não apenas suas trajetórias acadêmicas, mas também os aspectos emocionais e sociais que as atravessam enquanto mulheres negras.

A dimensão de sentimentos e afetos possibilita a compreensão de como experiências acadêmicas e profissionais se entrelaçam com vivências emocionais e afetivas, revelando inseguranças, orgulhos, ansiedades e alegrias que acompanham o percurso docente. Experiências profissionais evidenciam trajetórias, desafios e conquistas no ambiente acadêmico e sentimentos advindos desta etapa. A categoria de racismo e representatividade foi selecionada para dar visibilidade às desigualdades raciais, às experiências de microagressões e ao impacto de ser minoria em espaços acadêmicos. Por fim, conexões pessoais e familiares destacam o papel das redes de apoio, vínculos afetivos e relações familiares na construção das trajetórias pessoais e profissionais das docentes.

Essa organização temática não segue um modelo rígido, mas permite uma leitura dialógica e sensível das cartas, articulando análise qualitativa com abordagem afetiva.

Escrevivências pessoais, a carta inicial

22 de abril de 2024

Querida mulher negra, companheira de escritas, vírgulas e pontos finais. Escrevo esta carta a você, mulher negra que se formou em Psicologia e que já pisou em uma sala de aula portando um lugar muito específico: o lugar de professora! Este lugar, que visito quase todos os dias. Me chamo Mariana Corradi Bruno, nascida, criada e moradora em Belo Horizonte (MG). Sou uma mulher negra, estatura baixa e habitando um corpo gordo. Sou filha de Regina e Wellington e neta de muita gente. Me formei em Psicologia em 2018 e após este ano, muitos caminhos tracei, a maioria deles percorrendo pelo campo da educação. Concluí o mestrado em 2021 e atualmente sou professora em uma faculdade privada no interior de uma cidade de Minas Gerais, além disso estou no processo de doutoramento pesquisando as escrevivências de professoras negras com formação em Psicologia. É por isso que lhe escrevo. Ao trabalhar com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, fui descobrindo um novo mundo da escrita e hoje o percebo de outra forma. Gostaria de compartilhar com você um pouco de minhas escrevivências e adoraria que você compartilhasse algumas comigo. Topa? Vou começar te contando sobre meu processo de me tornar pesquisadora.

Normalmente muitas pessoas sentem um peso emocional e até mesmo físico, gigantesco no processo de mestrado e doutorado. Sim é verdade, passei por este peso no mestrado. Porém, ao adentrar no doutorado, esse peso foi diminuindo, que estranho não é mesmo? Seguindo a lógica, se doutorado vem após mestrado e o mestrado foi pesado, logo, o doutorado deveria ser mais pesado ainda, concorda? Entretanto, fui percebendo que o meu processo de doutoramento tem se concretizado a partir da transgressão, tipo aquilo que Bell Hooks tanto disse sobre a necessidade de transgredir. Como assim? Não aceito mais ser amarrada pelas cordas infinitas e coloniais que fazem nós em nós e em vários campos, sobretudo o acadêmico, o campo dos saberes. Desatando os nós de nós é o que eu tenho feito desde que entrei no doutorado. É claro que as pessoas que me orientam toparam desatar estes nós comigo. Assim, tenho caminhado por um percurso mais leve nesse ato de ser e estar na vida e na pesquisa e gostaria muito que você fizesse parte disso. Hoje sou uma cientista que tem lutado por outros modos de pesquisar. Acho de verdade que tenho lutado por um campo acadêmico que não é sinônimo de moer gente, principalmente gente como a gente. Corpos negros na academia tendem a ser pisoteados por uma lógica muito peculiar. Quantas vezes me senti estranha ao adentrar uma sala de aula sendo aluna ou professora, quantas vezes me senti culpada por estar estudando, quantas vezes me senti incapaz de fazer um trabalho de conclusão de curso, uma dissertação de mestrado e até mesmo a tese de doutorado.

Os processos estudantis em minha vida, não foram tão leves assim, os seus foram? Você se lembra de seu processo escolar até chegar aonde chegou? Como foi? Você se lembra da sua graduação? Eu fico me perguntando diariamente onde estão minhas lembranças dessa época, de ter cursado psicologia, sabe? Eu tentei resgatar essa memória aqui dentro de mim e foi angustiante, porque eu quase não me lembrava e achava esquisito não me recordar assim. Com o auxílio de minha terapeuta, entendi que ao tentar resgatar essas lembranças, foquei na típica lembrança boa de pessoas brancas quando estavam na faculdade. Muitos amigos, muitas saidinhas com os colegas, aquele namoro que rendeu casamento e filhos, facilidades inúmeras em relação aos textos e livros lidos e tantas outras coisas. Comigo não foi bem assim, muita batalha, muita vontade de comer um pão de queijo na cantina e não ter dinheiro para comprá-lo, moedas contadas para conseguir adentrar no ônibus de volta para a casa de minha mãe. Se fosse em algum bar, a minha bebida era sempre paga pelos colegas. Dei sorte que na época eu havia financiado o curso de Psicologia através do programa estudantil FIES.

Então eu me preocupava somente com a minha permanência até o fim do curso. Ah! Estou muito feliz, inclusive porque eu consegui renegociar a minha dívida do financiamento,

através da política de renegociação instaurada pelo Presidente Lula no ano de 2023. Minha mãe sempre diz que tudo o que o pobre tem, é apenas o nome. Então a gente preza muito para que ele esteja em dia. Voltando à época da graduação, você se lembra dos professores que teve? Eu me lembro de alguns e nenhum era negro. Todos os professores e professoras em que tive contato na graduação eram brancos, com seu modo de vida branco para dar exemplos sobre casos brancos de uma psicologia branca. Foram transmissões eurocentradas passadas por sujeitos que se sentiam confortáveis em transmitir tal conhecimento, mas nós do lado de cá, ficávamos desconfortáveis. Você sentia esse desconforto? Como foi para você? Você se lembra de alguma disciplina que gostou? Eu me lembro que gostei de Psicologia Social, a professora era uma mulher branca, mas isso não a impedia de falar sobre assuntos que a psicologia insistia em desviar. Nunca vou me esquecer de uma atividade que ela nos passou. Foi pedido que analisássemos a música “Minha alma (a paz que eu não quero)” da banda O Rappa. Foi a primeira vez que eu entendia o meu incômodo com o domingo “Mas, não me deixei sentar na poltrona no dia de domingo”, sabe? como me sentei nessa poltrona alienada, cansada de uma segunda-feira que ainda não havia chegado, mas estava quase. Qual música você gosta? Tem escutado algo em específico? Pensando que a maioria de meus professores e professoras eram brancas, hoje sinto o quão importante é minha existência na docência. Eu sou um corpo negro habitando um espaço de poder e de conhecimento que eu nunca pensei em colocar meus pés. Tenho enfrentado desafios consideráveis, diariamente sinto-me testada por alguns alunos em relação a minha inteligência, você já se sentiu assim? sou uma das poucas professoras negras na faculdade e me sinto sozinha por isso. Você fez muita amizade? Tenho uma dificuldade tamanha em pisar na sala dos professores. Nossa, que sensação esquisita!! Prefiro mil vezes passar direto pela porta e me esconder na sala de aula. Como é isso para você? Essas coisas, essa sensação de que você não deveria estar ali, você se sente assim?

Através desse sentimento, comecei a querer desistir da sala de aula e também a ocultar o meu corpo negro neste espaço, fui tentando me embranquecer aos poucos, como por exemplo dar aulas sempre com os cabelos crespos molhados para que ele não ficasse tão alto, comecei a me endividar comprando roupas que se pareciam com as roupas das professoras brancas. Comecei a imitar a forma com que elas ministravam aulas, mas isso não era eu, sabe? era e foi muito violento isso. Tenho parado de querer ser branca, mas de vez ou outra, vem um aluno me lembrar que talvez eu devesse ser: “mas, você não parece professora”. E você? Parece uma? Já te falaram coisas parecidas? Imagino que no seu caminhar ou você atualmente trabalha com a docência, ou já trabalhou. Como foi pisar em uma sala de aula pela primeira vez? Eu comecei

neste campo através do estágio de docência no mestrado, a primeira turma que entrei como professora foi no curso de pedagogia. Fiquei com muita vergonha e me senti uma estranha no ninho, como se as paredes gritassem “fora, fora, você não pertence aqui”. Como foi contigo? Tentei não focar nisso, mas a sensação nunca passou sabe? essa sensação de que tem alguma coisa incomodando.

Ainda que hoje tenha quase três anos de docência e que eu esteja em início de carreira, diariamente me sinto um ET em sala de aula. As vezes sinto que eu sou uma fraude, que na verdade não sei nada e me pego sempre pensando em desistir disso. Você já pensou em desistir? Meu sonho é passar em um concurso para ser professora em uma federal ou uma estadual, só de pensar, dá um frio na barriga aqui. Espero um dia conseguir. Talvez eu esteja me iludindo, mas acho que só assim serei respeitada e valorizada, seja simbolicamente ou objetivamente. Confesso que é bem difícil pensar na realização desse sonho. Estou cansada de sonhar, de pensar no meu melhor, de pensar que eu vou conseguir “chegar lá”. Você não cansa? Quais são seus sonhos? E sobre sua docência, sobre o fazer docente, você tem dificuldades de algum tipo? Como eu trabalho em uma instituição privada e a gente sabe que o privado, nos priva em vários sentidos. Minha saúde mental, diariamente precisa ser cuidada. Não é fácil né? como é para você? Quando penso em desistir, vem algum aluno e me diz algo ou agradece por ter feito algo e isso me mantém os pés no chão novamente. Você recebe muitos elogios? Eu sinto que muitos alunos gostam de mim, tento através de práticas outras, fazer com que meus alunos passem pela graduação conscientes do processo para que eles possam lembrar desse pedaço da vida como algo gostoso que viveu. Sem terrorismo psicológico, sem moer ninguém, sem transitar por uma psicologia branca, com exemplos brancos e modos brancos de fazer psicologia. É ouvir Emerica para falar sobre Intervenção Grupal, é poder ler Grada Kilomba para falar de Psicanálise. É descolonizar o processo educativo. Como você tem feito por aí? Compartilha comigo?

Querida mulher negra, vou me despedindo de você por hora. Gostaria de te agradecer por ter aceitado dividir comigo suas histórias, narrativas, escrituras. Estou construindo com você e tantas outras mulheres, uma pesquisa outra e isso é muito bonito, você não acha? Aqui não somos objetos de pesquisa, não estou analisando, estou compreendendo o mundo com e partir de várias vozes, escritas, olhares, lugares, espacialidades. Fico feliz que tenha topado adentrar-se nessa comigo para fazer uma compreensão mútua de um mundo mútuo. Escreva sem medo de ser julgada, eu não farei isso. Deixo aqui como inspiração, palavras de uma mulher que a pouco tempo tenho me aproximado de suas letras: Gloria Anzaldúa (2000, p.234) que consegue nos fortalecer a cada estrofe, vírgula e pontos finais.

Escrevam com seus olhos como pintoras.
Com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas.
Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo.
Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas.
Não deixem a tinta coagular em suas canetas.
Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes.
Ponham suas tripas no papel.

P.S. Sabe aquela música da banda O Rappa que eu te contei? (https://youtu.be/vF1Ad3hrdzY?si=PMVFgu_U0mcYQbUz (o link é do Youtube)). Sobre a transgressão que eu te disse, então, é sobre a Bell Hooks, você já ouviu falar? ela conta mais sobre isso no livro intitulado por: ‘Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade’. E as palavras lindas de Anzaldúa foram retirar de um texto dela: ‘Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo’.

Com afeto, Mariana

Esta foi a minha carta inicial, contendo minhas escrevivências. A seguir, apresento as cartas recebidas em resposta à minha. Para preservar a identidade das professoras, utilizei nomes fictícios e omiti referências a terceiros mencionados em suas escrevivências.

Escrevivências de Carolina, 34 anos.

Eu li tua carta ontem, pouco mais de 3 da manhã, de uma noite em que o sono existia, mas a mente insistia em manter a tela do celular passando continuamente em uma tentativa de adiar o dia seguinte, sem muito sucesso. Não sei ao certo porque demorei para responder, mas tenho algumas hipóteses. A primeira é o pavor eminente se ser lida por outra pessoa, porque, desde a infância, tenho memórias de a escrita ser minha tábua de salvação do mundo, seja imergindo em leituras de fantasia, fazendo aqueles poemas curtinhas (não me lembro o nome agora), crônicas, declarações para amores imaginários e diários de uma mente tumultuada na adolescência. Outra hipótese é ter noção de que essa escrita revolveria terrenos na memória doloridos de visitar, ainda mais se falando de escola, um ambiente o qual, em retrospecto, reconheço o qual cruel pôde ser, e ainda é, mesmo do lado de cá.

Bom, me apresentando devidamente, sou Carolina preta retinta, pequena, cabelos crespos. Meu pai faleceu em 2023, deprimido e só, depois de perder a esperança, eu acho, em voltar a sua vida antes da amputação que sofreu em uma perna, fruto do descaso com pessoas pretas nas emergências de cidades maiores. Minha mãe em 2025 fez 60 anos, e eu estou muito feliz de ela ter chegado até aqui, mesmo que a cabeça a sabote vez ou outra. Aquela máxima de casa de ferreiro, espeto de pau?! Pois é, ela convive com a depressão desde os meus 13 anos, mas não gosta de psicoterapia devido uma experiência que considera ruim.

Ah sim, eu tenho 34 anos! Atualmente eu vivo _____¹⁷, em _____, aonde vim para iniciar minha experiência como professora de magistério superior, na tentativa de me reerguer internamente de um relacionamento abusivo e violento, que ainda trabalho para não ocupar mais espaço. Vivo aqui desde 2022. Criei algumas redes de amizades e boas conexões no trabalho, mas sinto falta de alguns acessos que cidades maiores proporciona, como museus, teatros, mostras, shows, tipo de SESC, sabe, rs. São 3 anos, ora penso em criar raízes maiores, ora me pergunto o quanto aguentarei me manter no ritmo em que me encontro. Sobre a faculdade em que leciono, para o curso de Psicologia, ela é privada e confessional e por mais que conheça bem aqueles corredores, preciso me convencer diversas vezes que não sou um corpo estranho e não preciso me contentar com o lugar da cota preta. Sendo de candomblé (não sou iniciada, sigo sua cosmovisão e me guio pelos saberes da religião), sinto ter me moldado bastante para corresponder às expectativas do espaço e manter meu emprego, pois também não me vejo mais voltando para _____, minha cidade natal e pôr fim a maior parte de meus estudos.

A sala de aula é um lugar que me deixa confortável. Gosto da interação com as/os estudantes e da sensação de poder ser algum tipo de referência para as/os pretas e pretos que estão ali. Desde minha entrada na IES, há pouco mais de 3 anos, me sinto respeitada pelo alunado em relação ao meu trabalho e sua competência. O que mais me cansa e toma energia é a burocracia. Sobre as/os colegas procuro manter uma boa relação. Eu me sinto diferente, sobretudo quando mudo de cabelo, ou utilizo algum elemento que “grite” uma negritude, porque os olharem mudam para aquela ideia do “diferente”, e indiretamente, melhor que o cabelo natural. Algumas situações constrangedoras também já ocorreram. A mais recente foi eu ter sido convidada para uma mesa sobre o dia das mulheres, em que era a única preta presente, e que tornou evidente a despreparada equipe organizadora e incomodou, inclusive meus alunos. O debate foi tema de algumas aulas após. Foi desconfortável. Eu posso dizer que

¹⁷ Como forma de preservar a identidade das docentes, qualquer informação pessoal, será ocultada.

as relações raciais não são tão faladas pela gestão a não ser quando provocadas, nem sempre consigo, ou quero. Tenho aprendido a escolher melhor as batalhas.

Ascender financeiramente tem sido desafiador, exatamente por ter absorvido uma noção errônea sobre não ter tato com o dinheiro, ainda mais sendo atuado pela via da intelectualidade, mas tenho aprendido a reconhecer e me valorizar nesse lugar. Recentemente iniciei uma experiência junto à universidade pública como substituta em um curso da saúde e tem sido muito gratificante porque conquistei um espaço profissional e pessoal incrível, me reafirmando esse caminho na educação superior, na pesquisa. Bom, sobre a graduação, tem uma professora marcante. Fiz meu curso na _____, entre 2009 e 2013. Na minha memória, no máximo 5 discentes negros/as. Duas mulheres. Fui perguntada, algumas vezes, se havia passado pelo sistema de cotas da IES, pois naquela época a política de cotas era bem recente e não tinha sido aderida. Eu não sabia o que era isso, nem que teria essa possibilidade. O próprio vestibular foi um tiro sem noção do alvo. Mas eu passei, primeira lista. Me lembro de ser um curso bem elitista. Na época alguns colegas já tinham carros para irem as aulas. Enquanto morei em um bairro próximo, ia a pé ou de ônibus, demais, num bairro bem mais distante, encarava de uma a uma hora e meia de ida e o mesmo caminho de volta, de segunda a sábado.

No final do primeiro ano começo a trabalhar e faço esse fluxo trabalho, graduação até o final do quarto ano, o qual tomei uma decisão de me “manter” com a bolsa (bem humilhante de conseguir, às vezes), para encerrar o curso no tempo regular, pensando que não conseguiria manter mais um ano. Não me lembro de nenhuma disciplina, ou grupos de estudos, ou formação voltada para as relações raciais. Essa professora era a única docente negra concursada com quem tive aula. Alguns substitutos aqui e ali, mas eu não tive proximidade com ela. Alguma coisa me repelia, talvez a dificuldade de me aceitar como pertencente aquele lugar. Mas ela era tida como uma boa referência (ainda hoje eu acredito).

Não fui a 1ª a entrar em uma graduação, mas a concluir sim, e, tudo que ouvia sobre ser uma psicóloga me parecia inatingível. Dinheiro para carteira profissional, um espaço de consultório, pessoas que te indicassem, influência, fazer terapia regularmente, supervisão, especializações...nada disso ao meu alcance. Mal conseguia participar de um ou outro grupo de estudo, espaçadamente. Acredito ter sido um período no qual mais me embranqueci, pelo círculo mesmo. Meus “melhores amigos” eram brancos, o amor da graduação também. Festas, músicas, ambientes de convivência, todos de uma cena de classe média paulista. Os discursos liberais (socorro! rs). Eu imergi na juventude branca dos idos de 2010. Era estranho voltar para a casa. Me sentia dividida entre sérios problemas mentais da minha família preta, incluindo os

meus, e lógica de um bem-estar o qual não sabia se poderia oferecer para os meus. Foi uma fase de muitos conflitos internos, uma certa rebeldia de jovem adulta, alguns excessos. Era como se com o tempo, eu fosse me tocando que não teria como cuidar deles do jeito que achei ser possível com uma graduação. E era doloroso. Tentei desistir no terceiro período. Lembro de ligar para minha mãe e dizer que não conseguiria. Não lembro das palavras, mas eu fiquei. Me afastei muito da família na época. Tenho consciência de ter me submetido muito para pôr medo de perder as “amizades”.

Em sala de aula passei por diversos assédios de professores, desde a dúvida sobre minha capacidade intelectual, passando pela objetificação, os olhares violentos. Entre colegas estudantes também, menos, mas tão significantes quanto. Lembro de uma cena, a qual, meus colegas de república, um deles o rapaz com quem fiquei quase a graduação toda, vieram, no 13 de maio, me perguntar se deveriam me parabenizar. Eram meus melhores amigos na época rsrs. Ai, desespero! Não havia debate racial, o gênero e a sexualidade eclodiam na época e foi onde me senti um pouco mais à vontade. A política de permanência, mesmo que poucas, me ajudaram a terminar o curso. Eu já percebia o racismo, porque era “habituada” com ele desde a escola, mas esse calava num outro lugar, o da competência, aquele choque com o ideal de brancura que Neusa Santos nos expõe. Apesar disso eu tenho boas memórias. Foi nesse período o qual fiz minha transição definitiva do cabelo alisado para o natural, criei certa identidade com a pesquisa e um dos meus maiores presentes, tive meu pai na minha colação de grau! Ele trabalhava o dia todo talvez não conseguisse chegar. Ele chegou! Na época nossa relação estava meio truncada, então foi maravilhoso tê-lo ali. Minha mãe e madrinha também foram. Foi lindo! Eu também pude participar da festa de formatura. No dia me conseguiram um ingresso, uma carona e valeu muito. Foi um fechamento de um ciclo com tantos atravessamentos!

Eu demorei para iniciar a atuação, criei várias fugas. Só iniciei a clínica de fato em 2019 ou 2020. Eu não me via, ali, e ainda hoje tenho alguma dificuldade que fica evidente na forma como minha clínica vem se conduzindo acho que é isso...escola agora... A primeira coisa que gostaria de dizer é que reconheço a diferença enorme de uma educação privada na minha formação. O projeto de fracasso da educação já era evidente na minha infância e adolescência. Percebia pelos meus amigos de bairro, depois pelo ensino médio do meu irmão. Dividir a psique nesses dois mundos foi bastante adoecedor, ainda sim teve uma relevância de base intelectual.

Bom, a creche que fiz eu uma escolinha perto de casa, pública. Não tenho muitas memórias, uns lapsos de parquinho. Aos 4 anos, eu acho migro para uma escola de referência no centro da cidade. Minha mãe era funcionária na instituição, então meu irmão e eu fomos

bolsistas até do pré a oitava série. O colégio era católico, o racismo é implícito. Como as únicas crianças negras, que me lembre, por uns bons anos. Ocupávamos o lugar do exótico, e da subserviência, afinal nosso comportamento era diretamente ligado a permanência da minha mãe. Eu sempre fui bem dedicada. Estudos eram meu lugar de escape, então, fora breves distrações, não era um problema. Eu passei de uma criança reativa as provocações para uma adolescente curiosa, mas bem fechada e “tímida”.

Uma memória que me marca, foi de um desfile sobre os continentes, em que eu e meu irmão fomos vestidos com tecidos vários, sem qualquer relação para representar o continente africano. Existia essa foto em algum lugar. Nossa postura contraída diante da exposição, cabeça baixa. Aconteceu uma outra vez, mas ai já tinham outras crianças negras passando por aquilo com a gente. Memórias vaga de não ter parceiro para a quadrilha. Uma funcionária me chamou por anos a fio de tanajura, até que conseguisse demonstrar meu descontentamento. Eu tinha de ser exemplo, que em muito me impedia de ser criança e adolescente também.

Não tenho memória de professoras/es negros. Ah sim, tinha um de educação física. Professora não me lembro. Eu era até querida entre as colegas, muitas vieram do pré até o final do ensino fundamental. Algumas negras com o tempo, mas não me recordo de mais de 3 numa sala. Lembro de nunca convidar minhas amigas para a casa, e, quando ia até a delas, eu ficava perplexa com o quanto era bonita, e organizada, e elas tinham carro. Da 5ª a 8ª tinha um passeio, todo ano. Fui em dois, com muito suor da minha mãe e pai, vaquinha das professoras, mães de alunos. Meu irmão não lembro. Era bem caro para a época. A discrepância de classe era evidente. Teve uma época bem difícil em casa. Lembro da minha mãe dizendo que iam demitir uma pessoa que tinha problemas com o marido. 12/13 anos na época. Foi ela. O pessoal contestou fizeram protesto, foda-se! Conseguiram que eu e meu irmão terminássemos os estudos com a bolsa. Era horrível sem a presença minha mãe lá. Que me dava uma certa segurança, mesmo que pequena porque também tinha os B.O. de adulta. Foi bem ruim porque passamos a ter necessidades em casa e por diversas vezes dependi da ajuda de professores para colocar passagens de ônibus de forma a chegar na escola. Algumas humilhações da psicóloga educacional também em relação a isso. Uma vez ela me “aconselhou” a fazer coisas para vender e ajudar minha mãe em casa e para não ficar pedindo dinheiro a professores. Eu tinha 14 anos.

Eu fui feliz em muitos momentos lá. Era respeitada pela maioria dos colegas. Alguns entendiam a dificuldade, porém essas dicotomias me bagunçaram muito emocionalmente, sobretudo quando fiquei sem referência no espaço. Ah sim, desde os 7/8 anos já ia para a escola de ônibus só, ou levava meu irmão. As vezes a mãe tinha que ir mais cedo ou tínhamos aulas

mais tarde. Função desde cedo. O ensino médio foi meio merda na real. Eu ganhei uma bolsa de um professor de matemática do Colégio. Ela não era tão visada, então tinha um pessoal mais frutos do proletário mais do corre mesmo. O pessoal que eu andava tinha um pessoal bem dedicado. A escola em si tinha umas precariedades, mas me supriu o suficiente. Tinha uma galera racista sim, mas não foi uma fase em que guardei muita coisa não. Um professor me assediou, depois deu uma de sonso. Ali eu conheci uma menina, Preta, alta, magra, curti a cultura coreana antes de virar modinha global. Eu a admirava. A achava autêntica. O pai e a mãe dela eram psicólogos, pretos. Acho que foi daí que a psicologia me chegou aos olhos. Ela era legal, desprendida, e os pais dela era psis, rs¹⁸. Para uma adolescente era uma profissão importante. E eles pareciam tão centrados, e tranquilos. Os vi poucas vezes, mas me lembro da sensação.

Eu fiz SENAI ao mesmo tempo. Aprendiz em mecânica de usinagem. Eu adorava, mas hoje vejo que era terrível rsrs Ali tinha gente parecida comigo, grande parte. Periferia, estudando para quem sabe ter um bom trabalho na indústria. A gente pegava ônibus juntos. Comia no refeitório junto. Tinha mais pretinhos, e muito racismo e sexismo também. Eu percebia que os meninos pretos eram tratados com mais brutalidade que os não negros, por vezes tinham menos chances de fazer entrevistas em empresas conveniadas ao SENAI. Eram tidos como menos inteligentes por terem vindo de escolas públicas. Mas dentre as experiências escolares, foi a com que eu tive mais identidade.

Enfim, eu acredito que graças ao esforço e trabalho de pai e mãe, ocupei lugares que me levaram a consciência, dela, da Educação como elemento de emancipação. O racismo ainda se faz presentes todos os dias, mas hoje eu já consigo compreender, como várias mulheres negras em que me inspiro a escolher quais lutas eu quero seguir. Tenho aprendido a viver em espiral, compreendendo e meu passado e dos meus e minhas. Vivendo mais do que sobrevivendo, existindo mais do resistindo. Tem sido bom. E tenho agradecido a orixalidade por isso.

Compreensão da Carta de Carolina

Sentimentos/Afeição

- Escrita como refúgio.

¹⁸ A sigla RS se refere, no contexto brasileiro e tecnológico, a abreviatura de ‘risos’. Uma risada contida, as vezes irônica ou para disfarçar um desconforto.

- Ansiedade, insônia ao pensar na escrita de sua vida.
- Saudade da cidade e da cultura
- Orgulho e motivação
- Os pais em sua formatura que trouxe sentimento de amor e acolhimento
- Resiliência

Experiências Profissionais

- Professora do magistério superior
- Primeira experiência docente para se reerguer após relacionamento abusivo
- Redes de amizade e conexão no trabalho
- Confortável em sala de aula, referência para estudantes negros(as)
- Desafios: burocracia, preconceito velado, sobrecarga emocional
- Experiência recente como substituta em universidade pública
-

Racismo/Representatividade

- Desconforto quando assume elementos visuais da negritude
- Falta de debate racial na gestão (“só quando provocada”)
- Situação constrangedora na mesa do Dia das Mulheres (única preta)
- Perguntas sobre cotas no vestibular (UNESP)
- Racismo no colégio católico (“lugar do exótico”, subserviência ligada à bolsa da mãe)
- Professoras negras quase inexistentes
- Comentários racistas desde a infância
- Colegas perguntando no 13 de maio se deviam parabenizá-la
- Assédios de professores e colegas: Racismo genderizado

Conexões Pessoais/Familiares

- Pai com membro amputado por descaso médico, faleceu deprimido
- Mãe com depressão
- Relacionamento abusivo

- Família com dificuldades financeiras (viagens, permanência na escola)
- Momentos importantes com a família (pai na colação de grau, formatura)
- Primeira a concluir graduação na família
- Inspiração de ver uma amiga negra tendo familiares formados como psicólogos



“Tenho aprendido a viver em espiral, compreendendo e meu passado e dos meus e minhas”.

O espiral! Carolina deixou esse presente para nós. Ao repousar para o fim de sua carta, ela diz algo que me impactou: “tenho aprendido a viver em espiral”. Isso fez todo o sentido, pois sua trajetória não segue uma linha reta, mas se movimenta em ciclos, retornando sobre si mesma com novos sentidos, encontros e descobertas. Cada experiência, cada emoção, cada desafio não desaparece, eles giram, se transformam e ressoam, revelando conexões inesperadas e forças que muitas vezes passam despercebidas. E não é que eu também tenho tentado viver em espiral? Será também que viver em espiral não faria parte de nossas escrevivências enquanto mulheres negras? Ainda que não tenhamos pensado nisto?

Ao desenhar a espiral, percebi que cada carta é um ponto nesse movimento contínuo: momentos de afirmação, de luta, de reconhecimento, de frustração que se entrelaçam, compondo um percurso que é singular e coletivo ao mesmo tempo. A espiral torna visível o fluxo das intensidades, sentimentos e afetos, experiências profissionais, vivências de racismo e representatividade e de conexões familiares, mostrando que cada trajetória, embora única, ecoa e encontra outras trajetórias no mesmo movimento, como se estivéssemos todas navegando no mesmo mar, ora calmo, ora revolto, mas sempre em fluxo. Cada fim de carta terá um espiral!

Escrevivências de Regina, 58 anos.

Cara Mariana,

Desculpe a demora, mas achei que responderia mais facilmente a sua carta. Mas à medida que lia, ia percebendo as diversas camadas que ela continha, pequenas coincidências como o fato de minha mãe também se chamar Regina, alguns incômodos seus que também são meus, outros enunciados sobre os quais não sei se parei para refletir sobre eles ou se foram só passando pela minha vida em acontecimentos em que estamos desavisadas para uns e avisadas demais para outros, mas vamos seguindo, dando conta como podemos, como conseguimos. Não seguirei uma ordem dos temas elencados nesta carta, vou trazendo à medida que for que a escrita for chamando.

Suas provocações me acessaram muitas memórias, pois se você se formava em 2018, eu fechava um doutorado neste mesmo ano, você começando e praticamente fechando minha formação acadêmica. Trabalhando por anos na interface com a educação e em movimentos de formação. Com foco nas crianças e suas aprendizagens ou “não aprendizagens” na educação básica e na formação de professores em temáticas como educação inclusiva, infância atendimento especializado entre outros. Afinal, tenho 58 anos e creio que as coisas para mim

não andaram tão rápidas como para você. Estive em escolas públicas e particulares durante a minha vida, filha de um pai branco e uma mãe preta, não havia cobranças explícitas sobre minha raça/cor, mas para ambos os estudos dos filhos, 5 ao todo, era obrigatório e vinha sempre com o enunciado de "vencer na vida". Aquele medo de não conseguir sempre me perseguiu apesar da convicção de que conseguiria, você entende este antagonismo? Saber ser capaz, mas ter medo de não ser? Mas acho que porque na minha geração tudo era muito sombra, as coisas eram camufladas em outras que hoje entendemos explicitamente, a condição social se confundia com as questões raciais e ninguém que você conhecia era "racista" ... penso que na educação básica isso foi mais difícil que na graduação ou na pós.

Se penso no peso que você fala, as memórias são de antes do ensino médio, já nessa fase em que fazia magistério, estava em uma turma só de mulheres, a estratégia do coletivo fortalecia a cada uma do grupo, mas ainda assim eu era das poucas pessoas negras em um colégio católico e de classe média alta, obviamente estudando com bolsa. A vida e a necessidade do trabalho entrecortaram os períodos entre a graduação e mestrado, depois entre mestrado e doutorado. Este tempo enfrentando outras frentes como a educação básica pública, olhando ali para tantos processos de exclusão do que chamamos de diversidade, ou as "minorias": pessoas negras, mulheres, pessoas Lgbtgia+, pessoas com deficiências, pessoas sem condições de ter capital financeiro e cultural entre muitos outros, que na realidade são maioria, por isso as aspas no minorias, pois menor é só a posição de poder que ocupam. Esse trabalho na educação básica me mobilizou para a pós com questões sobre infância e aprendizagem que vieram das vivências e experiências com as crianças das classes populares que viviam os preconceitos, que eu também passei, e o fracasso escolar, não deles, mas da escola, penso eu!

Não me lembro de estudar autores negros, Milton Santos seria o único que saberia citar nesta época, professoras negras na graduação também não, talvez hoje as reconhecessem como negras de pele clara, mas os processos de alisamentos e de embranquecimento, talvez não me permitissem identificar, a meritocracia estava posta nas provas e processos seletivos que nos esforçávamos para alcançar, duas vezes melhor que os outros alunos era um pensamento recorrente, num inconsciente que precisa provar que estava por merecer estar, a gente não só introjeta que precisa ser bom e que precisa provar... foi na pós, no mestrado, que tive o maior número de colegas negras em sala, nada de ser a negra única, creio que muito pelo engajamentos da universidade que frequentei onde as casses populares, gênero e etnia, tem porta aberta para estar. Isso facilita, mas não reduz a pressão sobre você.

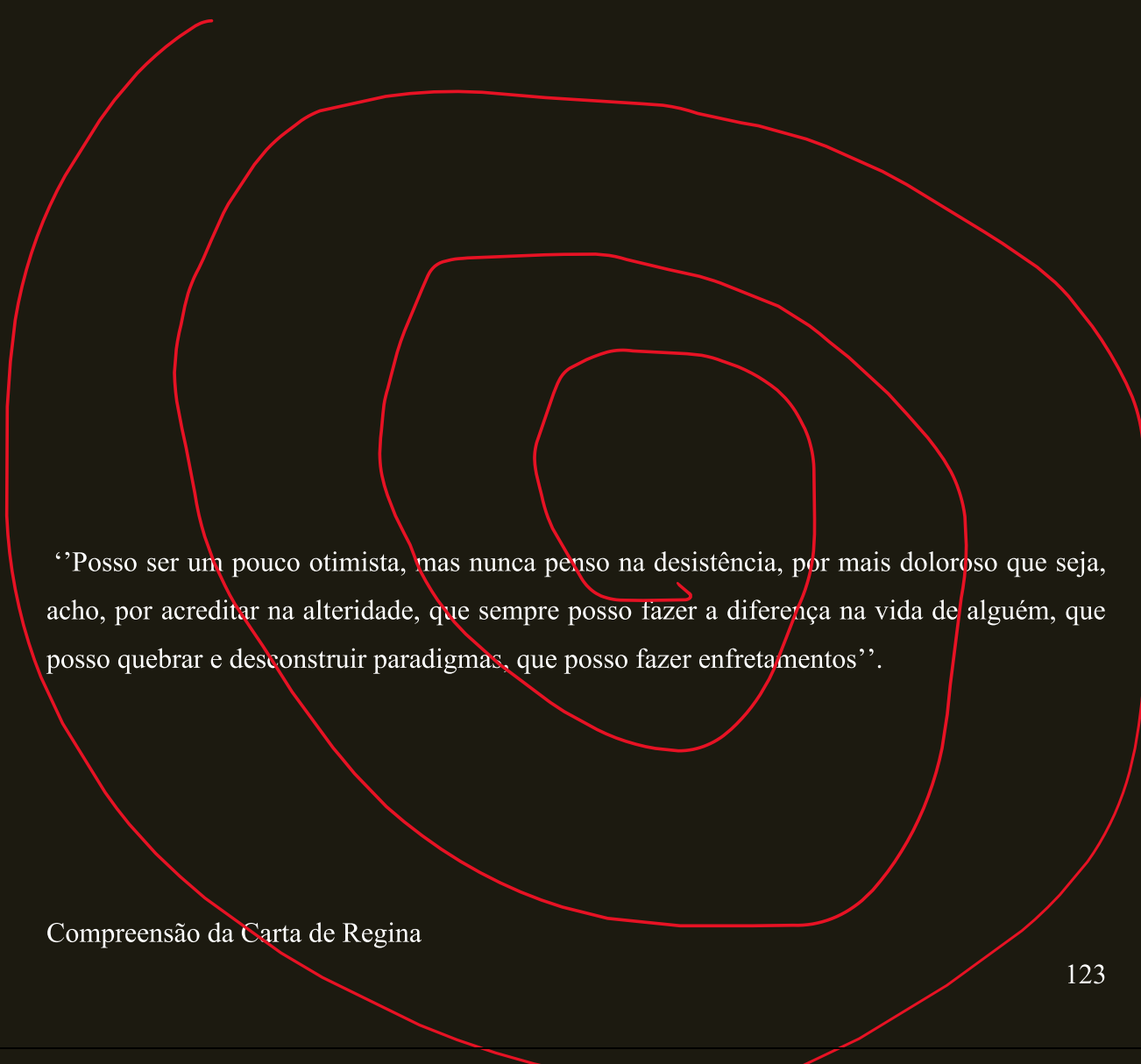
Sim já fui confundida com mães e funcionárias de locais onde estive, mas sempre pensei que devo ocupar os lugares que ocupo e não deixo de frequentá-los, por qual motivo devo facilitar para o outro a incompreensão do meu pertencimento nestes locais, por que me incomodar com o incômodo que é do outro? Muitas vezes o humor e a ironia são usados por mim como estratégias de enfrentamento, mas não recuo se for necessário embate. Não nego também que apesar de saber lidar com estas situações, elas não deixam de mexer com o psicológico. A preocupação é recorrente, no estudo do que me proponho, não gosto de deixar brechas e, muitas vezes, repasso em minha cabeça as várias situações de questionamentos que posso enfrentar numa apresentação, em uma aula, em uma pesquisa que podem me desqualificar, no trabalho em que muitas vezes estive em cargos de chefia, pois trabalho em uma secretaria de educação, não me permito deixar fios soltos.

Sim, me preocupo com as vestimentas adequadas e com meu cabelo, que hoje entendo, que muitas vezes o camuflei com coques, penteados e química... Por um tempo, nós achávamos que a questão era de conhecimento, os estudos sobre as questões raciais estavam sempre camuflados, penso que sempre me declarei como parda, entendendo minha pertença na negritude, afinal vivi a fase do discurso de que "no Brasil não tem racismo", mas foram há alguns anos, com leituras e estudos e principalmente com autores e autoras negras, que a afirmação de dizer negra no lugar de parda se firmou! Neste meu caminhar a Psicologia sempre foi muito branca e os problemas que veem com o racismo estrutural olhados como parte da subjetividade e não do contexto social, das bases colonizadoras. Mas as teorias avançam, as lutas, os processos de mudanças mesmo que lentos nos levam a muitas compreensões e manhas, hoje temos uma psicologia racializada, uma psicologia que não entende nossa dor e cor como mimimi, uma psicologia que entende os efeitos da colonização, da discriminação, do preconceito e que nos leva em conta porque estamos dentro e podemos dizer por nós.

A percepção das alunas sobre minha negritude sempre me encantou, a importância do outro te ver neste lugar e se mirar nele. Essa alegria não anulava o espanto de alguns discentes e até de docentes ao perceber que fosse eu a estar naquele lugar... Em uma especialização uma aluna preta, me seguia com os olhos pela sala e sorria concordando toda vez que eu finalizava uma fala, um dia lhe dei uma carona e ela falou que eu era a primeira professora negra que ela tinha tido na vida e foi falando de todos os seus planos para a docência, a continuidade da formação e a vontade do concurso público, finalizou descendo do carro com a seguinte frase: que bom poder falar isso com você, sei que você me compreende!. "Narciso reconhece o que é espelho"!

Posso ser um pouco otimista, mas nunca penso na desistência, por mais doloroso que seja, acho, por acreditar na alteridade, que sempre posso fazer a diferença na vida de alguém, que posso quebrar e desconstruir paradigmas que posso fazer encontros. A paz que eu não quero ter, me lembra muito uma frase que meu pai dizia: quando você sabe, você não pode mais ignorar, que eu acho muito consonante com o enunciado do Rapa. Então por mais dolorosa que seja a luta, eu não me deixo e não me deixe assentar na poltrona em um dia domingo!

Regina, 05 de maio de 2024.



“Posso ser um pouco otimista, mas nunca penso na desistência, por mais doloroso que seja, acho, por acreditar na alteridade, que sempre posso fazer a diferença na vida de alguém, que posso quebrar e desconstruir paradigmas, que posso fazer encontros”.

Sentimentos/Afeição

- Empatia e identificação
- resiliência, persistência
- Afeto, conexão com outras professoras
- Esperança, determinação
- Alegria e encantamento com a percepção das alunas sobre sua negritude

Experiências Profissionais

- Doutorado finalizado em 2018, longa atuação na educação básica e formação de professores
- Trabalha com educação inclusiva, aprendizagem de crianças e diversidade
- Experiência em cargos de chefia em secretaria de educação
- Preocupação com vestimentas e apresentação pessoal como estratégias profissionais
- Envolvimento com a docência em ensino superior, referência para alunos negros
- Observação e análise crítica do funcionamento da Psicologia enquanto campo predominantemente branco
- Participação em especialização com acompanhamento próximo de alunas negras, incentivando continuidade acadêmica

Racismo/Representatividade

- Era uma das poucas pessoas negras em colégio católico de classe média
- Pressão de representar e ocupar lugares de prestígio
- Camuflagem da negritude (cabelo, vestimenta)
- Reconhecimento tardio da identidade negra
- Psicologia tradicional branca, não considerava racismo estrutural
- Alegria e impacto de ser reconhecida por alunas negras

Conexões Pessoais/Familiares

- Filha de pai branco e mãe negra, cinco filhos na família
- A ideia passada pela cultura da família que educação abre portas para a ascensão socioeconômica
- Referências parentais presentes como inspiração moral e ética
- Relações de cuidado entre pares e alunas negras

- Experiências de alteridade e solidariedade afetiva ao longo da carreira

Escrevivências de Maria, 52 anos

Sou Maria, uma mulher negra, altura 1,63, sou mãe da _____, filha da _____, neta da _____ que era mestra nas artes de cura pelas plantas, saber que ela passou pra minha mãe, o qual eu herdei muito pouco. Das memórias que trago da minha avó uma das mais fortes é de um preparado com sumo de boldo¹⁹ que ela fazia todos os dias para na época em que ele morava com ela.

Lembro de mim, muito pequena aprendendo com minha avó a fazer esse preparado e a partir de então era eu a responsável por fazê-lo. Sinto um orgulho de hoje, poder ter boldo plantado em minha casa e de poder passar essa memória para minha filha. Desde então quando é preciso peço a ela para fazer o boldo para mim.

Fiz faculdade de Psicologia e me formei em 1999 na _____. Eu era a única aluna negra da turma, tinha uma outra colega que era de pele clara, que ninguém via como negra, apesar de ela se identificar como tal, passei por diversos processos de racismo e machismo. Fui bolsista desde o primeiro semestre, quando entrei na faculdade minha família estava em crise financeira e me lembro de ter ido algumas vezes para a aula a pé e voltar pedindo carona com uma colega. Após um mês acho, abriram uma seleção para bolsista no departamento de psicologia e eu fui aprovada. A bolsa me permitia pagar as passagens de ônibus, tirar os xerox. Dessa pouca o lado bom foi ter feito boas amigas, que não são atualmente mais minhas amigas por distanciamentos da vida. Ter começado a pesquisar religiões de matriz africana. Ter feito parte de um grupo de estudantes negros que tentou fazer algumas ações.

Tivemos um jornalzinho publicado com um texto meu. Minha primeira publicação, guardo esse jornalzinho com carinho até hoje. Ter conhecido a psicologia social foi muito importante na minha vida, mas só ouvi falar sobre relações de gênero e raça por minha própria conta. Nenhum professor nunca abordou isso em sala de aula, e eu não tive nenhum professor negro durante a graduação. Assim como você teve professores brancos, com seu modo de vida branco, para dar exemplos de casos brancos de uma psicologia branca. Mais ou menos no fim da graduação eu descobri o livro psicologia social do racismo, isso foi um marco em minha vida. Foi a primeira vez que vi minhas questões sendo retratadas em textos de psicologia.

¹⁹ Quanta coincidência do universo! No início da tese eu também falo do boldo, das memórias e da ancestralidade. É a vida se fazendo em espiral.

A minha pesquisa sobre religiões de matriz africana foi orientada por um professor da Ciência da Religião. O ambiente político da militância universitária era bom e ruim. Bom porque me ajudou a entender e aprender muitas coisas, ruim porque o movimento estudantil era muito branco. Hoje em dia a _____ tem vários coletivos de alunos e alunas negros, acho que melhorou nesse aspecto. Na época eu era filiada ao PT e lá fundamos a Secretaria de Combate ao Racismo.

Uma das nossas ações foi publicar um artigo no jornal Tribuna de Minas (o jornal de maior circulação na cidade de _____). Tive um texto publicado na seção "Tribuna Livre". Era uma seção importante, tinha destaque. Eu fazia parte do Diretório Acadêmico - D.A. Uma amiga e companheira do D.A, ficou tão feliz com minha realização, que fez uma cópia da página do jornal, realçou meu nome com um marca-texto amarelo e colou na porta do D.A. Não demorou para alguém me dizer: "Mas foi você mesma que escreveu?". Não foi nem a primeira e não seria a última vez. Esse tempo foi desafiador, difícil. Passei esse tempo me subestimando, com autoestima baixa. Apesar de algo dentro de mim saber que eu era muito melhor do que como eu me via.

Quando terminei a faculdade meu sonho era (e ainda é) ser professora e pesquisadora de universidade pública. Sabia que, na época o caminho seria o mestrado, porém, um sentimento de que eu não era capaz, que não era boa o suficiente me invadiu. Passei então os próximos 3 anos seguintes acreditando que teria muita gente melhor do que eu concorrendo. Na época a Psicologia da _____ não possuía pós-graduação stricto sensu. Uma professora muito querida, que me orientou no trabalho de conclusão de curso, me aconselhou a tentar mestrado na _____. Passei três anos na terapia trabalhando essa dificuldade até que em 2002, eu, com ajuda de outra amiga negra que tinha a mesma pretensão, fizemos a seleção para o mestrado em Psicologia Social da _____. Após três anos eu passei na terceira tentativa. Minha chegada no Mestrado foi uma alegria grande. A passagem foi rápida, eu não questionava muito as coisas que ocorriam. Minha preocupação era que o orientador não alterasse o meu tema que foi sobre religiões de matriz africana. A minha dificuldade não era escrever, mas sim falar em público. Apresentar trabalho naquele espaço no qual eu era o único corpo negro era muito difícil. A parte do segundo ano eu fiz com bolsa e em casa. Era casada e meu ex-marido na época começou a manifestar muito incômodo por conta de eu estar subindo tão mais alto que ele que só possuía o ensino médio. Meu casamento entrou em crise no final do mestrado.

Naquele ano me separei pela primeira vez e concluí o mestrado ansiando pelo doutorado que acreditava viria logo a seguir. logo após a minha defesa meu ex-marido e eu tivemos uma

reconciliação e voltamos. Eu engravidei, tive minha filha que hoje tem 15 anos. Comecei a dar aulas como professora substituta na _____ ainda grávida, foi uma experiência muito difícil, tinha dado uma aula no estágio docente no mestrado. Mas era muito diferente estar frente a uma turma, eu era insegura e inexperiente. Lembro que a primeira turma ainda era receptiva, mas eu não conseguia manter o silêncio e todo mundo falava junto, os poucos que queriam prestar atenção não conseguiam. Mas tenho uma lembrança boa dessa turma. Eram legais. Já com a outra turma, que era do primeiro período, foi uma experiência muito ruim. Ao contrário da outra turma eles não ficavam falando o tempo todo, mas alguns alunos ficavam me testando o tempo todo. eu comecei a me sentir mal cada vez que ia dar aulas para eles. Voltava para a casa e chorava. Não quis ficar para o segundo semestre, além de eu ter que sair no meio porque ia ganhar minha filha, o professor que eu substituí iria voltar, ninguém sabia quando e eu logo teria que sair. Preferi sair logo no fim do semestre. Ainda mais que queriam me empurrar umas disciplinas que nada tinham a ver comigo.

No ano seguinte ao nascimento dela publiquei minha tese como livro financiado pela Lei Municipal Murilo Mendes. O livro me abriu muitas portas, muitas pessoas me conheceram através dele até hoje. O fato de eu ter feito a pesquisa no bairro _____ fez com que outras possibilidades de escrita me fossem abertas. Tive outras publicações em capítulos de livros que surgiram depois desse primeiro. Os anos seguintes foram difíceis, o casamento só piorou e não tive forças para retornar aos estudos como planejei. O doutorado foi ficando cada vez mais longe. Fui selecionada para dar aulas em um Faculdade em _____ e tive uma das piores experiências da minha vida. Uma das turmas chegou a fazer um abaixo assinado para me tirar do curso, o tal documento tinha palavras horríveis sobre mim que me feriram muito. Diziam que eu não tinha competência, não tinha domínio do conteúdo. Eu me lembro que no dia que me contaram e me mostraram o tal texto eu me sentei e chorei. Um amigo colega me acolheu. Depois disso tive uma conversa muito séria com essa turma, colocando-os no seu devido lugar. Disse que eu estava ali pelo meu currículo que era muito bom e que desde sempre, por ser negra, sempre quiseram me dizer onde era meu lugar, mas quem definia o meu lugar sou eu. Depois disso a turma passou a me respeitar. Porém eu fiquei muito abalada emocionalmente. Comecei a ter crises de ansiedade e picos hipertensivos. ao final do semestre pedi demissão e resolvi desistir da docência. Isso durou alguns anos. O casamento continuou em crise e tudo só piorava.

O que me ajudou muito nesse período foi um coletivo de mulheres negras no qual eu militava, chamado Candaces. As minhas amigas do coletivo me deram muito força, e eu fazia terapia. Graças a esse apoio consegui em 2016 fazer uma especialização em Gênero e

Diversidade na _____. Era semi-presencial, as aulas eram uma vez no mês em _____, na _____. Essa especialização me deu um gás. Em 2016 terminei a especialização, me separei, fiz a seleção para o doutorado e passei. O doutorado foi muito melhor que o mestrado. Passei a fazer parte do Núcleo conexões de saberes e lá tinha muita gente preta, o núcleo era basicamente formado por pessoas negras mulheres e LGBTQI+²⁰, então lá era um lugar confortável, com gente que se parecia comigo, que passou pelas mesmas dificuldades, com quem eu podia compartilhar coisas da minha vida. Era puxado, eu trabalhava e fazia o doutorado ao mesmo tempo, criava minha filha. Mas foram anos muito bons.

Em 2019 decidi retornar à sala de aula. Fiz um processo seletivo para a _____, instituição particular, e já estava bem mais preparada como professora, mais segura de mim. Não permitia que os alunos ficassem falando junto comigo. Aprendi com minha terapeuta anterior uma ótima técnica. Parava a aula e ficava olhando para quem estava falando. Logo a pessoa parava de falar e eu seguia a aula. tinham os alunos que não gostavam de mim, mas por conta da minha postura nunca fizeram nada em sala de aula. Tentaram me queimar na avaliação que faziam todo fim de semestre, mas como a maioria das avaliações era boa eles não me prejudicaram. Fui muito feliz lá apesar dos problemas institucionais que toda faculdade particular tem. Fiz amizade com alunos com os quais tenho contato até hoje. Pude trabalhar a temática do racismo e do gênero com muito mais segurança. Algumas alunas negras me dizem que eu sou uma inspiração. É muito bom inspirar as pessoas.

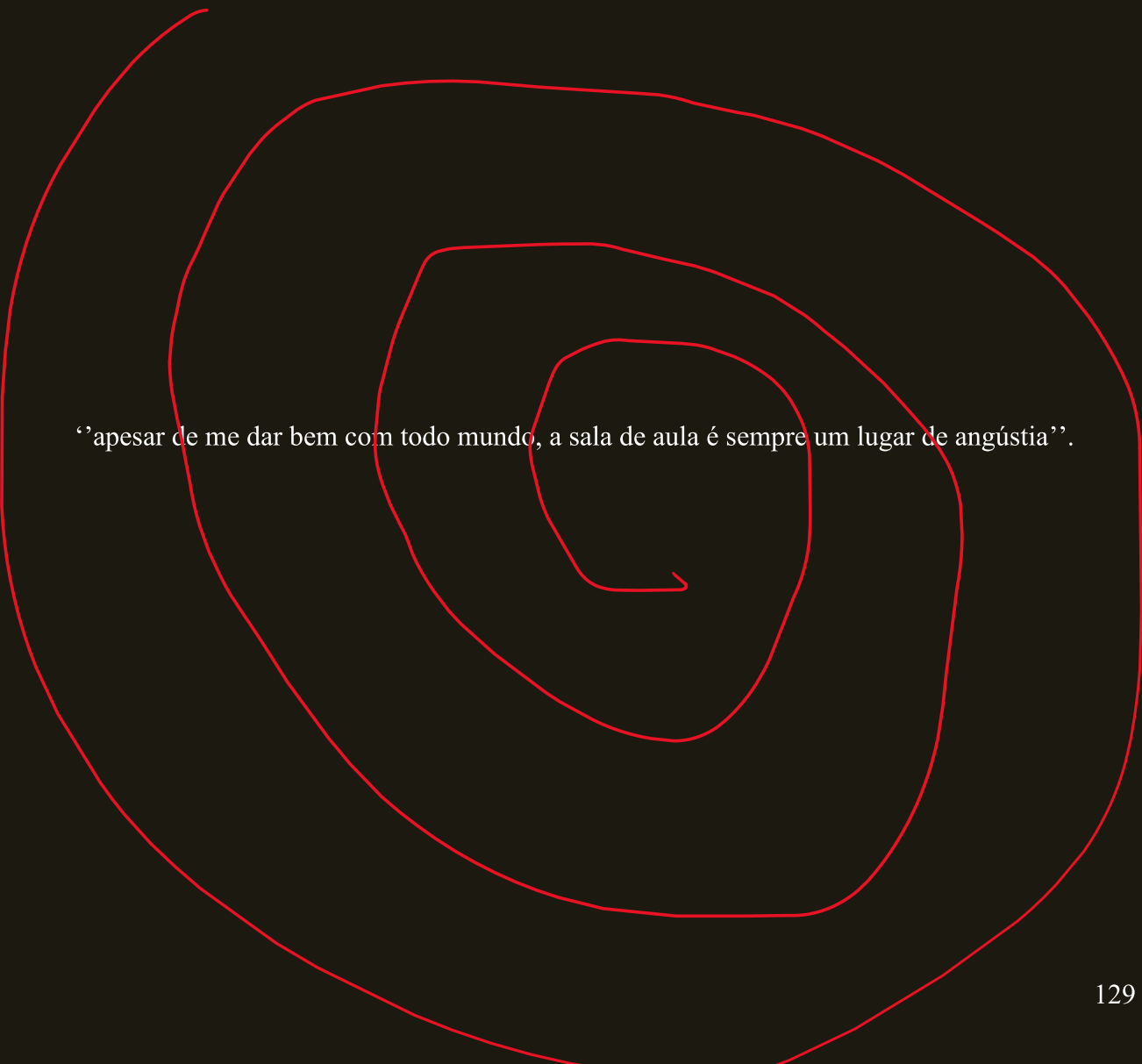
Assim como você nunca gostei da sala de professores. Fiz mais amizade com os alunos do que com eles. Eu me relacionava bem com eles, mas é como se fossem de outro planeta. Só fiz amizade com uma professora que foi minha contemporânea de graduação e é do mesmo terreiro que eu frequento. Apesar de me dar bem com todo mundo, a sala de aula é sempre um lugar de angústia. Sempre fico tensa para ocupar esse lugar. Às vezes a síndrome da impostora me ataca e eu preciso respirar fundo e seguir em frente. Até hoje.

Defendi minha tese em 2021, durante a pandemia, foi tudo muito pesado, dar aula on line. Defender a tese on-line, esse momento com o qual tanto sonhei, de estar reunida com os meus amigos e amigas passei sozinha em casa. A pandemia passou, as aulas presenciais retornaram e ano passado a faculdade fechou. Hoje sei que, com certeza, meu lugar é numa sala de aula, seja pública ou particular, é isso que eu quero fazer até o fim. Amo lecionar, apesar de todos os desafios, dificuldades, dos alunos chatos que ficam querendo me testar. porém ainda

²⁰ LGBTQI+ é a sigla que representa lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e intersexuais, incluindo também outras identidades e orientações sexuais (indicadas pelo "+"). Ela é utilizada para afirmar a diversidade de expressões de gênero e sexualidade e para reconhecer a luta por direitos, respeito e visibilidade desses grupos.

luto com o medo de prestar concurso para professora de federal. Já tive algumas oportunidades que não fiz por medo. Estou trabalhando isso na terapia. Combinei comigo mesma que vou fazer o próximo concurso que for próximo o suficiente. Estou aguardando esse momento que vai ser mais uma quebra dessa muralha de vidro que o racismo coloca à nossa frente, nos impedindo de alcançar aquilo que queremos duvidando de nossa capacidade e de nossa competência. Terminei essa carta ressaltando que hoje, depois do tempo e muita terapia aprendi a guardar mais os elogios dos alunos do que as críticas. Adoro eles me procurando no corredor. Fui homenageada na penúltima formatura e sei que sou uma professora em eterna construção.

Com todo carinho, Maria.



“apesar de me dar bem com todo mundo, a sala de aula é sempre um lugar de angústia”.

Sentimentos/Afeição

- Orgulho e afeto pelas memórias da avó e do preparo do boldo, herança afetiva e cultural
- Alegria e realização ao ver a filha continuar tradições familiares
- Emoção com primeiras publicações acadêmicas
- Satisfação ao inspirar alunas negras
- Luta contra a síndrome da impostora, valorizando elogios dos alunos
- Angústia ao adentrar em sala de aula
- Racismo sofrido na universidade

Experiências Profissionais

- Formada em Psicologia no ano de 1999
- Bolsista desde o início da graduação, experiências com dificuldades financeiras
- Experiência docente inicial como professora substituta onde teve insegurança e desafios com turmas
- Publicação da tese como livro
- Pós-graduação e doutorado, conciliando trabalho, maternidade e estudos
- Atuação em faculdade particular
- Trabalho com racismo e gênero de forma mais confiante

Racismo/Representatividade

- Única aluna negra na graduação, vivenciou racismo e machismo
- Professores brancos, exemplos centrados em uma psicologia branca
- Dificuldade em falar em público sendo o único corpo negro
- Autoestima baixa devido as marcas racistas por ocupar um lugar de saber
- Medo de concursos federais por barreiras impostas pela consequência do racismo em sua subjetividade.

Conexões Pessoais/Familiares

- Saberes de cura com plantas
- Experiências familiares influenciaram escolhas profissionais e afetivas
- Suporte de amigas e coletivos de mulheres negras

- Conciliação da maternidade com carreira acadêmica e doutorado
- Apoio terapêutico durante crises pessoais e profissionais

Escrevivências de Júlia, 36 anos

Oi Mariana, como vai? Eu li sua carta e na hora lágrimas escorreram. Faço terapia e sempre achei que o meu sofrimento fosse por causa de meus traços da personalidade até entender que era questão de raça. Que minhas vivências eram diferentes de outras pessoas, mas não porque tenho vulnerabilidade constitucional, mas porque tenho minha existência através marcadores da raça, do gênero e da classe. Lendo sua carta me provocou a pensar na minha própria existência como professora. Concluí o mestrado em 2017 e desde então não quis fazer doutorado. Hoje estou paralisada perdi uma grande oportunidade por não ter doutorado, mas simplesmente não consigo escrever. Gostaria de estudar aspectos clínicos, mas parece que raça no doutorado só é estudado na psicologia social. E acho triste que essas questões raciais ficassem apenas com a psicologia social, como se a psicologia do desenvolvimento, intervenções clínicas pudessem construir modelos e teorias pautadas em raça.

Voltando, o mestrado assim como o seu foi sofrido, uma experiência que me fez sentir incapaz e parecia que estudar lá não era meu lugar. Meu mestrado foi em Educação no _____. Meu orientador por vezes foi cruel hoje ressignifico minha experiência, mas ela me paralisou. E por ter feito mestrado em educação parecia que não era psicóloga para graduação, a justificativa em alguns momentos era “precisa de mestrado na área” é argumento socialmente aceito, já que não podem nos barrar por causa da pele e declarar isso abertamente. Tem uma linguagem velada. E assim que é a questão do racismo na minha vida, velado. Sou filha do segundo casamento do meu pai, minha mãe preta, meu pai branco. A primeira esposa do meu pai era branca e todos os filhos são brancos. Então eu nasci, primeira criança preta daquela família. A minha mãe nem sempre foi bem aceita na família então suas crias pretas também não, foram toleradas. Fui criada com brigas entre minhas mães e minhas irmãs mais velhas. Um dia quando fui responder uma provocação uma das minhas irmãs mais velhas disse: você preta, estudante de escola pública não vai ser ninguém. Isso doeu e ainda dói e me marcou. Na época aquela irmã tinha concluído o mestrado e pensei vou fazer isso aí também. Vou chegar lá. E foi isso que me mobilizou a estudar.

Fui bolsista do PROUNI, não escolhi psicologia por amor, foi estratégia para conseguir a bolsa, observei onde minhas notas teriam mais chances e estava lá entre carreira

administrativas a opção de Psicologia. E aí fui estudar psicologia. Eu odiava o curso, achava muito teórico, a matéria que mais gostei era a estatística. Comecei estudando a 45 km da minha casa porque foi lá que consegui a bolsa. Aí vi uma possibilidade de mudar de unidade e pedi transferência. Estudar mais perto de casa, em uma unidade que fica na periferia de belo horizonte me fez me conectar mais na graduação. Quando estudava em _____ tinha colegas de sala muito ricos e a minha pobreza destoava. Inclusive, agora que te escrevo percebo que não era questão de classe, era de raça, eu era a única mulher negra da turma.

Na minha nova unidade tinha mais pares mesmo que a gente não sabia que era isso que nos unia. Me envolvi com a graduação pois eu tinha foco, o mestrado. Tentei mestrado na _____ e passei por constrangimento na banca de seleção que pensei aqui não é meu lugar. E fiquei com desejo guardado e pensando em possibilidades até que soube do edital do _____, tive ajuda de amigos (sim os homens brancos) que leram meu projeto e deram sugestão. Fiz a prova escrita, a banca e quando veio o resultado eu fiquei tão feliz. Parecia um sonho e parecia que poderia ser erro de digitação. Por causa do mestrado tive que fazer aulas de francês e tive uma oportunidade de ir para Europa, coisa que nunca tinha imaginado.

Com muito custo defendi o mestrado e logo em seguida consegui um trabalho como professora. Registro que durante todo mestrado eu trabalhava e conciliava os estudos com jornada de 40 horas semanais. Bom, voltado para minha experiência docente, era em faculdade que fica 87 km do lugar que morava, na cidade de _____. O meu primeiro dia de aula eu tremia, me arrumei como se fosse para tribunal, e dava uma aula com muita insegurança. Sempre fui muito tímida e me perguntava por que eu inventei isso para minha vida. Eu fazia terapia e minha terapeuta foi fundamental para eu persistir. A aula que planejava dar em 1h15min eu falava com 25 min, parecia uma eternidade. Eu achava que os alunos me odiavam, até que a coordenadora me chamou para dar mais uma disciplina na turma que lecionava. Ela disse que os alunos gostavam de mim. Eu estranhei porque até então nunca tinha tido manifestações E foi assim dando aula, meus alunos queriam me ensinar a dar aula. Eu sendo barrada na portaria porque não parecia professora. E a justificativa era que não tinha jeito, talvez o que queriam falar é que não tinha a branquitude do corpo docente.

E tenho que fazer uma observação, eu gosto de atividade físicas, coloquei silicone e muitas vezes eu era referida com a professora bonitona, a sarada etc. E acho que isso de ser bonitona me facilitou o acesso aos lugares. Não tinha outras mulheres negras comigo, eu era a única e não acho que foi sorte ou porque era mais competente, mas sim porque meus traços e características físicas eram mais tolerados nesses espaços. Dei aula em várias instituições de

ensino e me acostumei a já chegar e de cara me apresentar: sou professora, para não ser barrada na portaria ou na sala dos professores, para não ter empréstimos de livros negados e tantas outras coisas porque eu não tinha jeito de professora.

Em 2023 fui dar aula na _____, instituição que me formei, trabalhei em duas unidades uma na zona sul de _____ e outra na periferia. Na zona sul algumas poucas alunas falam da importância de ter um corpo negro na docência. Uma aluna falou: professora ter você aqui me inspira, eu achava que psicologia era só para brancos. Na outra unidade, eu me sentia celebridade, várias alunas me procuravam e agradeciam. Um dia uma aluna me contou que no começo do semestre elas e as amigas deram foram me ver, porque ficaram sabendo de uma professora preta e elas queriam me conhecer. Nesse ano, fui paraninfa de uma turma que me quando me fizeram convite falaram da importância que tive em ser a única professora negra que tiveram.

Eu confesso quem nem sempre sei lidar com isso, eu acolho minhas alunas com todo amor, mas ainda tenho dificuldade de falar de denunciar as questões raciais nas instituições de ensino, porque em grande parte delas eu sou a única. A única professora preta. Então, você me perguntou sobre meus interesses pessoais, eu gosto de atividade física, gosto de escutar funk e pagode (diferente dos meus colegas docentes, principalmente os homens), amo rap e hip hop dos EUA, principalmente porque tem várias mulheres negras, gosto de ler e amo comer. O meu Instagram não é profissional ele é pessoal, coloco foto do corpo de academia, coloco coisas engraçadas, algumas críticas a sociedade, mas é eclético e uma vez uma aluna falou que estava decepcionada com meu Instagram porque não era de Psicologia como de outros professores. Porque não sou igual aos outros professores e ela não entendeu isso, porque eu sou uma mulher com uma trajetória totalmente diferente dos outros. Eu tento ser autêntica, mas moderando para sobreviver na lógica do capitalismo e na precarização do trabalho. O meu estilo de ser docente é com flexibilidade para entender a realidade dos meus alunos (porque no nosso país quem estuda em faculdade privada é a classe trabalhadora), então não tenho discurso elitista tal como meus colegas que são da classe média, eu uso bom humor porque eu acredito que algumas coisas são mais aceitas (ainda que tragam verdades doloridas) quando ditas de maneira mais leve.

E por fim, mando um trecho que li muitos anos atrás (quando não tinha tanta leitura racial) e que hoje sinto que me representa tão bem: Você não queria me ver quebrada? Cabeça curvada e olhos para o chão? Ombros caídos como as lágrimas, minha alma enfraquecida pela

solidão? Meu orgulho o ofende? Tenho certeza de que sim porque eu rio como quem possui Ouros escondidos em mim.

Finalizando, eu vejo que hoje logo na minha vez de ser docente (risos) é que tem precarização maior do trabalho. Infelizmente, acho que tem tido mais professores que vieram das camadas populares nas faculdades porque as condições de trabalho estão piores do que anos atrás. Ou seja, só deu espaço para os pobres porque a elite branca não quer mais essas condições de trabalho.

A democratização do ensino superior veio acompanhada de um descaso com a qualidade dessa formação, é um sucateamento. São turmas cheias, com exigências de trabalho para os professores que não são remuneradas. É um trabalho precário que a elite não quer. Aí vem os professores bolsistas, das políticas públicas, porque antes quando era bem remunerado, com boas condições de trabalho nós não tínhamos acesso a essas possibilidades. Obrigada pelo convite de participar da sua pesquisa. Me fez pensar em tantas coisas. Sucesso no seu trabalho.

“Dei aula em várias instituições de ensino e me acostumei a já chegar e de cara me apresentar: sou professora, para não ser barrada na portaria ou na sala dos professores, para não ter empréstimos de livros negados e tantas outras coisas”.

Sentimentos/Afeição

- Emoção ao ler a carta
- Orgulho e realização ao lecionar e inspirar alunas negras
- Alegria e acolhimento no relacionamento com estudantes
- Dificuldade em lidar com reconhecimento racial nas instituições
- Persistência através da terapia

Experiências Profissionais

- Mestrado em educação, marcado por orientação abusiva
- Experiência docente em múltiplas instituições
- Primeira aula marcada por nervosismo
- Docência com estilo flexível, atento à realidade dos alunos
- Precarização do trabalho docente e aumento do acesso de professores de classes populares
- Acredita que a sexualização do corpo negro lhe rendeu certas oportunidades

Racismo/Representatividade

- Reconhecimento do racismo velado na vida e na carreira= experiência marcada por raça, gênero e classe
- Primeira mulher negra na família, contexto de rejeição familiar e comentários racistas
- Falta de professores negros no curso
- Necessidade de se afirmar como professora para não ser barrada ou desqualificada onde pisa os pés para trabalhar
- Impacto positivo em alunas negras
- Conscientização sobre espaço limitado para pessoas negras nos cursos e instituições = barreiras estruturais

Conexões Pessoais/Familiares

- Filha de mãe preta e pai branco= vivência de rejeição familiar por raça
- Terapia como suporte fundamental
- Interesses pessoais: atividade física, música (funk, pagode, rap, hip hop), leitura, alimentação= identidade além da docência
- Moderação da autenticidade pessoal na docência = equilíbrio entre sobrevivência e expressão pessoal

Escrevivências de Fátima, 32 anos

Oi Mariana, me chamo Fátima, nascida, criada e residente em _____, capital da _____. Sou uma mulher negra, de pele clara, tenho 1,58cm de altura, cabelos cacheados e um corpo gordo. Sou a terceira filha de minha mãe, a única mulher e a mais nova da família. Minha mãe é uma mulher branca de meia idade, que nos criou praticamente sozinha. Meu pai é um homem negro, que foi bastante ausente e hoje não nos relacionamos mais. Sempre fui considerada à estudiosa da família.

Nos estudos, revezei entre escolas públicas e privadas, quando a minha mãe conseguia pagar, pois ela sempre fez o que podia e não podia para tentar me proporcionar a melhor educação possível. Fiz a graduação na _____, na mesma cidade onde sempre residi. Foi um alívio conseguir passar no vestibular e conseguir continuar os meus estudos. No Ensino Médio tinha muito medo de não conseguir passar, pois sabia que não conseguiria fazer numa instituição privada, por não ter condições de pagar e me preocupava em ter que trabalhar em empregos mais precarizados.

Entre na graduação em 2010. Foi difícil, me deparei com uma realidade muito diferente da minha. Os professores eram rígidos e por muito tempo não me identifiquei com as disciplinas, colegas de turma e discussões. Fiz seleção para projetos de extensão a partir do segundo período, no terceiro período entrei num grupo de pesquisa e extensão voltado para discussão do sistema prisional. Passei a gostar muito da extensão, trabalhei a graduação quase inteira em projetos de extensão e pesquisa. Foi nesse espaço que a minha vivência enquanto mulher negra e pobre passaram a se evidenciar. Eu era sempre uma das mais comprometidas, presentes, participativa, estava sempre com muitas responsabilidades, mas nos momentos em que surgiam bolsas, ficavam com as discentes brancas. Lembro que sentia muita raiva na época de atribuição de bolsas, pois, sempre quem ficava com as bolsas eram pessoas brancas e em situações economicamente muito melhores que as minhas.

Apesar de gostar muito da pesquisa e extensão, não via a carreira acadêmica como possibilidade, pois, não achava que pertencia àquele lugar apesar de ter me esforçado tanto em toda a minha trajetória. Concluí a graduação em 2014. Dei continuidade com a modalidade licenciatura, e em 2015 ingressei no Mestrado. A pós-graduação nunca foi um sonho meu, foi algo que fui me aproximando após adentrar em grupos de pesquisa e extensão durante a graduação. Não me via como professora.

Adorava a Psicologia Social e Políticas Públicas. Um dos meus sonhos lá em 2014 era passar num concurso e trabalhar num CAPS, ou instituição voltada à garantia de direitos. Aqui na minha cidade é difícil ter concurso público e as seleções para trabalhar nesses espaços são bem fechadas. Então, ao terminar a graduação tentei concursos em outras cidades e não consegui passar. Assim, como tinha essa trajetória com grupos de pesquisa, decidi tentar o mestrado na _____. Sendo que dessa vez, com outra professora, que não conhecia muito, mas gostava dos temas de pesquisa do núcleo que ela coordenava.

O mestrado foi uma experiência incrível, consegui pesquisar políticas públicas, participar de atividades de extensão, formação de profissionais, organização e publicação de livros, enfim, tive muitas oportunidades de vivenciar várias experiências da vida acadêmica. Foi bom e importante. No entanto, a escrita da dissertação foi bem complicada, minha orientadora era muito rígida e com a quantidade de atividades que eu estava envolvida foi difícil construir o trabalho final. Por muito tempo não tive uma boa relação com o trabalho que desenvolvi na época. Hoje entendo que fiz o que foi possível.

No mestrado também tive o meu primeiro contato com a sala de aula enquanto professora, foi uma experiência desafiadora. Me sentia muito insegura em relação à minha capacidade de ministrar uma aula, considerava a minha orientadora muito experiente, parecia que ela sabia de todas as coisas, e eu tinha muito medo de ser lida como uma pessoa que sabia muito pouco. Mas apesar dos medos, fiz o estágio docência junto com outras colegas, ambas mulheres negras, uma doutoranda e uma monitora, com as quais aprendi e me fortaleci muito. No mestrado passei pela transição capilar, e as amizades que fiz foram muito importantes para conseguir passar por esse momento.

Tive uma relação difícil com a minha orientadora, como ela era muito exigente, era difícil sentir que fazia um bom trabalho na escrita acadêmica. Os demais trabalhos na coordenação e participação dos projetos de extensão eram mais tranquilos. Mas na escrita senti muita dificuldade e me questioneei bastante. Mas o mestrado passou rápido, na época acho que não tive nem tempo para elaborar o que sentia até o momento da defesa. Antes da defesa, teve a seleção do doutorado, que eu pretendia continuar, mas não consegui passar por conta das demandas dos projetos no mestrado e mal tive tempo para finalizar a dissertação. Quando não passei na seleção do doutorado fiquei muito frustrada, mas continuei participando do grupo de pesquisa ao longo do ano de 2017.

Fiz várias seleções para vagas de trabalho, como professora e psicóloga, mas não consegui passar. Foi um ano muito difícil, me senti muito frustrada. No início de 2018, passei

numa seleção para trabalhar numa empresa privada como formadora de professores no campo da educação socioemocional. Também fiz a seleção do doutorado, sem muitas expectativas e acabei passando. Vivi um dilema, pois naquele momento o doutorado já não fazia mais sentido para mim, queria trabalhar, sair da academia, mas acabei me matriculando, pois tinha medo de fechar as portas com a minha orientadora, que era a mesma do mestrado. Fiz o primeiro semestre do doutorado trabalhando nesse outro emprego. Mas em agosto de 2018 surgiu uma bolsa e decidi sair do trabalho e me dedicar ao doutorado, no programa que eu estava não podíamos trabalhar e receber bolsa, então, era difícil conciliar o doutorado com outras atuações. Recebíamos muita pressão para não trabalhar e fazer o doutorado com bolsa. Era difícil.

Em setembro de 2018 iniciei um novo estágio docência, que precisei fazer 2 semestres seguidos. Foi bom, pois acompanhei a mesma turma em dois semestres e foi uma experiência que me fortaleceu bastante na docência. Naquele momento via à docência como o caminho a ser seguido. Acreditava que fazia sentido trabalhar na construção de uma formação mais crítica na Psicologia. Participei de bancas de TCC e vários eventos que tinha interesse. O curso onde fiz toda a minha formação (graduação, mestrado e doutorado) era, e ainda é, bastante conservador, os professores, em sua maioria eram brancos e de classe média. Me lembro de 2 professores negros, mais velhos e um pouco distantes. Não havia discussão de classe, raça e gênero. Não conseguia me identificar com a Psicologia que me foi ensinada. Por isso, entendia que ser professora, discutir a construção de uma Psicologia crítica era algo que me motivava bastante.

Mas ao mesmo tempo, no doutorado vivi um período muito difícil de cobranças e discordâncias com a minha orientadora, que era uma mulher branca de meia idade e de classe média. Sentia que lutava muito para conseguir ser ouvida e compreendida por ela na construção da minha tese. Ela estava sempre discordando e direcionando o meu trabalho de acordo com o que ela achava que eu deveria fazer. Passei quase um ano inteiro defendendo o que eu gostaria de estudar e construindo o meu projeto até ela aceitar o caminho que eu queria fazer. Sentia que ela nos tratava de forma muito dura e não havia espaço para questionamentos. Algumas vezes eu questionava algumas decisões impostas, mas me sentia muito sozinha, pois a maioria dos colegas de núcleo não a questionavam também. Foi um período difícil, enfrentei uma grande desmotivação relacionada ao doutorado.

Em 2020, veio a pandemia, o que dificultou ainda mais as relações de trabalho. Foi um ano que me dediquei a enfrentar e nomear as minhas dores enquanto uma mulher negra na academia. Lembro que escrevia sobre isso e postava numa rede social. Foram tempos difíceis

para todas nós né? Segui caminhando como deu. Em 2022 passei numa seleção para professora numa IES privada em outra cidade e estado, a carga horária era baixa, mas como estava próximo de defender o doutorado, aceitei o emprego. Foi uma experiência muito difícil.

Comecei lecionando disciplinas que não gostava, o que dificultou bastante o início desse processo. Sentia muito medo de ser lida como incompetente. Tive que estudar e elaborar muitas aulas e materiais, lidar com os estudantes que estavam retornando as aulas pós pandemia, me enturmar com a equipe de professores, coordenação do curso, gestão do curso e com as viagens semanais de aproximadamente 1000km. Foi um processo difícil, mas também consegui fazer algumas amizades, o que ajudou bastante a me manter nesse espaço.

Um dos meus maiores desafios na sala de aula, foi ministrar a disciplina de Psicologia Jurídica no curso de Direito, me deparei com dezenas de estudantes conservadores, que queriam aprender a classificar pessoas como psicopatas e me senti muito sozinha ao conduzir a disciplina numa perspectiva crítica e embasada nos direitos fundamentais de todas as pessoas, que ironia né? Certo dia, um estudante viu uma das tatuagens que eu tinha e comentou o seguinte “professora, a senhora gosta dessas coisas é?”. Sempre tentei lidar com tudo isso sem demonstrar que me afetava na frente deles, mas tinha dias que eram mais difíceis.

Depois dessas aulas, voltava para casa desmotivada e exausta. Mas conseguia desabafar com as amigas que fiz e que me sentia acolhida: 2 professoras do curso de psicologia e 1 de nutrição, mas ela faz questão de se intitular como sanitarista e não nutricionista. Uma das professoras do curso de Psicologia, era formada em Serviço Social, isso nos aproximou bastante e a outra psi também era uma mulher negra, nossa amizade se construiu de forma muito rápida e natural. Nos tornamos referência uma para outra e assim nos fortalecemos muito no nosso trabalho. Com os demais professores do curso de Psicologia a relação era complicada, todos os outros eram professores/as brancos/as, com exceção de um professor negro, mas que era completamente embranquecido e reforçador da lógica produtivista, competitiva e positivista.

Vivia cercado de pessoas brancas e reproduzia posturas e falas misóginas e racistas. A equipe de docentes era bem jovem, mas carregada de egos e disputas por cargos, status, horas e salários. Na instituição não tínhamos incentivo à pesquisa, extensão e formação. Quando havia espaços formativos, disputávamos para debater temas críticos e relevantes. O clima institucional era machista e racista. No primeiro semestre, recebi um retorno negativo em uma das disciplinas, o que me fez questionar bastante a continuidade do processo, pensei em desistir, mas acabei continuando, consegui desenvolver boas relações com os estudantes e alguns professores, mas enfrentei muitos desafios com a gestão e demais professores.

Com o tempo, a sala de aula foi se tornando mais leve, consegui ministrar disciplinas mais próximas dos temas que gosto e estudo, me tornei coordenadora de estágio e depois do curso, fui convidada pelo NDE para cumprir a licença maternidade da então coordenadora. Não consegui dizer não, na verdade não me foi dado muitas opções naquele momento, me senti numa emboscada. A coordenação estava muito desorganizada, precisei fazer muitas coisas, trabalhei muito. A antiga coordenadora, uma mulher branca, mais jovem do que eu, não havia feito o básico que era necessário, mas sempre postava mil coisas nas redes sociais da instituição. Já eu, nunca me senti confortável em fazer isso, além de trabalhar muito e me vê sem tempo para postando coisa.

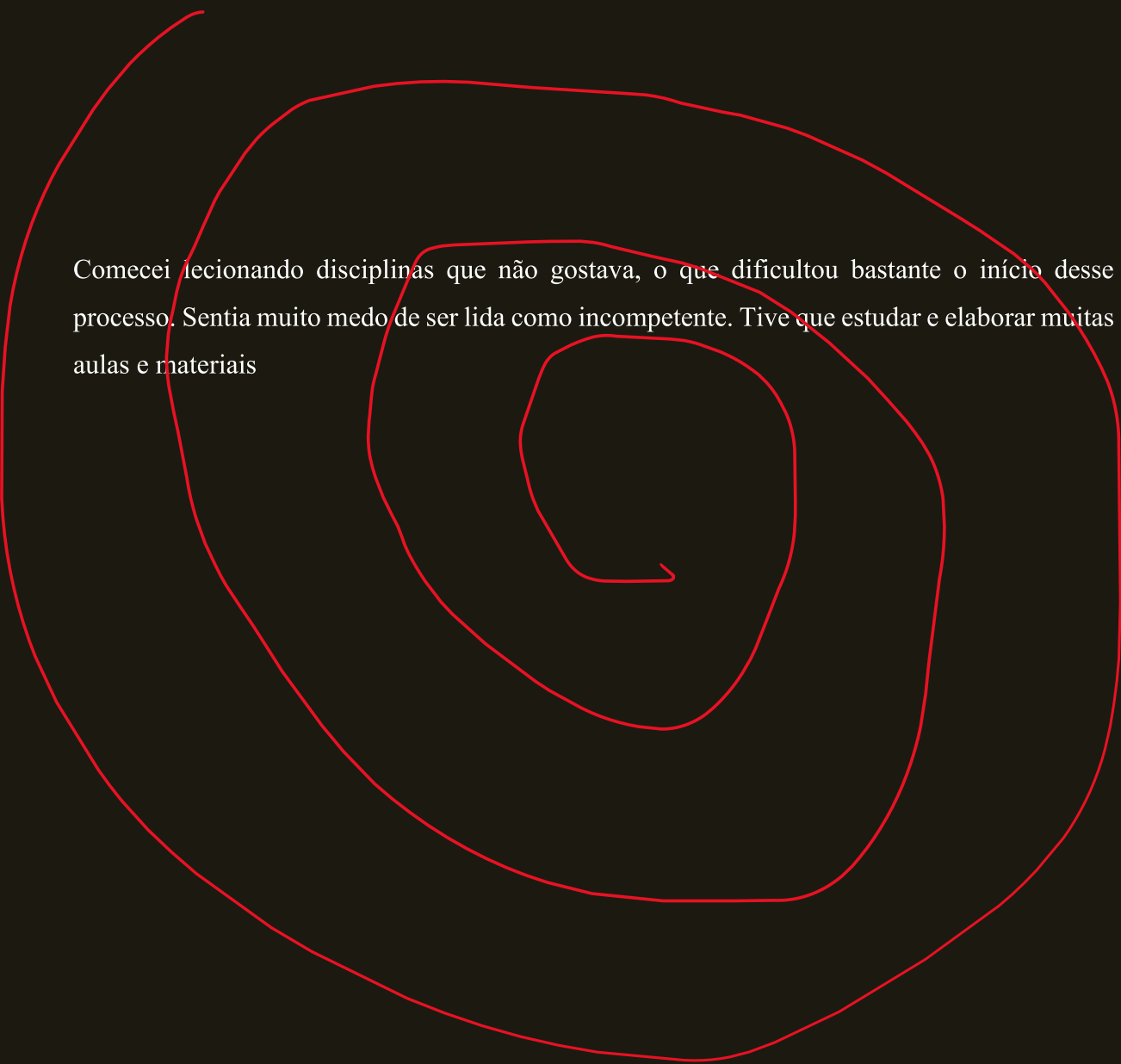
No último semestre enfrentei uma visita do MEC, um dos momentos mais difíceis desse processo, pois, me deparei com politicagens institucionais que me fizeram desistir do trabalho um tempo depois. Fiz terapia e compreendi que por mais que gostasse e me identificasse com a docência, exercer essa profissão naquele espaço não estava me fazendo bem. Estava trabalhando cerca de 10 horas por dia, estressada, cansada e perdendo momentos perto da minha família e pessoas que gostava para me dedicar ao trabalho. Depois de debater muito esse tema em terapia, consegui pedir demissão em janeiro de 2024. Foi um momento muito difícil, pois, acreditava na potência do meu trabalho, recebi muitos feedbacks positivos da gestão, discentes e amigos.

Conheci algumas pessoas muito queridas e alcancei um bom lugar financeiro. Mas estava muito desgastada física e mentalmente. Não me arrependo da minha decisão, voltei para casa e me dediquei, principalmente, a clínica particular e passei a ministrar alguns cursos independentes com alguns amigos. Sinto falta da docência sim, mas percebi que precisava me cuidar e como uma mulher negra nesses espaços, nosso bem-estar custa caro. Sonho com um futuro melhor para todas nós no mundo da docência e academia. Também merecemos ser cuidadas, respeitadas, valorizadas, acolhidas e escutadas. Penso em retornar à docência em uma instituição pública de ensino superior. Mas ainda me sinto desanimada com o contexto desses espaços, de sobrecarga, competição e invalidação. Ouvi dia desses de uma colega branca professora, que “estava muito difícil passar em um concurso, ainda mais agora com as cotas, que pessoas com notas inferiores estavam passando na frente”. Essa vaga que ela citou era uma vaga afirmativa para pessoas negras. Passei vários dias tristes e indignada. Lembrei de toda a minha trajetória na graduação e pós-graduação, da quantidade de discentes negros/as que estavam naquele espaço (pouquíssimos), nas dificuldades que passamos, nos acessos que não tivemos, nas invalidações e racismos que sofremos. Foi horrível acessar tudo isso novamente,

e principalmente, por ter vindo de uma pessoa, que até considerava uma aliada. Mas não me calei, falei para ela dos meus incômodos com a fala dela, ela não conseguiu reconhecer que foi racista e injusta. Porém, sinto que também ficou desconfortável ao ser questionada.

Espero que um dia essa realidade possa ser transformada e a universidade se torne um espaço confortável para todas nós. Agradeço o espaço de fala e construção, quando vi a sua pesquisa me senti convidada a falar para quem entende o nosso lugar e está disposta a pensar novos modos de fazer pesquisa.

Com carinho, Fátima.



Comecei lecionando disciplinas que não gostava, o que dificultou bastante o início desse processo. Sentia muito medo de ser lida como incompetente. Tive que estudar e elaborar muitas aulas e materiais

Sentimentos / Afeição

- Medo, ansiedade e preocupação com desigualdade de acesso à educação.
- Frustração e raiva por injustiças na concessão de bolsas e oportunidades.
- Insegurança e autocrítica durante a docência e escrita acadêmica.
- Orgulho e sensação de pertencimento ao conquistar espaços acadêmicos.
- Exaustão física e mental, devido as condições de trabalho docente, mas também amor-próprio e cuidado pessoal.

Experiências Profissionais

- Graduação: participação em projetos de pesquisa e extensão, engajamento com políticas públicas.
- Mestrado: primeira experiência docente, desafios com escrita acadêmica e orientação rígida.
- Doutorado: conciliação com trabalho, pressão institucional, fortalecimento na docência.
- Docência em IES privadas: ensino de disciplinas variadas, coordenação de estágio, experiências de gestão e visitas do MEC.
- Cansaço, pausa na carreira

Racismo / Representatividade

- Percepção de desigualdade racial na concessão de bolsas e oportunidades acadêmicas.
- Professores e colegas brancos em sua trajetória = sentimento de não pertencimento.
- Experiências de microagressões e comentários racistas ou de desvalorização da trajetória afirmativa.
- Fortalecimento de redes de apoio com mulheres negras na academia.
- Reflexão sobre a necessidade de transformação das instituições para inclusão e valorização de docentes negras.

Conexões Pessoais / Familiares

- Relação central com a mãe, que se esforçou para oferecer educação de qualidade.
- Ausência do pai e vínculo limitado com ele.
- Apoio de colegas e amigas, especialmente mulheres negras, no enfrentamento das dificuldades acadêmicas e profissionais.
- Relação afetiva e emocional com alunos, tentando ser referência e inspiração.

Oi, Mariana. Feliz em conseguir ler um pouco da sua história, das suas narrativas e reflexões. Confesso que chorei lendo sua carta e pensando sobre minha trajetória. Eu diria que o convite à sua pesquisa chegou em um momento oportuno, onde escrever sobre isso já tem sido, por si só, terapêutico. Bom, vamos lá, né? sou natural do _____ e concluí a graduação em Psicologia no final de 2021 pela _____.

Desde a graduação, tive dificuldade em me visualizar em uma prática profissional específica. No entanto, algo que sempre me despertou interesse foi o campo acadêmico-científico: a pesquisa e à docência. Assim, minha trajetória profissional foi muito focada na construção daquilo que eu precisava fazer para alcançar esse então sonho. Algo que eu nunca tinha reparado — e, claro, só fui perceber depois que mudei de estado — era a riqueza das possibilidades que eu tinha ali, no _____.

Tive vários professores negros, mas, claro, ainda eram minoria. Tive a oportunidade de estudar sobre relações étnico-raciais, a atuação da psicologia com povos indígenas e quilombolas, além de vivenciar experiências antropológicas que foram extremamente ricas para mim, como visitas de campos a aldeias. Meu grande desafio veio quando decidi fazer o mestrado. Como a _____ não tinha um programa de pós-graduação em Psicologia, eu sabia que precisaria buscar fora. Só que sair do meu estado também significava estar longe das minhas origens, das coisas não ditas, mas que contribuíam para aquilo que me gerava pertencimento.

É nesse momento, Mariana, que começo a me deparar com um mundo muito mais amplo, cheio de desafios e atravessamentos. No mestrado, professores negros eram minoria, mas, dessa vez, eram uma minoria ainda mais evidente, sabe? Estou falando, então, de alguém que saiu da região Norte do país para a região Sudeste. Acredito que esse demarcador é ainda mais significativo, porque fala de processos históricos, coloniais. Enfim. Falar sobre alguns assuntos acontecia apenas em datas comemorativas, como o Novembro Negro, ou quando algum coletivo específico trazia a pauta. Estou falando de um ambiente embranquecido, onde o aquilombamento se fez necessário.

Sair do meu território de origem me fez perceber coisas que eu não queria ter enxergado, a começar por estar em um grupo de pesquisa onde eu era a única pessoa negra. Depois disso, comecei a enxergar as coisas de outra forma. Como diz Adélia Prado: "De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo." Percebi um processo bem maior de tomada

de consciência — e ser consciente dói. Te conto o porquê nas próximas linhas. E, claro, ciente de que estou tentando ser breve para já falar sobre minha experiência como docente.

Em 2024, finalizei minha dissertação de mestrado e, em agosto do ano passado, tive a oportunidade de, pela primeira vez — com exceção das experiências no estágio em docência —, pisar em uma sala de aula como professora responsável pela disciplina. O frio na barriga tomou conta de mim nas primeiras semanas. Ainda que eu soubesse, teoricamente, como preparar uma aula e lecionar, há coisas que sempre são novas e exigem adaptação. Na realidade, ainda me sinto em um processo constante e recíproco de aprender e reaprender, porque, a cada nova turma, surge um novo desafio. Há sensações e sentimentos, contudo, que vivo me questionando se outros professores também experienciam. Será que eles também têm medo de não serem bons o suficiente? É estranho pensar nisso, porque, em teoria, o esperado é que cumpramos o que está previsto na ementa e que os alunos consigam aprender os conteúdos, algo que conseguimos perceber nos processos avaliativos.

No fundo, sei que me questiono sobre isso por medo da desaprovação, de ser desvalidada... Outra coisa que me atravessa muito é o fato de eu ter 25 anos. As pessoas olham para mim e jamais acreditam que sou professora. Tento me convencer de que seja apenas uma questão de aparência, por parecer jovem, mas também me bate a angústia de que não seja apenas isso, e sim por ser uma mulher negra. Pensando nisso, passei a ir mais vezes de uniforme (blusa) e crachá, porque, sem isso, as pessoas pressupõem que sou estudante. Lembro de uma vez em que estava na sala dos professores. Naquele dia, resolvi ir de vestido longo e, na época, ainda não tinha crachá. Sentei e fiquei lendo um livro. Então, uma professora entrou, me olhou e perguntou se eu estava esperando alguém. Respondi que não. Ela ficou sem saber o que dizer e logo saiu. No fundo, eu sabia que ela estava se perguntando o que eu estava fazendo ali. Sim, o que uma mulher negra estava fazendo na sala dos professores? O bom de estar escrevendo isso aqui é porque sei que minha percepção não será desvalidada.

Quando a gente conversa sobre isso, acham que é balela, que essas coisas não existem mais. Mas sabemos que, no fundo, elas acontecem de forma sutil e continuam nos afetando. Passei a demorar para entender que, quando chegava mais cedo, eu ficava em um banquinho próximo da biblioteca, olhando para a natureza e esperando dar o meu horário. Eu estava mais fora do que dentro, porque, afinal, a sala dos professores estava ali, os lugares “reservados” estavam ali. E talvez isso partisse da minha dificuldade de me reconhecer como parte daquele lugar — no ser professora.

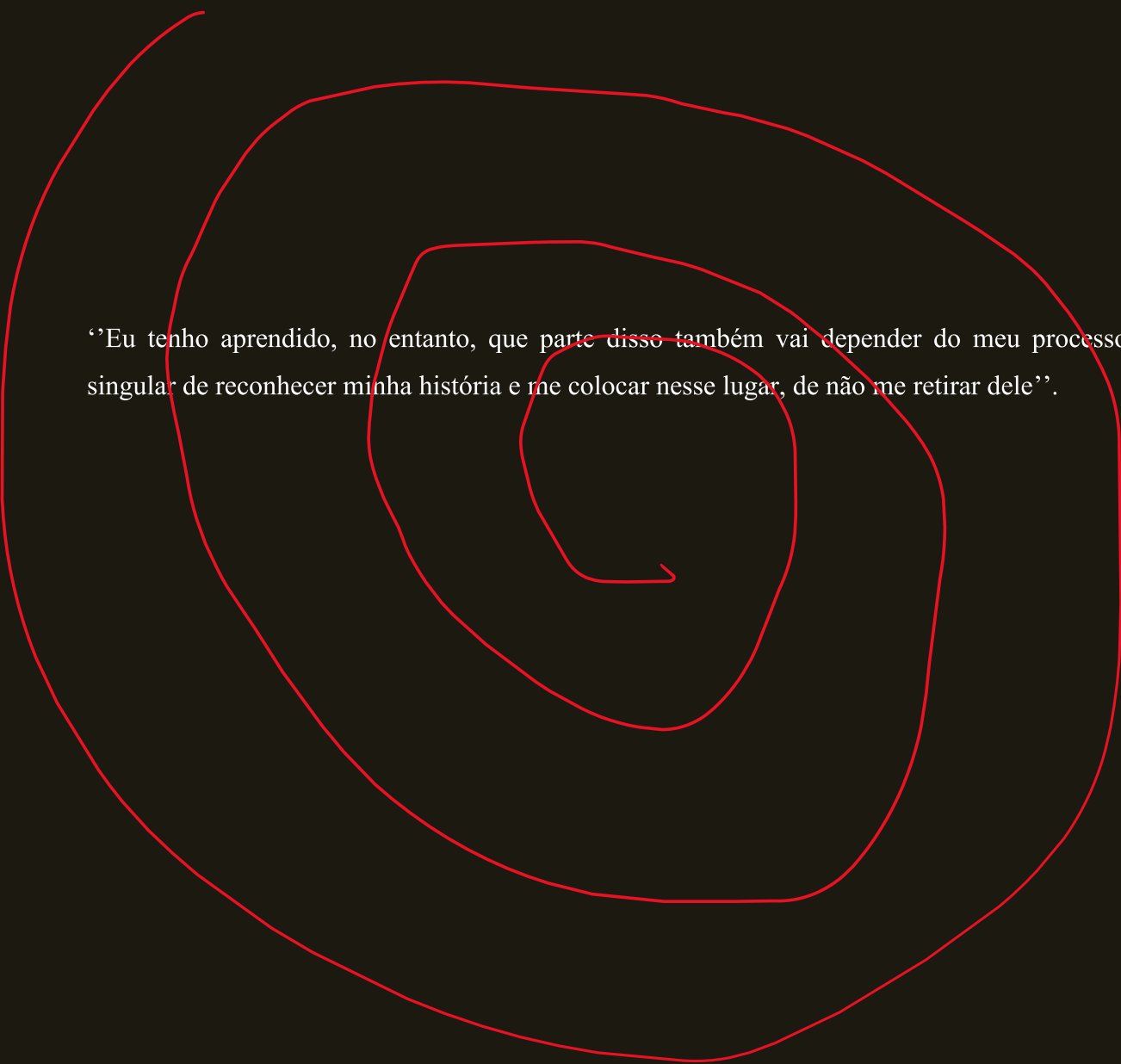
Eu tenho aprendido, no entanto, que parte disso também vai depender do meu processo singular de reconhecer minha história e me colocar nesse lugar, de não me retirar dele. Sei que nem sempre será confortável, mas continuo tentando porque percebo que, ao ocupar esse espaço, estou não só fazendo isso por mim, mas também pelos estudantes negros que estão comigo e pelos que virão. Sabe aquela frase: "Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer?" Pois é, é sobre isso.

Uma vez, uma aluna ficou muito surpresa (quase chocada) ao descobrir que eu ia de Uber para a faculdade. Fiquei pensando: em que mundo estamos em que ir de Uber se tornou algo "feito"? Ou será que isso tem a ver com as expectativas e idealizações que eles têm de nós, professores? Nesse momento, parei e refleti: é, eu não tenho carro, nem carteira de habilitação. A vida seguiu seu curso, e para mim, não passou da hora. Mas sei que, para muitos deles, ao completarem 18 anos, já têm seus próprios automóveis.

Este semestre, estou lecionando Antropologia e, para minha felicidade, tenho buscado trazer essa visão mais ampla, investigando a diversidade cultural, os marcadores de raça, gênero, e muito mais. Isso tem me dado energia e motivação para continuar avançando. Mas, Mariana, reafirmo: o meu maior desafio é tudo isso que vem de mim, aquelas coisas que parecem tão individuais, da ordem onírica, dos sentimentos — mas que, no fundo, não são. E se a gente não tomar cuidado, tudo isso pode virar um peso sobre nós mesmas, como se criássemos "problemas" que, na verdade, não existem. Mas, existem sim, historicamente.

Eu fiquei feliz lendo sua carta, porque assim percebo que não estou sozinha. Afinal, quantas outras mulheres negras, professoras de Psicologia, também estão por aí? Ficarei ainda mais contente se eu puder ler os resultados da sua pesquisa, e quem sabe isso se torne um livro autobiográfico sobre as histórias de professoras, mulheres negras na Psicologia. Siga firme.

Um abraço, Helena.



“Eu tenho aprendido, no entanto, que ~~parte disso também~~ vai depender do meu processo singular de reconhecer minha história e me colocar nesse lugar, de não me retirar dele”.

Sentimentos / Afeição

- Emoção ao ler a pesquisa e refletir sobre sua própria trajetória.
- Medo e insegurança em relação à docência, especialmente por ser jovem e mulher negra.
- Angústia por sentir-se desvalidada ou questionada em seu lugar como professora.
- Alegria e motivação ao perceber impacto positivo nos estudantes e energia ao lecionar com perspectiva crítica.
- Sentimento de pertencimento gradual e fortalecimento emocional ao ocupar espaços historicamente embranquecidos.

Experiências Profissionais

- Graduação: vivência acadêmica com professores negros, estudo sobre relações étnico-raciais, psicologia com povos indígenas e quilombolas.
- Mestrado fora do estado: enfrentou desafios de deslocamento e adaptação a um contexto acadêmico mais embranquecido.
- Experiência docente: primeira disciplina como responsável, desafios de adaptação, preparo de aulas e avaliação de estudantes.
- Ensino de Antropologia: inclusão de temas de diversidade cultural, raça, gênero e críticas sociais.

Racismo / Representatividade

- Observa a minoria de professores negros, tanto na graduação quanto no mestrado.
- Experiências de desconfiança e olhares atravessados em relação à sua presença como professora negra jovem.
- Reflexão sobre discriminação sutil e histórica, reconhecendo padrões estruturais que atravessam o ambiente acadêmico.
- Reconhecimento da importância de “aquilombamento” como estratégia de resistência e pertencimento.

Conexões Pessoais / Familiares

- Distância geográfica do estado natal impactou sensação de pertencimento e conexão com origens.
- Preocupação e motivação por estudantes negros atuais e futuros, entendendo o valor do seu lugar enquanto referência.
- Fortalecimento pessoal ao perceber que não está sozinha em sua trajetória, conectando-se com outras mulheres negras professoras

CONFLUÊNCIAS

Depois de ler as cartas e muito pensar e sentir, é hora de expor aquilo que se sobrepõe, que se liga, que se mistura, no meio de nós, do eu e de nós novamente. Existem pontos em comum nas histórias aqui contadas. Por isso “confluências”. Que significa que a direção está no mesmo ponto. Existe uma afluência ali, como o mar talvez. Existem correntes profundas como a luta, a dor e a ancestralidade, mas em cada carta elas se manifestam com cores e sons próprios, compondo um oceano vivo de afetos e resistência. Nada aqui é estanque: é fluxo, é água que insiste em bater na pedra, é sal que arde e conserva.

As cartas, em sua singularidade, não se fecham em identidades rígidas: elas escapam, atravessam e se conectam em pontos de intensidade. Nessas superfícies de escrita, linhas se encontram sem perder o traço próprio, compondo uma cartografia que não é mapa fixo, mas fluxo, com fluxos, com fluências. São vozes que, ao mesmo tempo que falam de si, ressoam no coletivo; são afetos que saltam da experiência e se agenciam em múltiplas direções. O que emerge não é unidade, mas um campo vibrátil de sentidos, onde temas se reiteram como ecos: a luta pelo reconhecimento, as feridas do racismo, a força da ancestralidade, o corpo que insiste em existir, as brechas de cuidado e resistência.

Eu poderia seguir outro caminho aqui, mais analítico talvez, segmentando as falas em categorias rígidas, com construções de quadros, por exemplo, mas essa não é a proposta. Não se trata de reduzir a potência dessas escrevivências a códigos fixos. A escolha é pelo movimento, pelo rizoma, pelo fluxo que escapa ao enquadramento: uma leitura que aceita o mar como mar, sem tentar contê-lo em recipientes estáveis

Se as confluências nos mostram um mar compartilhado, as intensidades revelam suas marés, suas ondas que batem e retornam em diferentes ritmos. Cada carta carrega forças que não são apenas ditas, mas sentidas: pulsações, vibrações, ecos. É nessa dimensão que surgem as ressonâncias, aquilo que não se fixa, mas reverbera entre corpos, tempos e histórias. Agora, não se trata mais apenas de ver por onde as águas se encontram, mas de ouvir o som que fazem ao se chocar, perceber as linhas de força que percorrem esse oceano de escrevivências.

1) SENTIMENTO/ AFEIÇÃO

A) Afetos positivos pela docência: Algumas professoras expressam amor ou encantamento pela profissão, mesmo diante das dificuldades.

“Amo lecionar, apesar de todos os desafios, dificuldades, dos alunos chatos que ficam querendo me testar. Porém ainda luto com o medo de prestar concurso para professora de federal”. (Escrevivência de Maria).

“A sala de aula é um lugar que me deixa confortável. Gosto da interação com as/os estudantes e da sensação de poder ser algum tipo de referência para as/os pretas e pretos que estão ali”. (Escrevivência de Carolina).

B) Orgulho e esperança: A sensação de resistência e de construção de algo significativo aparece repetidamente.

“Posso ser um pouco otimista, mas nunca penso na desistência, por mais doloroso que seja, acho, por acreditar na alteridade, que sempre posso fazer a diferença na vida de alguém, que posso quebrar e desconstruir paradigmas que posso fazer enfiamentos” (Escrevivência de Regina).

“Espero que um dia essa realidade possa ser transformada e a universidade se torne um espaço confortável para todas nós”. (Escrevivência de Fátima).

“Eu tenho aprendido, no entanto, que parte disso também vai depender do meu processo singular de reconhecer minha história e me colocar nesse lugar, de não me retirar dele”. (Escrevivência de Helena).

C) Ambivalência: Embora haja paixão pelo ensino, existe dor, cansaço e sentimento de luta constante.

“Sei que nem sempre será confortável, mas continuo tentando porque percebo que, ao ocupar esse espaço, estou não só fazendo isso por mim, mas também pelos estudantes negros que estão comigo e pelos que virão”. (Escrevivência de Helena).

“Apesar de me dar bem com todo mundo, a sala de aula é sempre um lugar de angústia. Sempre fico tensa para ocupar esse lugar. Às vezes a síndrome da impostora me ataca e eu preciso respirar fundo e seguir em frente”. (Escrevivência de Maria)

“Sonho com um futuro melhor para todas nós no mundo da docência e academia. Também merecemos ser cuidadas, respeitadas, valorizadas, acolhidas e escutadas. Penso em retornar à docência em uma instituição pública de ensino superior. Mas ainda me sinto desanimada com o contexto desses espaços, de sobrecarga, competição e invalidação”. **(Escrevivência de Fátima).**

“Aquele medo de não conseguir sempre me perseguiu apesar da convicção de que conseguiria, você entende este antagonismo? Saber ser capaz, mas ter medo de não ser?” **(Escrevivência de Regina).**

“O racismo ainda se faz presentes todos os dias, mas hoje eu já consigo compreender, como várias mulheres negras em que me inspiro a escolher quais lutas eu quero seguir”. **(Escrevivência de Carolina).**

“Posso ser um pouco otimista, mas nunca penso na desistência, por mais doloroso que seja, acho, por acreditar na alteridade, que sempre posso fazer a diferença na vida de alguém, que posso quebrar e desconstruir paradigmas que posso fazer enfiamentos”. **(Escrevivência de Regina).**

2) EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

A) Desafios estruturais: Quase todas relatam dificuldades no contexto educacional (falta de recursos, desvalorização da profissão, isolamento).

“Com a democratização do ensino superior veio acompanhada de um descaso com a qualidade dessa formação, é um sucateamento. São turmas cheias, com exigências de trabalho para os professores que não são remuneradas. É um trabalho precário que a elite não quer”. **(Escrevivência de Júlia).**

Há sensações e sentimentos, contudo, que vivo me questionando se outros professores também experienciam. Será que eles também têm medo de não serem bons o suficiente? **(Escrevivência de Helena).**

“Fiz terapia e compreendi que por mais que gostasse e me identificasse com a docência, exercer essa profissão naquele espaço não estava me fazendo bem. Estava trabalhando cerca de 10 horas por dia, estressada, cansada e perdendo momentos perto da minha família e pessoas que gostava para me dedicar ao trabalho. Depois de debater muito esse tema em terapia, consegui pedir demissão em janeiro de 2024. Foi um momento muito difícil, pois,

acreditava na potência do meu trabalho, recebi muitos feedbacks positivos da gestão, discentes e amigo''. **(Escrevivências de Fátima).**

''Uma turma chegou a fazer um abaixo assinado para me tirar do curso, o tal documento tinha palavras horríveis sobre mim que me feriram muito. Diziam que eu não tinha competência, não tinha domínio do conteúdo''. **(Escrevivência de Maria).**

B) Autonomia e criatividade e transformação pelo ensino: Há recorrência da busca por práticas pedagógicas significativas, metodologias próprias e inovação.

''Eu tento ser autêntica, mas moderando para sobreviver na lógica do capitalismo e na precarização do trabalho''. **(Escrevivência de Júlia).**

''Fiz amizade com alunos com os quais tenho contato até hoje. Pude trabalhar a temática do racismo e do gênero com muito mais segurança. Algumas alunas negras me dizem que eu sou uma inspiração. É muito bom inspirar as pessoas''. **(Escrevivência de Maria).**

''Acreditava que fazia sentido trabalhar na construção de uma formação mais crítica na Psicologia. Participei de bancas de TCC e vários eventos que tinha interesse ''. **(Escrevivência de Fátima).**

''Este semestre, estou lecionando Antropologia e, para minha felicidade, tenho buscado trazer essa visão mais ampla, investigando a diversidade cultural, os marcadores de raça, gênero, e muito mais. Isso tem me dado energia e motivação para continuar avançando''. **(Escrevivência de Helena).**

''O meu estilo de ser docente é com flexibilidade para entender a realidade dos meus alunos (porque no nosso país quem estuda em faculdade privada é a classe trabalhadora), então não tenho discurso elitista tal como meus colegas que são da classe média, eu uso bom humor porque eu acredito que algumas coisas são mais aceitas (ainda que tragam verdades doloridas) quando ditas de maneira mais leve''. **(Escrevivência de Julia).**

3) RACISMO/REPRESENTATIVIDADE

A) O existir enquanto mulher negra: A negritude como elemento estruturante das experiências, influenciando percepções, afetos e posicionamentos no campo profissional.

“Nesse ano, fui paraninfa de uma turma que me quando me fizeram convite falaram da importância que tive em ser a única professora negra que tiveram.” (Escrevivência de Julia).

“Eu sendo barrada na portaria porque não parecia professora. E a justificativa era que não tinha jeito, talvez o que queriam falar é que não tinha a branquitude do corpo docente”. (Escrevivência de Julia).

“Sim já fui confundida com mães e funcionárias de locais onde estive, mas sempre pensei que devo ocupar os lugares que ocupo e não deixo de frequentá-los, por qual motivo devo facilitar para o outro a incompreensão do meu pertencimento nestes locais, por que me incomodar com o incomodo que é do outro”? (Escrevivência de Regina).

“A preocupação é recorrente, no estudo do que me proponho, não gosto de deixar brechas e, muitas vezes, repasso em minha cabeça as várias situações de questionamentos que posso enfrentar numa apresentação, em uma aula, em uma pesquisa que podem me desqualificar, no trabalho em que muitas vezes estive em cargos de chefia, pois trabalho em uma secretaria de educação, não me permito deixar fios soltos”. (Escrevivência de Regina).

“Sim, me preocupo com as vestimentas adequadas e com meu cabelo, que hoje entendo, que muitas vezes o camuflei com coques, penteados e química”. (Escrevivência de Regina).

“Sobre as/os colegas procuro manter uma boa relação. Eu me sinto diferente, sobretudo quando mudo de cabelo, ou utilizo algum elemento que “grite” uma negritude, porque os olharem mudam para aquela ideia do “diferente”, e indiretamente, melhor que o cabelo natural”. (Escrevivência de Carolina).

“A minha dificuldade não era escrever, mas sim falar em público. Apresentar trabalho naquele espaço no qual eu era o único corpo negro era muito difícil” (Escrevivência de Maria).

“Passei a demorar para entender que, quando chegava mais cedo, eu ficava em um banquinho próximo da biblioteca, olhando para a natureza e esperando dar o meu horário. Eu estava mais fora do que dentro, porque, afinal, a sala dos professores estava ali, os lugares “reservados” estavam ali. E talvez isso partisse da minha dificuldade de me reconhecer como parte daquele lugar — no ser professora”. (Escrevivência de Julia).

B) Solidão racial: Aparece em quase todas, seja como falta de pares, seja como ausência de representatividade em cargos de poder, no percurso acadêmico/escolar ou na formação.

‘A professora era a única docente negra concursada com quem tive aula’. (Escrevivência de Carolina).

“Já nessa fase em que fazia magistério, estava em uma turma só de mulheres, a estratégia do coletivo fortalecia a cada uma do grupo, mas ainda assim eu era das poucas pessoas negras em um colégio católico e de classe média alta, obviamente estudando com bolsa”. **(Escrevivência de Regina).**

“No mestrado, professores negros eram minoria, mas, dessa vez, eram uma minoria ainda mais evidente, sabe?”. **(Escrevivência de Helena).**

“Lembrei de toda a minha trajetória na graduação e pós-graduação, da quantidade de discentes negros/as que estavam naquele espaço (pouquíssimos), nas dificuldades que passamos, nos acessos que não tivemos, nas invalidações e racismos que sofremos”. **(Escrevivência de Fátima).**

“Ter conhecido a psicologia social foi muito importante na minha vida, mas só ouvi falar sobre relações de gênero e raça por minha própria conta. Nenhum professor nunca abordou isso em sala de aula, e eu não tive nenhum professor negro durante a graduação”. **(Escrevivência de Maria).**

“Fiz faculdade de Psicologia e me formei em 1999 na _____. Eu era a única aluna negra da turma, tinha uma outra colega que era de pele clara, que ninguém via como negra, apesar de ela se identificar como tal, passei por diversos processos de racismo e machismo”. **(Escrevivência de Maria).**

“Não me lembro de nenhuma disciplina, ou grupos de estudos, ou formação voltada para as relações raciais”. **(Escrevivência de carolina).**

“Não me lembro de estudar autores negros, Milton Santos seria o único que saberia citar nesta época, professoras negras na graduação também não, talvez hoje as reconhecessem como negras de pele clara, mas os processos de alisamentos e de embranquecimento, talvez não me permitissem identificar”. **(Escrevivência de Regina).**

“Inclusive, agora que te escrevo percebo que não era questão de classe, era de raça, eu era a única mulher negra da turma”. **(Escrevivência de Julia).**

“O curso onde fiz toda a minha formação (graduação, mestrado e doutorado) era, e ainda é, bastante conservador, os professores, em sua maioria eram brancos e de classe média. Me recordo de 2 professores negros, mais velhos e um pouco distantes”. **(Escrevivência de Fátima).**

C) A potência da figura negra no espaço acadêmico como representatividade

“Um dia uma aluna me contou que no começo do semestre elas e as amigas deram foram me ver, porque ficaram sabendo de uma professora preta e elas queriam me conhecer”. **(Escrevivência de Julia).**

“Uma aluna falou: professora ter vc aqui me inspira, eu achava que psicologia era só para brancos”. **(Escrevivência de Julia).**

“A percepção das alunas sobre minha negritude sempre me encantou, a importância do outro de ver neste lugar e se mirar nele. Essa alegria não anulava o espanto de alguns discentes e até de docentes ao perceber que fosse eu a estar naquele lugar”. **(Escrevivência de Regina).**

“Uma das professoras do curso de Psicologia, era formada em Serviço Social, isso nos aproximou bastante e a outra psi também era uma mulher negra, nossa amizade se construiu de forma muito rápida e natural. Nos tornamos referência uma para outra e assim nos fortalecemos muito no nosso trabalho”. **(Escrevivência de Fátima).**

“Algumas alunas negras me dizem que eu sou uma inspiração. É muito bom inspirar as pessoas”. **(Escrevivência de Maria).**

“Gosto da interação com as/os estudantes e da sensação de poder ser algum tipo de referência para as/os pretas e pretos que estão ali”. **(Escrevivência de Carolina).**

“Em uma especialização uma aluna preta, me seguia com os olhos pela sala e sorria concordando toda vez que eu finalizava uma fala, um dia lhe dei uma carona e ela falou que eu era a primeira professora negra que ela tinha tido na vida e foi falando de todos os seus planos para a docência, a continuidade da formação e a vontade do concurso público, finalizou descendo do carro com a seguinte frase: que bom poder falar isso com você, sei que você me compreende!”. **(Escrevivência de Regina).**

4) CONEXÕES PESSOAIS E FAMILIARES

A) Influência da família para continuar nos estudos

“Estive em escolas públicas e particulares durante a minha vida, filha de um pai branco e uma mãe preta, não havia cobranças explícitas sobre minha raça/cor, mas para ambos os estudos dos filhos, 5 ao todo, era obrigatório e vinha sempre com o enunciado de “vencer na vida”. **(Escrevivência de Regina).**

“Na época aquela irmã tinha concluído o mestrado e pensei vou fazer isso aí também. Vou chegar lá. E foi isso que me mobilizou a estudar”. **(Escrevivência de Júlia).**

“Sempre fui considerada à estudiosa da família. Nos estudos, revezei entre escolas públicas e privadas, quando a minha mãe conseguia pagar, pois ela sempre fez o que podia e não podia para tentar me proporcionar a melhor educação possível”. **(Escrevivência de Fátima).**

“O pai e a mãe dela eram psicólogos, pretos. Acho que foi daí que a psicologia me chegou aos olhos”. (Escrevivência a Carolina).

Ao longo da leitura das escrevivências e de destacar algumas partes delas, fui percebendo a existência de certos padrões que atravessam as trajetórias das professoras negras, sinais sutis e intensos de experiências compartilhadas. É a partir desses ecos que emergem quatro dimensões centrais que merecem destaque: o embranquecimento como estratégia de sobrevivência, o sentimento constante de não pertencimento, a solidão marcada pela falta de representatividade e a dororidade.

A) O embranquecimento como estratégia de sobrevivência

As cartas revelam percursos atravessados por tensões profundas que se inscrevem no corpo, na subjetividade e nas relações institucionais. Entre elas, destaca-se a constante tentativa de embranquecimento, relatada por algumas professoras (inclusive por mim), como estratégia para sobreviver em um meio marcado pela hegemonia branca. Esse movimento não é isolado, mas parte de um processo social mais amplo, que Frantz Fanon (2023) descreve em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Segundo o autor, o negro, ao nascer em um mundo racista, se vê diante de uma armadilha ontológica: ele não se reconhece apenas por si mesmo, mas através do olhar do outro, um olhar colonizador. Esse olhar o define como inferior e, para alcançar algum nível de aceitação, muitas vezes sente-se compelido a adotar “máscaras brancas”, isto é, incorporar valores, comportamentos e características associadas à branquitude. Trata-se de um processo doloroso, pois implica negar a si mesmo, rejeitar sua identidade e buscar um reconhecimento que nunca se realiza por completo.

Essa dinâmica está relacionada ao que Fanon denomina epidermização do racismo, a inscrição do racismo na pele e na subjetividade. A interdição ontológica acontece quando o sujeito negro descobre sua negritude pelo olhar branco, sendo aprisionado na condição de corpo colonizado. Sob a lógica colonial, esse corpo é construído como inferior, animalizado, desprovido de humanidade, patologizado, hiper sexualizado, reduzido à dimensão física e, ao mesmo tempo, transformado em objeto de desejo e narcisismo do outro. Neusa Santos Souza (2021) acrescenta que, diante desse processo, a existência negra se organiza a partir da assimilação da branca como condição de possibilidade para ser. Em termos psicanalíticos, isso se expressa na construção de um ideal do ego branco, para que o ego ideal se torne

suficientemente embranquecido, ainda que apenas no plano da fantasia, permitindo ao sujeito imaginar-se como humano ao tornar-se, simbolicamente, branco.

Quando observamos as professoras negras tentando embranquecer-se física e culturalmente, alisando os cabelos, buscando proximidade com colegas brancos ou silenciando sua orixalidade, podemos compreender esses gestos como reflexos diretos dessa lógica descrita por Fanon (2023). O corpo negro, nesse contexto, é percebido como um obstáculo à ascensão social e profissional, sobretudo em espaços historicamente elitistas e racializados, como a educação superior. Assim, ao buscar adequar-se ao padrão eurocêntrico, essas mulheres performam a partir de uma espécie de desejo de branquitude, um desejo que não nasce de escolhas livres, mas é produzido e imposto pelo sistema colonial-racista.

Essa tentativa, contudo, não elimina as marcas do racismo. Como afirma Fanon (2023), mesmo com a máscara branca, o negro permanece negro aos olhos do branco. A máscara não apaga a pele, e a promessa de aceitação nunca se concretiza. O resultado é um profundo sofrimento psíquico, que se traduz em um sentimento de alienação: não se pertence plenamente ao mundo branco nem ao mundo negro, ocupando um espaço de não lugar.

No entanto, esse percurso de negação não é definitivo. Com o tempo, muitas professoras negras passam a reconhecer-se como sujeitos plenos, afirmando seus cabelos crespos, traços físicos e orixalidade como dimensões centrais de sua identidade. Esse movimento representa uma descolonização do imaginário, na medida em que rompe com a lógica da máscara branca e ressignifica o corpo negro como território de potência, ancestralidade e resistência.

Para a psicanalista Neusa Santos, o processo de tornar-se negro representa um caminho de resistência ao apagamento de identidade imposto pela necessidade de “embranquecer-se” como estratégia de ascensão social. Segundo a autora, “o negro que elege o branco como Ideal do Ego engendra em si mesmo uma ferida narcísica, grave e dilacerante, que, como condição de cura, demanda ao negro a construção de um outro Ideal de Ego” (2021, p.77). Ao elencar o Ideal de Ego branco e lutar pela (re) construção de um novo Ideal de Ego a luz da afirmação da identidade negra, o indivíduo negro passa a fazer um movimento de se conectar com sua história, subjetividade e identificação. Assim emerge sua potencialidade, que vai se fortalecendo a partir de suas experiências advindas de sua opressão (SANTOS, 2021).

B) O sentimento constante de não pertencimento

As cartas evidenciam um sentimento constante de não pertencimento vivido pelas professoras negras em instituições historicamente marcadas pela branquitude e pelo elitismo. Esse deslocamento se manifesta de forma sutil, porém profunda, tornando os corpos dessas mulheres visivelmente dissidentes em relação ao espaço acadêmico. Ahmed (2012), ao estudar diversidade e inclusão em universidades na Austrália e no Reino Unido, descreve a “experiência do estrangeiro”, na qual indivíduos que se diferenciam do padrão dominante percebem que sua presença causa estranhamento, mostrando que certos corpos são considerados mais “naturais” para determinados espaços do que outros. Essa percepção evidencia como o pertencimento é construído socialmente e como espaços institucionais funcionam como extensões de corpos hegemônicos.

A universidade, nesse contexto, opera sob a lógica da branquitude, para mulheres negras, esse padrão invisível impõe uma experiência constante de deslocamento, na qual aprender a não perceber a branquitude se torna, paradoxalmente, uma estratégia de sobrevivência. Sentir-se repetidamente como corpo que não se encaixa é exaustivo e afeta profundamente a subjetividade, exigindo esforço cotidiano para permanecer e atuar nesses espaços.

Para além da exaustão, o nosso espaço geográfico dentro da instituição também se vê reduzido. Muitas de nós experienciamos essa limitação em um espaço social bastante comum nas instituições educacionais: a sala dos professores. Esse ambiente, que deveria funcionar como um local de socialização e troca entre os profissionais, frequentemente se torna violento e hostil para mulheres negras. O sentimento de não pertencimento é tão intenso que muitas acabam por evitar entrar nesse espaço, reafirmando a percepção de deslocamento e exclusão. Assim, o corpo e a presença se tornam marcadores de diferença.

Portanto, o ambiente, que deveria ampliar as possibilidades de interação e circulação dentro da escola, torna-se um espaço de tensão e exclusão, onde o sentimento de não pertencimento é intensificado. Nesse contexto, a análise de Milton Santos (2002) sobre corporeidade, individualidade e cidadania oferece uma perspectiva iluminadora. A corporeidade de acordo com Santos (1997) é como a experiência pode ser vivida do indivíduo no mundo. Então temos um corpo (o corpo negro), a corporeidade (a experiência desse corpo) e o espaço físico, que é a sala dos professores. Este local socioespacial, quando atravessado pelo racismo e pelo preconceito, encontra limitações objetivas e simbólicas.

Na sala dos professores, a corporeidade das mulheres negras é marcada pela restrição de espaço e de circulação, pois o ambiente não lhes oferece conforto ou reconhecimento, funcionando como uma barreira à manifestação plena do corpo e da subjetividade. O des (locamento) e a visibilidade forçada reforçam a sensação de não pertencimento, evidenciando que a presença de certos corpos não é neutra, mas atravessada por relações de poder e hierarquias institucionais. Assim, o espaço deixa de ser apenas físico e torna-se também simbólico: é um lugar onde a cidadania (entendida como a possibilidade de agir, interagir e ser reconhecida socialmente). (SANTOS, 1997), é parcial ou negada. A sala dos professores, portanto, exemplifica como os espaços escolares, quando atravessados pelo racismo²¹, reproduzem a exclusão social e espacial, transformando locais de convivência potencialmente acolhedores em territórios de tensão, vigilância e invisibilização.

Para além da sala dos professores, outros espaços também se tornam marcadores do não pertencimento: as escolas em que estudamos, as universidades que frequentamos, as salas de aula que adentramos. Esses lugares, destacados tanto por mim quanto pelas demais professoras, são simultaneamente físicos e simbólicos, e neles sentimos dificuldade de nos reconhecer e ocupar plenamente.

Nessa perspectiva, Lélia Gonzalez (1984) ressalta que mulheres negras enfrentam uma interseção de racismo e sexismo que não se manifesta apenas em situações explícitas de discriminação, mas também na forma como os espaços sociais e educativos são estruturados: eles reproduzem normas, práticas e valores que invisibilizam e excluem corpos e experiências negros, tornando o pertencimento quase sempre condicionado à adaptação à lógica branca e masculina. Gonzalez (1984) enfatiza que a ausência de reconhecimento institucional e social reforça a ideia de que certos corpos e saberes não são esperados nesses lugares, tornando a experiência de ocupação desses espaços constantemente tensionada.

Complementarmente, Neusa Santos Souza (2021) contribui destacando como a condição de existência do negro nos espaços socialmente marcados pela branquitude é atravessada por processos de alienação e necessidade de adaptação. Souza (2021) evidencia que, ao se depararem com ambientes que naturalizam a branquitude como norma, indivíduos negros experienciam um deslocamento permanente, que afeta a corporeidade, a subjetividade e o reconhecimento social. Essa perspectiva permite compreender que o não pertencimento não

²¹ Que também poderia ser sobre sexismo, xenofobia, homofobia, etarismo e tantas outras formas de opressão e exclusão.

é apenas um sentimento subjetivo, mas resultado de estruturas sociais e culturais que condicionam quem pode ocupar determinados espaços e de que forma, tornando a experiência de viver e atuar em escolas e universidades um exercício constante de vigilância e resistência.

Eaqui resistimos

C) A solidão e a falta de representatividade

A falta de representatividade, sentida como ausência, também carrega uma ambiguidade: somos nós mesmas que nos tornamos a referência, ocupando o lugar que não estava destinado a nós. Almeida (2020) no artigo intitulado por: EM LEGÍTIMA DEFESA: a escrita feminina negra como enfrentamento e transgressão, aponta como o “ racismo estrutural está no cerne da invisibilidade da intelectualidade das mulheres negras, pois efeitos da hegemonia branca no imaginário social atuam sobre a aceção do que é ser mulher negra, agente de produção intelectual”. (ALMEIDA, 2020, p. 41). Sendo assim, é dificultosa para muitas meninas sonharem em ocupar lugares em que seus pares não ocupam. Confesso, que ainda que essa realidade tenha caminhado para um outro cenário (resultado de muitas lutas) é difícil ter certos sonhos.

E digo meninas, porque não tem como falarmos sobre representatividade de mulheres negras em certos cargos e ocupando certos locais, sem adentrarmos no assunto: sexismo. Como bem aponta:

A combinação de racismo e sexismo perpetuam violências silenciosas que agem historicamente, desenhando o campo intelectual como um *não lugar* para as mulheres negras. O lugar social naturalizado da mulher negra está relacionado ao trabalho doméstico e sexual, imbricado também pela ideia de incapacidade intelectual. (ALMEIDA 2022, p. 41)

Essa combinação pode ser vista também sob outro conceito. O de Racismo Genderizado que pela perspectiva de Kilomba (2019) é a forma de opressão que combina racismo e sexismo, atingindo de maneira específica mulheres negras, cujas experiências não podem ser compreendidas apenas pelo recorte racial ou de gênero isoladamente. Esse tipo de racismo não se manifesta apenas em atos explícitos de preconceito, mas também em microagressões, olhares desconfiados, questionamentos à competência e sutil desqualificação que marcam a vida cotidiana de mulheres negras em espaços tradicionalmente brancos e masculinos. Daí que se é necessário um outro conceito, o de interseccionalidade.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Sendo assim, o racismo genderizado proposto por Kilomba (2019) expressa a mais nítida apropriação certa da interseccionalidade de Crenshaw (2022), pois estamos falando de várias camadas dentro de outras. É sobre o racismo, é sobre mulheres, é sobre mulheres/meninas E negras, é sobre gênero, é sobre sexo, é sobre a forma como mulheres E negras são vistas e representadas socialmente. É sobre as reverberações interseccionais.

Portanto, quando se fala de sexismo, o racismo genderizado se intensifica: mulheres negras enfrentam não só o preconceito racial, mas também a desvalorização de sua voz, de seu corpo, de sua “ocupabilidade” no mundo, de sua autoridade e de sua presença em qualquer espaço público ou acadêmico. Essa sobreposição de opressões frequentemente resulta em invisibilização, seja na pesquisa, no ensino ou em cargos de liderança, tornando suas trajetórias acadêmicas mais árduas e solitárias.

A representatividade da mulher negra em espaços acadêmicos é, portanto, tanto simbólica quanto política: elas se tornam a própria representação de resistência e presença. Sobre essa questão Beatriz Nascimento em seu livro: O negro visto por ele mesmo, pontua que: “é preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível. Porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro, e em cada um, o reflexo de todos os corpos”. (NASCIMENTO, 2023, p.33). E muitas vezes tentamos nos tornar visíveis, carregando a responsabilidade de abrir caminho para que outras também se tornem, mesmo enquanto lidamos com a constante desconfiança e subestimação de colegas, alunos e instituições.

Dorridade

Os caminhos percorridos por mulheres negras carregam marcas que moldam suas identidades, revelando pontos de encontro e afinidade entre suas histórias, que são escrevivências. Aqui nesta tese, a partir delas, pudemos observar muitos pontos confluentes. Eu poderia parar aqui, mas como a vida é realmente montanha, ao ler e procurar bibliografias por aí nesse mundo. Fui surpreendida com um conceito que até então eu não tinha conhecimento. Dororidade! Uma palavra tão pequenina, (que fiz questão de deixar em destaque), mas de grande significado. Cunhado por Vilma Piedade, Dororidade é uma proposta em substituição ao conceito de ‘sororidade’. Para Piedade (2022) Dororidade é a cumplicidade que une mulheres negras e essa aliança é advinda da dor que é sentida por todas as mulheres negras. Daí que sororidade, para a autora não alcançaria toda a experiência vivenciada por esse público. Nas palavras de Piedade (2022, p.16) ‘Dororidade, pois, contém todas as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é preta’.

Nesta tese, aquilo que mais foi evidenciado, foi a dor. Dor que muitas vezes é subjetiva, objetiva, estampada, inconsciente, dor da perda, dor do ganho, dor de ser, dor de não ser, dor de querer, dor de também não querer, dor de fazer parte e de não fazer. ‘Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico, pelo não lugar. Pela invisibilidade do não ser, sendo ‘. (PIEADADE, 2022, p.16).

Todas nós participantes desta tese, demonstramos escrevivências únicas, mas semelhantes em muitos lugares. O não lugar, a culpa, o sofrimento, a vergonha, a vontade, o cansaço, mas também o orgulho, a esperança, a resistência.

A resistência sempre esteve conosco. Ainda que estejamos com fraturas expostas, estamos caminhando. Entretanto dói. Dói correr com as fraturas, dói correr com elas em processo de cicatrização, dói correr quando já se curaram, dói pelo simples fato de doer. E nenhuma de nós utilizamos a palavra D.O.R. Mas ela existiu.

Portanto, ao ler e me aproximar das cartas, ficou nítido que a dororidade é tanto um resultado quanto um instrumento das escrevivências. Ela permite que experiências individuais se conectem em redes de sentido, transformando sofrimento em reconhecimento e, principalmente, em potência para resistir, existir e criar coletivamente. Essa tese revela, assim, que a dororidade não é apenas um conceito teórico, mas uma prática viva, que atravessa a escrita, a memória e a vida, conectando mulheres negras entre si e abrindo caminhos de cuidado



uma com as outras. Escrevivências de mulheres negras estão no mesmo espiral que a dororidade.

CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO, NÃO FINAIS

As escrevivências das professoras negras aqui reunidas se apresentam como fluxos de intensidades que se entrelaçam, se afastam e se reencontram, construindo trajetórias que não se linearizam, mas se espiralam. Em cada carta, pulsa a afeição pela docência, o orgulho de resistir e a esperança de transformar os espaços acadêmicos, sempre atravessados por tensões, cansaço e inseguranças. Ensinar, para essas mulheres, não é apenas transmitir conhecimento: é ocupar um lugar, afirmar uma presença, criar mundos possíveis para si e para os outros.

No campo profissional, emergem desafios estruturais, precariedades e desvalorização, mas também criatividade, autonomia e potência transformadora. As professoras inventam maneiras de ensinar, conduzir e inspirar, mesmo diante de limites institucionais e expectativas conservadoras. Cada prática pedagógica carrega em si a ressonância da alteridade e o desejo de construir vínculos significativos com estudantes, especialmente com aqueles que se reconhecem na negritude e nas histórias atravessadas pelo racismo.

O racismo e a solidão racial aparecem como fios invisíveis que atravessam as trajetórias, moldando percepções, comportamentos e afetos. A ausência de pares, de representatividade e de referências em espaços de poder evidencia a força da negritude como marca estruturante da experiência profissional. Ao mesmo tempo, emergem encontros e conexões que ativam potência: a presença de professoras negras, o reconhecimento dos estudantes, a construção de redes de afeto e cuidado. Cada gesto de referência, cada sorriso de identificação, cada reconhecimento silencioso ressoa como um território conquistado, uma paisagem de pertencimento construída na tensão entre exclusão e afirmação.

As conexões familiares e pessoais funcionam como fios que sustentam o percurso, oferecendo inspiração, cuidado e força. Histórias de familiares que valorizam os estudos, de colegas que se tornam referência, de amigadas que acolhem e fortalecem, se entrelaçam com as trajetórias acadêmicas, mostrando que o percurso não é apenas

institucional, mas atravessado por vínculos afetivos que se perpetuam no tempo e na memória.

Com o intuito de elaborar uma tese cuja estética fosse sensível às intensidades, ressonâncias e confluências emergentes, esta pesquisa não pretendeu reduzir trajetórias a categorias ou medir experiências, mas capturar o fluxo das experiências vividas, perceber como cada história ressoa na outra e se conecta a padrões comuns sem apagar singularidades. Como um mar que é um só, mas em cada onda se apresenta diferente, cada trajetória aqui narrada contribui para um entendimento coletivo, complexo e pulsante da presença de mulheres negras na Psicologia.

Essas escrevivências não apenas mapeiam desafios e conquistas, elas nos convidam à escuta atenta, à reflexão sobre ensino, raça e afetividade, e apontam caminhos para espaços acadêmicos que sejam mais inclusivos, respeitosos e potentes. Elas nos lembram que ocupar um espaço não é apenas estar presente: é transformar, resistir e fazer do lugar de cada uma um território de potência para todas.

Nós existimos, resistimos e ocupamos! Que cada presença nos lugares de saber seja um grito de liberdade, um horizonte aberto para todas que vêm depois!

AVANTE..

CARTA PARA VOCÊ, CRIANÇA!

Queridas crianças,

Vocês sabiam que cada pessoa tem uma história especial para contar? Durante meu trabalho, muitas professoras contaram suas histórias de vida, seus aprendizados e desafios. Cada história é como uma pequena luz que ajuda a gente a entender o mundo e a nós mesmos.

Aprendi que viver é como uma espiral: às vezes a gente dá voltas, às vezes volta um pouco atrás, mas sempre seguimos em frente, aprendendo e crescendo.

Espero que vocês também lembrem que suas histórias são importantes, que cada sentimento que vocês têm merece ser escutado, e que cada dia é uma nova oportunidade de aprender e cuidar de vocês e das pessoas ao redor.

Não cresça sem imaginação, não se tornem adultos chatos, não permita que você não seja importante. Sua história não acaba quando você se torna ‘grande’. Por mais que você pense isso, não é verdade!

Nós adultos temos uma mania feia de achar que vocês, crianças, nada sabem, não acredite nisso! Vocês sabem, todos sabem, todos nós podemos aprender e ensinar.

Eu peço de verdade que você criança, possa ser uma criança feliz. Que crie personagens diversos, que tenha comida na barriga, que possa morar em uma casa bonita e que sua cama seja macia. Que a água que sai do seu chuveiro, seja muito quentinha. Que você tenha um chuveiro! Nós chamamos isso de dignidade. Pelo menos o mínimo dela.

Para você criança negra, você é linda demais. Seus cabelos são perfeitos e cheirosos, a cor da sua pele é muito bonita. Tudo em você combina. Seu cheiro é gostoso e seu sorriso ilumina um dia inteiro. Você pode ter grandes amigos e merece uma vida bonita.

Para você criança negra, eu peço que nunca deixe ninguém dizer que você não vale a pena. E se escutar palavras ofensivas sobre si mesmo, tente não levar isso como

verdade. Ande de cabeça erguida! Sonhe alto, mais alto que as estrelas. Você pode ser o que quiser.

Para você adulto, tente tomar um banho com meia nos pés. Deite-se no chão para ver o céu e imaginar figura nas nuvens, mesmo que não tenha o carro do ano ou que ainda não esteja com a vida resolvida aos 30 anos de idade. Eu sei que a vida anda difícil e que o capitalismo nos engole, mas precisamos de vez em quando romantizar a vida ainda que ela não esteja sendo fácil. Precisamos viver mais como crianças. Criançar no mundo adulto. Vamos juntos, de mãos dadas, tentando fazer desse cosmo, uma grande casa.

Deixe a sua marca no mundo.



REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. *On being included: racism and diversity in institutional life*. Durham/London: Duke University Press, 2012.

Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros.

ANDRADE, C. D. de. *Uma pedra no meio do caminho: Biografia de um poema*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

Aparecida Sueli CARNEIRO. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *O pacto narcísico da branquitude: racismo e poder nas organizações*. Cadernos Sempreviva, São Paulo, n. 11, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2004. 368 p. ISBN: 8502029002.

BRAGA, Alexandre Francisco. *As bancas de heteroidentificação racial: apontamentos a partir da experiência da UFMG*. REPECULT-Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura, v. 5, n. 9, 2020.

BRASIL, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.html.

Carneiro, Sueli (2004, 29 de maio). Negros de pele clara Portal Geledés: Instituto da Mulher Negra. https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/?gad_source=1&gclid=Cj0KCCQjwzva1BhD3ARIsADQuPnXkU2cYhtAGRKO3L0l_gC2Ur3VLwA9zS8jwMUVFFDrxZ2ilHGpkkooaAvTnEALw_wcB.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Construção da Identidade étnico-racial: o que as crianças pré-escolares têm a dizer? In: VIII Fórum Internacional de Pedagogia, 2016, Imperatriz - MA. VIII Fórum Internacional de Pedagogia, 2016.

COSTA, Joaze Bernardino. GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado, Brasília, 2016.

Dantas Ferreira, M., Ogêda Guedes, A., & Oliveira da Silva, E. (2025). CARTAS ENTRE PROFESSORAS-PESQUISADORAS: POR UMA EDUCAÇÃO-PESQUISA-ESCRITA (QUE) COM(N) VIDA. Revista Debates Insubmissos, 7(26), 54–82. <https://doi.org/10.32359/debin2024.v7.n26.p54-82>.

DELEUZE, Gilles. Spinoza: Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Suely Rolnik. Vol. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DJOKIC, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. Mulher negra: Portal Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/> Acesso em 20 ago 2019.

ESPINOSA, B. Ética. [tradução de Tomaz Tadeu]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Evaristo, Conceição. Escrivivência: a escrita de nós. In: Cunha, Lúcia. Literatura negra: 200 anos de literatura afro-brasileira. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências e outros ensaios de luta. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FALATUDJONGA – O Menino Que Queria Ser Deus. FALATUZETRE. Youtube. 26 de jun. 2018. 28min55s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cDs_WEsYW1Q&t=292s. Acesso em: 12 jul. 2023.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, J.W. A Aula como Acontecimento. São Paulo: Pedro & João Editores, 2015. 208p

GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GONZAGUINHA. O que é o que é?. In: GONZAGUINHA. Cavaleiro solitário. São Paulo: Som Livre, 1991.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p.223-244, 1984.

HASENBALG, C. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Tradução:

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994/1995.

JAPIASSU, Hilton. Nascimento e Morte das Ciências Humanas. Editora Francisco Alves, 1978.

JORGE, M.A.C. Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan – as bases conceituais. Vol.: 1. 6ª ed. Zahar: Rio de Janeiro, 2011.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira e Dayse Lisboa. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Leite, A. M. P. (2024). Pesquisa acadêmica: a escrita na primeira pessoa do singular. *Transinformação*, 36, 1–14. Recuperado de <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6865>.

LINS, Daniel. Manguê's school ou por uma pedagogia rizomática. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, Set./Dez. 2005.

LOPES, J. J. M. As palavras são nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo: enunciações sobre amorosidade. In: DUARTE, A.; CONCENCIO, M. (Orgs.). *Palavras Bakhtinianas para mudar o mundo*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020b.

MARIA DOS ANJOS DE JESUS (Minha avó), por que não?

Ministério da Educação. (2017). Novo Ensino Médio – perguntas e respostas: O que é o Novo Ensino Médio? Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> .

Ministério da Educação. (2018). Guia de Implementação do Novo Ensino Médio. Recuperado de <http://novoensinomedio.mec.gov.br/#!/guia>.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Estudos Avançados. São Paulo, 2004.

NÓVOA, A. et al. Vidas de professores. Portugal, Porto editora, 2014.

PARREIRAS, C.; MACEDO, R M. Desigualdades digitais e educação: breves inquietações pandêmicas. In: TONIOL, R.; GROSSI, M. (orgs.). Cientistas sociais e o coronavírus. Florianópolis: Tribo da Ilha Editora, 2020. p. 485-491.

PIEIDADE, Vilma; TIBURI, Marcia. Dororidade. Nós, 2018

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção Docência em Formação).

PRADO, A. Oráculos de maio. Siciliano: São Paulo: 1999.

Quijano, A. (2000). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142.

RECH, R. A. C. BOFF, E. T. O. A constituição da identidade docente e suas implicações nas práticas educativas de professores de uma universidade comunitária. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 102, p. 642-667, 2022.

SANTOS, MILTON. As cidadanias mutiladas. In: GERNER, Júlio (org.). O preconceito. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997, pp. 133-144.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. In: SANTOS, Milton. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002, pp.157-161.

SCHULTZ, D., SCHULTZ, S.E. História da Psicologia Moderna. Suely Sonoe Murai (trad.). Cengage Learning: São Paulo, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. 2021. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 171p.

TEODORO, C. A CONSTITUIÇÃO DE CORPOS NEGROS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O LUGAR DA IDENTIDADE E DO PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 33, p. 110–133, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1005>. Acesso em: 3 set. 2025.

Vigotski, L. S. (2006). Obras Escogidas IV. Machado Libros

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929, in Educação e Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), nº 71, pp. 21-44, Campinas, CEDES, 1929/2000.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 9 out. 2023.

SARAVÁ